Alicia Gallotti

Kama Sutra XXX

as práticas sexuais mais inconfessáveis

temas de hoje.

Alicia Gallotti

Kama Sutra XXX

as práticas sexuais mais inconfessáveis

tradução
Márcia Frazão

temas de hoje

Contracapa:

Original e atrevido, provocativo e direto, *Kama Sutra XXX* desvenda o lado oculto do sexo e da mente. Você descobrirá jogos e condutas que o levarão a se excitar só de olhar, a unir dor e prazer, a submeter-se e dominar, a se disfarçar para desejar e a querer mais de dois na cama... Essas são algumas das variantes sexuais até agora inconfessáveis, e que este livro revela com detalhes, histórias reais e ilustrações explícitas.

Índice

JOGO DE PAPÉIS

O estímulo se acha na pele do personagem

Os amantes preferem disfarces com alma erótica

Diga-me como te vestes e te direi o que desejas

Fantasias, esses filmes da imaginação

Um caminho de sensações encontradas

Os desejos ocultados se transformam em argumentos

SEXO ÀS CEGAS

O temor é a semente do prazer

Fronteiras e liberdades para gozar nas sombras

Sensações que transportam para o desconhecido

Os segredos sensuais da penumbra

QUEM MANDA É O PRAZER

Ordens e subjugação com limites

Para os que mandam, para os que obedecem

Amantes de domínio público

OBJETOS DO DESEJO

Uma longa via até o desejo

Os aparatos que fazem gozar

Peitos, bundas e outras fixações

O discreto encanto dos pés

SEXO ANAL

Contra os medos, delicadeza e informação

A chave: limpo por fora e limpo por dentro

A delicada questão da penetração

Introdução

O sexo reprodutivo, monogâmico e controlado, onde o homem é aquele que procura e a mulher a que recebe, é um modelo imposto por uma cultura rançosa e conservadora cuja influência nos persegue. Todas as práticas que se afastam do coito são estigmatizadas. São perversões pecaminosas malvistas pelo contexto. A mensagem é clara: só vale o que é aceito socialmente. Os outros jogos sexuais ocultam-se atrás da cortina sombria do inconfessável: não só existe o temor de realizá-los como também de falar a respeito.

São esses os resultados de uma sexualidade amordaçada pelos tabus sociais, onde não está prevista a busca do prazer pelo prazer; onde ninguém pode se perguntar o que realmente deseja e por que não pode fazê-lo; onde o medo de ser julgado pelos outros funciona como uma inibição paralisante. Em suma, uma ideologia sexual castradora em que prevalece a idéia de culpa como freio do desejo.

O sexo se nutre da busca de sensações prazerosas em liberdade. Assim, todas as práticas apresentadas neste livro se realizam por meio de uma relação harmônica, respeitosa e sem obsessões, e não são mais que formas lúdicas para desfrutar a sexualidade. Existe aquele que gosta de olhar e o que gosta de se mostrar; há os que se encantam em fazer o jogo de submeter o outro e os que gozam quando são reduzidos à submissão; muitos fazem do ânus o centro do prazer e outros sentem crescer a paixão adorando um objeto; há ainda os que sublimam o gozo no sexo grupal e os que intensificam o desejo interpretando papéis distintos de sua personalidade. São fórmulas para buscar a excitação que dá ensejo ao gozo.

Seja como for, essas práticas sexuais não são novas nem foram descobertas recentemente: o *Kama Sutra* original já fazia menção a elas, e muitas pessoas que colaboraram descrevendo suas preferências sexuais relataram muitas das práticas compendiadas neste livro. Trata-se, então, de resgatá-las do mundo opaco do inconfessável, trazendo-lhes à luz e dando-lhes legitimidade; acreditar com firmeza que se trata de uma rica variedade de opções

para desfrutar que não merecem ficar nos rincões da imaginação.

Não por acaso, nessas páginas não se fala de *perversões* nem de *desvios,* ou de práticas qualificadas como *voyeurismo, exibicionismo* ou com outros rótulos que indicam conflitos de conduta e possuem uma carga negativa. Por isso, com uma piscadela de cumplicidade ao leitor, preferimos chamá-las de *práticas inconfessáveis.* Afinal, a intenção é que todos possam continuar incorporando os seus papéis sexuais apenas como um jogo para estimular a libido sem limites.

Quero agradecer afetuosamente a colaboração do psicólogo **Rafael Ruiz,** pois sua orientação e suas reflexões precisas tornaram este livro possível.

Psicologia do sexo

Três instintos básicos dirigem a conduta das pessoas: o de *conservação,* que ajuda a manter a vida; o *social,* que facilita o relacionamento com outros seres, e o *sexual,* que assegura a preservação da espécie. Os dois primeiros são aceitos com unanimidade por todos os Grupos sociais como necessidades vitais. Sobre o terceiro pairam dúvidas. E dúvidas que geram medo. E esses medos trazem repressão. Em síntese, é esse então o fio condutor da influência social sobre a vida sexual das pessoas.

São enormes as diferenças de percepção da sexualidade entre os muitos clãs, tribos, sociedades e nações que hoje constituem o planeta. Contudo, salvo poucos grupos que vivem quase totalmente isolados nas selvas amazônicas ou de Papua Nova Guiné, o comportamento sexual humano encontra-se sob os desígnios dogmáticos da moral religiosa ou sofre sua influência. Mais além do instinto natural transmitido geneticamente, a influência do contexto acaba modificando, desviando essas normas naturais a fim de reprimi-las. E é a moral que infunde regras sustentadas pelo medo, pelo conservadorismo e pelos castigos; ela penetra na mente e desenvolve dezenas de barreiras, desde o início da vida até a maturidade.

Os filhos da repressão

Desde o nascimento os valores sexuais são inculcados com mensagens sutis na mente das crianças. Em geral, esse tipo de informação é negativo: *não toque aí em você; vire pra lá e não olhe, não diga isso...* Nessa primeira fase de formação da personalidade, o sexo aparece como um tema opaco, como se fosse um buraco negro que exerce grande atração mas pode ser visto. Os adultos falam com sigilo e com meias palavras, achando que a criança não entende. E se a criança pergunta alguma coisa, os adultos só fazem aumentar a fábula do mistério: replicam com um balbucio incoerente, transferem a resposta para quando ela for maior ou repreendem com severidade "tamanho atrevimento", como se não fosse bom falar disso. Essa variedade de castrações vai desde a

mentira ou a evasiva até o castigo. Nesse clima de obscurantismo, a sexualidade começa a flertar com o proibido. E o proibido se transforma no desejado, ainda mais se é impulsionado por um instinto básico, um instinto natural que, na puberdade, começa a se articular com respostas físicas notórias. Pleno de energia sexual e sem saber o que fazer com ela, o adolescente termina enchendo a mente de contradições. Assim, o sexo proibido e misterioso se vê numa luta aberta com a força natural do desejo transbordante. O adolescente assume essa cachoeira de sensações com dissimulação e culpa porque pensa que o seu apetite sexual é inadequado: a contundente educação repressiva e as mensagens que lhe são transmitidas pelo ambiente repetem seguidamente que ele não deve realizar aquilo que sente, e que, se o fizer, não deve falar. A repressão tem, então, a hipocrisia como última aliada. Com esses valores constrói-se uma sexualidade incompleta, e isso provoca uma satisfação irregular e escassa. Com uma visão tão estreita da sexualidade, é preciso superar inúmeros obstáculos e se desprender dos princípios das doutrinas repressoras para poder evoluir. E logo, vencer o medo da liberdade de escolha e permitir a si mesmo dar e receber prazer sem levar em conta as inibições.

"O proibido se transforma no desejado, ainda mais se é impulsionado por um instinto básico".

O lado negativo são as forças repressivas do ambiente que contribuem para formar a personalidade. Mas a mente da criança e do jovem, que mais tarde será um adulto sexualmente maduro, também passa por experiências e pressões que marcam sua vida sexual futura e lhe permitem descobrir as sensações gozosas, as diferentes intensidades do prazer. Assim, ele começa a orientar seus gostos e suas preferências sexuais. Quanto maior é a liberdade de eleição e de experimentação, maiores são as possibilidades de modelar uma sexualidade livre de preconceitos. Viver a sexualidade de maneira sadia a partir dessas premissas implica em se permitir trocar e variar de jogos eróticos, sem que isso resulte sempre em uma prova traumática que obrigue a um processo interior para superar essa barreira de contenção. É algo mais espontâneo e livre. Em algumas fases, o que mais estimula é olhar; em outras, o desejo é se deixar levar pelas sensações da submissão; em outras, ao contrário, o que mais apetece é mostrar o

corpo desnudo, exibir-se sem pudor, ou ver filmes eróticos para atingir o limite da excitação. Tudo depende, então, da situação e do estado de ânimo.

As práticas explicadas neste livro são cotidianas e muito mais próximas do que opressão tenta fazer parecer. Mesmo na intimidade mais profunda, aquela que não se confessa e da qual às vezes nem se tem consciência, porque só é sentida, todos já experimentamos satisfação em situações que consideramos marginais: olhar um corpo nu através de uma janela indiscreta, mostrar o próprio corpo na praia e sentir-se desejada, querer ser a protagonista daquele filme em que a mulher, atada por pés e mãos, desfruta do gelo que molha seus lábios, ou desejar ter o controle da situação para que o amante faça tudo que se lhe pede. Esses desejos reprimidos e bloqueados pelo sentimento de culpa são o melhor aval para compreender que se trata de reações naturais e estimulantes do sexo, como outras tantas. Essas vontades convivem diariamente conosco, embora nos encarreguemos de tapá-las, de passá-las para o lado obscuro da mente, esse espaço interior reservado ao inconfessável.

"Quanto maior é a liberdade de eleição e de experimentação, maiores são as possibilidades de modelar uma sexualidade livre de preconceitos".

A descoberta nasce da comunicação

Para recuperar a boa sexualidade que a repressão nos tirou, é preciso falar sobre esses temas: assumi-los como são, estímulos irrefreáveis da vida cotidiana, e trazê-los à luz na intimidade do casal, compartilhá-los e arrancar sua etiqueta de censura.

Já se disse repetidamente em inúmeras ocasiões que a comunicação entre os amantes é necessária para desenvolver um bom relacionamento e melhorar a sexualidade individual. No caso das práticas sugeridas nestas páginas, tal premissa é indispensável. Conhecer os gostos e a reações, o que incomoda ou desagrada o outro, é o que faz com que os jogos avancem. Todas as práticas descritas neste livro necessitam de uma comunicação entre eles antes, durante e depois de que sejam levadas a cabo. Conversar sobre isso traz luz ao relacionamento: pode-se saber se ela ou ele está de acordo em ser imobilizado ou vendado, ou se o jogo de papéis ou o sexo em grupo está sendo estimulante.

Em suma, deve-se aprofundar essas informações para ter consciência de quais são as fantasias ou os medos, e até onde se está disposto a chegar. Essa também é a fórmula mais válida na luta contra a rotina nas relações sexuais.

Assim se limpa o caminho para novas experiências ou para alternativas que possam recriar as práticas anteriores que o casal deseje renovar. A sexualidade contrária à convenção ou à tradição se sustenta em negociações entre as duas partes até que se chegue a um acordo, em que ambos se achem satisfeitos. Tal é a chave-mestra para que o inconfessável não seja uma trava psicológica no desenvolvimento de determinadas práticas sexuais, e que seja simplesmente um estímulo a mais para que a sexualidade compartilhada se torne prazerosa, como os amantes merecem.

"*A comunicação entre os amantes é indispensável para desenvolver um bom relacionamento e melhorar a sexualidade individual*".

Desfrutar, olhando

O desejo tem efeitos mágicos sobre os olhos. Quando entra neles, agiganta-os, fazendo-os fixar o olhar e dando-lhes um brilho inconfundível. A partir daí esses olhos não são mais os mesmos. Perdem a inocência, destilam erotismo. É fascinante perceber que um olhar simples e despreocupado, que vaga sem destino fixo, se transforma imediatamente ao pousar sobre uma cena que estimula a sensualidade. Uma descarga instantânea e profunda faz dessa pessoa um ser invadido pelo desejo sexual. Ela se excita com o que vê, seu coração se acelera, a imaginação dispara, a pulsação aumenta. Seus olhos brilhantes se concentram e sentem uma atração irresistível apenas por aquela cena que, para a intuição, é um caminho até o prazer.

Em muitas ocasiões, a descoberta dessas sensações torna-se um jogo cotidiano. Às vezes, elas são produto do acaso, de um cruzar de olhos ou de um gesto premeditado que busca o olhar. Ocorrem tanto em lugares públicos como privados, com consentimento ou sem ele. E se repetem durante a vida diária muito mais do que pensamos, embora poucas vezes sejam relatadas: são sensações de prazer tão íntimas e intransferíveis que acabam sendo protegidas na gaveta das recordações inconfessáveis. Algumas pessoas acham que fazer contato visual significa ficar exposto aos outros. Outras pensam que olhar sem consentimento é uma sensação contraditória: a formação moral diz que isso é um "ato inadequado" ou "impuro", enquanto o corpo grita o contrário. Essas reações dependem em parte das experiências passadas, pois o desfrute dos estímulos através do olhar cresce em cada pessoa desde os primeiros impulsos sexuais.

O despertar sexual entra pelos olhos

A descoberta da sexualidade na infância marca a vida sexual adulta. Muitas situações que remontam a essa etapa costumam ter uma força excitante e primitiva. Nesses momentos iniciais, o olhar cumpre um papel muito

importante: os adultos são olhados às escondidas; as crianças lêem revistas para adultos ou vêem filmes proibidos para essa idade. Contudo, todos esses atos são feitos com o medo de ser descoberto, pois a educação social transmite à criança que tais atitudes são pecaminosas. Quando essa criança se torna adulta, aqueles reflexos — antes passam a influenciar sua conduta. Ao olhar e ser olhado, o adulto recupera em muitas ocasiões as emoções e sensações prazerosas daquela época, mas também as associa com algo que não vai bem. Por isso, muitas pessoas têm dificuldades no momento de fazer o jogo de olhar ou de ser olhado ante uma proposta direta do amante, ou assentem com um pudor tão grande que as impede de desfrutar.

"Muitas pessoas têm dificuldades no momento de fazer o jogo de olhar ou de ser olhado ante uma proposta direta do amante".

Na adolescência, o olhar pode ser um dos primeiros passos para entrar em contato com a sexualidade. Tudo é observado com uma carga sensual inevitável: os adultos com sua auréola atrativa de sapiência misteriosa; os corpos jovens que emitem feromônios na forma de ondas. Os olhos começam a descobrir o que atrai. Os olhares se cruzam com os de alguma garota ou de algum garoto que os arrebata. Através desses olhares, o adolescente começa a descobrir a própria excitação e a própria sexualidade. Esses olhares permanecem indeléveis na memória, e mesmo quando parecem ter se diluído com o tempo, consciente ou inconscientemente acabam reaparecendo para servir de estímulo nas relações sexuais.

"É com muita freqüência que os adolescentes se põem a olhar furtivamente os genitais de outros adolescentes e adultos, ou espiam um casal durante a relação sexual. Isso não é apenas uma chamada dos hormônios, mas também da curiosidade. É algo que eles desconhecem, mas que palpita em torno deles. Algo que ouvem nas conversas e comentam com seus companheiros de colégio. Espiar os faz descobrir novas sensações, todas elas excitantes".

A adolescência também deixa a sua marca na vida adulta quando se trata

de olhar sem ser visto. Essa sensação de semiclandestinidade abre uma ponte para a sexualidade adolescente e também adiciona às situações excitantes um tesão singular, um certo sabor especial e agradável que se reconhece como um vestígio prazeroso deixado pelo passado. Até mesmo quando essas histórias são recordações vividas, elas se revisam na memória e "voltam a se ver", servem para reviver exatamente aquelas mesmas sensações.

"Ela se ensaboava com pausas, desfrutando o frescor da água que eriçava seus mamilos".

Carlos acabara de sair da adolescência e seus estímulos sexuais tinham maior intensidade quando ocorriam às escondidas. Quando estava só, ele se regozijava com olhares furtivos que buscavam as curvas e os decotes, as pernas abertas com descuido ou uma alça caída que desnudava um ombro e ameaçava desproteger um seio. Seu corpo se retesava e vibrava secretamente com o segredo. A revolução dos hormônios o havia invadido e seus olhos atentos a qualquer situação excitante estavam sempre à procura de uma cena sensual. Naquela tarde quente na casa de sua tia, ele subiu a escada para se refrescar no terraço. No caminho pelo corredor, ele viu calcinhas penduradas nos braços da cadeira. Sua respiração se deteve e ele se pôs em alerta, como um predador que fareja a presa. Dois passos adiante, uma camiseta de alça curta, abandonada no chão, assinalava o caminho até o banheiro. Carlos ouviu então o som da água da ducha. Sua prima, Leonor, dois anos mais velha que ele, estava a poucos metros, nua, com seus grandes cachos negros úmidos caindo sobre os seios, desfrutando a água fresca que resvalava por sua pele cálida, que molhava seus seios e caía em cascata do ombro até o canal entre suas pernas. Carlos se regozijava com essa imagem que invadia sua mente; o ruído da água era como uma melodia que o transportava. Despertou desse sonho e deu alguns passos com a esperança de espiar pela fechadura, e seu coração se agitou: a porta estava entreaberta e a cena era inédita. Fazia tanto calor que sua prima deixou a cortina aberta e se apresentava aos seus olhos com o rosto ensaboado, os olhos fechados e todas as curvas e volumes do corpo a descoberto. Somente para ele. Aproximou-se com cuidado, empurrou um pouco mais a porta para ampliar a visão, conteve a respiração e ficou paralisado em silêncio, como uma

estátua de mármore. Ela se ensaboava com pausas, desfrutando o frescor da água que eriçava seus mamilos. Carlos não perdia um só detalhe e seu olhar percorria por partes a nudez da pele de Leonor, sem evitar as minúcias. Vez por outra sua agitação aumentava. Mas a quando ela desceu a mão ensaboada até o peito e logo encheu de espuma seu monte de Vênus, brincando com os cachos de azeviche que o cobriam. O pênis de Carlos pulsava tanto quanto o coração. Ela parecia abandonada ao prazer da água e da espuma que crescia e crescia entre as pernas enquanto sua mão se movia com suavidade. Leonor entreabriu a boca para tomar ar enquanto seu peito se agitava levemente e sua língua sedenta salpicava o jato da ducha. Carlos não agüentava mais a tensão, meteu a mão dentro da bermuda e, apoiado de perfil contra o batente da porta entreaberta, comprimiu o pênis, imitando o ritmo da mão coberta de espuma que se movia e se movia...

Olhar e ser olhado, eis a questão

"O jogo da observação e o estímulo sexual aparecem diariamente na vida cotidiana, de modo que ninguém precisa se sentir culpado porque essas cenas ou visões sensuais despertam a libido, de maneira espontânea e em lugares inesperados".

Nem sempre o prazer de olhar está ligado à espionagem clandestina, mas a sensações que podem surgir a qualquer momento como um exercício íntimo de excitação, quando a observação é estimulante. Pedir ao amante que caminhe nu pela casa em penumbra costuma ser bastante excitante, e faz crescer o desejo. Olhar com calma cada um dos movimentos do companheiro, solicitar que ele faça algum gesto ou que se toque — para olhá-lo com liberdade e excitação —, pode ser um dos jogos que antecedem a relação sexual. O certo é que olhar e ser olhado não é um fato isolado, desvinculado; muito pelo contrário, pode se integrar a outras variantes da relação. Em alguns casos, homens e mulheres se vêem tentados a olhar ou a serem olhados, mas o temor de serem rechaçados ou julgados os faz reprimir esse ato, que pode contribuir para despertar o desejo ou aumentá-lo.

"O interesse e a atração que fazem com que se olhe o outro com desejo são tão profundas que a publicidade se vale de corpos nus em poses e gestos eróticos, como um recurso habitual para promover produtos na televisão e nas revistas. Aliás, outdoors em ruas e estradas, alguns deles monumentais e de conteúdo altamente insinuante, têm sido causa de inúmeros acidentes de transito".

De todo modo, o jogo da observação e o estímulo sexual aparecem diariamente na vida cotidiana, de modo que ninguém precisa se sentir culpado porque essas cenas ou visões sensuais despertam a libido, de maneira espontânea e em lugares inesperados. De repente, os olhos se deparam com um decote audacioso no ônibus ou com uma minissaia sobre músculos firmes, ou com um vestido justo que exibe ou insinua as formas bem delineadas das nádegas ou dos seios, e inevitavelmente a fantasia se desperta. Um homem na piscina ou estirado de barriga pra cima na *jacuzzi* atrai olhares sobre os genitais, que se destacam cobertos por uma sunga justa. São essas situações pontuais que muitas vezes disparam o desejo e monopolizam os olhares, aberta ou dissimuladamente, porque esse estímulo visual é um alimento para o prazer que a imaginação começa a moldar. Até mesmo cenas do dia-a-dia (ela depilando-se, acariciando as pernas e as virilhas, ou a leve massagem nas coxas enquanto espalha creme na pele) podem resultar num espetáculo excitante para o parceiro sexual, sejam elas espontâneas ou produzidas com a intenção de excitar.

"O mamilo reage e David, também. Suspira profundamente, pressente que a cena está começando e se dispõe a olhar com muito mais atenção".

É verão e o dia faz jus a isso: o calor é intenso e cria um clima sufocante e quente. O sol aquece a areia da praia e se multiplica no mar. O cenário é sensualmente selvagem. Manuela está estirada numa toalha e a poucos centímetros, em outra, David está deitado. Ela veste um biquíni minúsculo: o sutiã deixa à mostra metade dos seios, acima dos mamilos. O lado da frente do biquíni cobre o triângulo de Vênus, e por trás uma tira de largura igual à do rego das nádegas ameaça romper-se entre elas. Nesse clima sufocante e quente,

David percorre a noiva com o olhar e sente que cada vez que ela diz algo cresce a excitação. Ela molha os lábios com a língua sem se dar conta do efeito que isso produz em David. As respirações se agitam porque faz um calor insuperável. As gotas de suor deslizam pelo pescoço dela c descem peito abaixo. David se acomoda de perfil e o corpo de Manuela, à contraluz, começa a ser uma miragem erótica e obsessiva. Ela se mexe com lentidão e também se põe de perfil na rede, frente a ele, como se quisesse conversar. E haverá um diálogo, mas somente de gestos. Com os olhos semicerrados pelo efeito do sol, ele crava o olhar nos seios, agora repousados pela posição de Manuela. Ela mexe lentamente a mão e um dos seus dedos começa a brincar com as gotas de suor, acompanhando-as pela borda do sutiã e guiando-as para que caiam sobre o mamilo. Logo o dedo acaricia o peito com volúpia. O mamilo reage e David, também. Suspira profundamente, pressente que a cena está começando e se dispõe a olhar com muito mais atenção. Essa situação pública dissimulada e direta o excita como poucas coisas. Ela o olha, entra no jogo e segue a função. Belisca o mamilo até que o põe ereto, expondo-o através do tecido. Molha o dedo com a língua e refresca o abdômen com giros em torno do umbigo. Sua mão continua descendo e termina apertada entre as coxas suadas. Depois, ela as acaricia com suavidade. Dissimuladamente, cada vez que a mão se mexe por entre as coxas, ela estira o polegar para roçar a vulva sobre o teci do. Extasiado e concentrado, David contempla o espetáculo. Ao redor, centenas de pessoas tomam sol com letargia, duas crianças se entretêm fazendo castelos de areia e a voz de um vendedor de sorvete rompe a monotonia. Mas para ele nada disso existe: seus olhos são um periscópio cravado entre as pernas de sua noiva e naquele polegar que ele já sente como um irmão gêmeo do seu pênis...

* * *

É manhã de sábado e Emílio aproveita o tempo que não tem durante a semana para cuidar do corpo. Seus braços e seus bíceps reluzem com o óleo aromático que cuida de sua pele. Algumas gotas de perfume permanecem na penugem do peito enquanto ele amarra a toalha debaixo da cintura frente ao espelho. Estira a mão até a prateleira mais próxima para pegar a espuma e a navalha de barbear. Sua amante o espia da porta sem ser vista e descobre uma

nova espécie de sensações e estímulos. E um mundo novo para ela. Sente um prazer que se transforma em cócega interior enquanto observa cada movimento de Emílio. Alheio à excitação que desperta, ele age com liberdade sem se dar conta de que cada um de seus movimentos aumenta a excitação dela.

Olha os dois lados do rosto, levanta ligeiramente o queixo para inspecionar a barba e se acaricia com o dorso da mão para sentir a aspereza. Ela, por sua vez, observa seus ombros largos e percorre a pele de suas costas como se fosse a primeira vez que a vê, como se ele fosse um desconhecido. Um homem seminu em seu banheiro, com essa insinuante toalha que repousa sobre os músculos duros de sua bunda... E esses braços fortes que se movimentam com segurança... E depois a deliciosa delicadeza com que desliza o fio da navalha no rosto para retirar aquela suave e perfumada espuma... Nunca, até este sábado, havia se detido em olhar a carga sensual do seu amante barbeando-se. E não está disposta a perder a oportunidade...

O erotismo, mais fantasia que beleza

Ondulantes e sugestivas bailarinas em espetáculos públicos ou privados

têm sido o centro da atenção de milhares de homens há séculos, particularmente na Grécia clássica, no império romano e no mundo muçulmano. Corpos vibrantes e seminus que se movimentavam com ritmo e liberavam as fantasias dos observadores tornaram-se um antecedente do erotismo que entra pelos olhos.

No início de nossa era, em Roma, as *puellae gaditanae* (bailarinas formadas no sul andaluz) montavam companhias, acompanhadas por músicos, e se apresentavam em festas contratadas por homens ricos ou em espetáculos públicos. Esses grupos de músicos e bailarinas provocativas cultivaram na capital do império um tipo de canto e uma dança incitante, que em alguns casos serviam de aperitivo às orgias. Era algo similar à dança árabe do ventre, embora esta última apresentasse uma carga de erotismo mais sofisticado, onde os véus transparentes exerciam um papel especial.

"Nem sempre um corpo bonito atrai o olhar. Existem coisas que menos freqüentemente despertam o tesão de olhar: cicatrizes, sinais, tatuagens com escoriações, um homem bastante peludo, uma barriguinha proeminente, uma calvície, músculos com estrias, mãos muito grandes, pessoas obesas, piercings em diferentes lugares do corpo... Como os gostos, os estímulos são incontáveis".

Mais próximo no tempo, nos prostíbulos franceses do final do século XIX, existia o "serviço" de olhar abertamente os clientes. Alguns homens levavam as esposas aos bordéis para ver espetáculos erótico-pornográficos, com a intenção de desinibi-las e estimular a sensualidade. Depois, eles convenciam as esposas a se deitar com outros clientes enquanto as observavam atentamente. Se não tinham uma parceira, pagavam uma prostituta e a ofereciam gratuitamente a outro homem, com a condição de poder olhar enquanto eles mantinham relações sexuais.

"O erotismo depende do desejo de cada pessoa, de suas fantasias, do tesão mantido no inconsciente e que emerge frente a estímulos inesperados".

Quando se fala dessas cenas e espetáculos, onde se contemplam atitudes

eróticas ou corpos que despertam desejos sexuais, geralmente se faz referência a homens e mulheres com belos físicos e boas proporções — em suma, o que se denomina como bonito(a) segundo os critérios de beleza que regem as convenções sociais e a moda. Contudo, as coisas não são bem assim. O erotismo não depende da beleza, e sim do desejo de cada pessoa, de suas fantasias, do tesão mantido no inconsciente e que emerge frente a estímulos inesperados. Muitas vezes a mensagem erótica é enviada por uma parte do corpo: pernas torneadas, coxas roliças, o jeito de andar, um antebraço peludo ou um simples gesto que para os outros não tem um significado, mas que acaba atiçando uma pessoa em particular de maneira irreprimível. Nos jogos sexuais, o parceiro de cama pede à amante que mostre essa parte do corpo para que possa contemplá-la, deixar-se levar pelas sensações que o deixam aceso e fazem crescer sua excitação enquanto olha, seja para masturbar-se ou como preparativo para a relação que virá.

"Enquanto esperava, a imagem do homem do sonho lhe vinha à mente como um flash e lhe provocava um ligeiro estremecimento de prazer".

A manhã já se adiantava e ela ainda não tinha tirado da cabeça os inquietantes sonhos que a fizeram despertar agitada durante a madrugada. Um homem de traços fortes a tinha em seus braços peludos e logo ela era tomada pela sensação de que aqueles dedos compridos e potentes lhe acariciavam os braços, os ombros, os seios, a bunda e as pernas com uma interminável massagem, enquanto estremecia com cada roçada, sem nunca deixar de olhar aqueles braços. Uma semana sem sexo foi a desculpa que Irene deu a si mesma. Sem ter se recuperado disso, ela chegou excitada à consulta do dentista. A assistente lhe disse que em poucos minutos seria atendida. Enquanto esperava, a imagem do homem do sonho lhe vinha à mente como um flash e lhe provocava um ligeiro estremecimento de prazer.

Estava distraída quando o dentista abriu a porta e chamou-a para a consulta. Sentou-se na cadeira e, depois de trocar algumas palavras formais, relaxou. Estirada na cadeira, de boca aberta, ela se via em uma posição pouco erótica, e nesse momento os pensamentos excitantes se dissiparam. João, o dentista, começou a examinar sua boca. Ele vestia um jaleco de manga curta

que deixava à mostra os antebraços. Eram a fraqueza de Irene e, ao vê-los, ela começou a se excitar sem se dar conta. Cada vez que ele passava o braço diante de seus olhos para pegar algum instrumento ou para trabalhar em sua boca, ela cravava os olhos naqueles músculos e não perdia qualquer detalhe cada vez que se retesavam. Estava fascinada com a pele e a penugem abundante que se adivinhava suave ao toque. Ela se imaginava acariciando e beijando aquele antebraço, que lhe provocava uma voluptuosidade sem limites. João já havia percebido em outras ocasiões que a respiração de sua paciente acelerava tão logo ela se sentava na cadeira, mas não sabia qual era o motivo: medo ou desejo. Enquanto se distraía com esse pensamento, ouviu Irene perguntar se alguma vez haviam dito que ele tinha antebraços fascinantes. Ele se pôs em silêncio e ambos riram. Ele aproveitou aquele momento íntimo para sugerir que a próxima consulta fosse no último horário, pois assim seus braços poderiam dedicar-se, sem pressa, somente a ela.

"A tela do computador é uma grande janela por onde se pode desfrutar, olhando. Há chats eróticos onde se pode observar uma pessoa com quem se mantém uma conversa quente, ou abrir links com webcams amadoras situadas em quartos e banheiros. Também é possível "baixar" filmes eróticos e pornográficos, profissionais ou domésticos, pagando uma tarifa ou enviando uma mensagem SMS".

O tesão de olhar também se provoca

"Muitas vezes o jogo de olhar e ser olhado é consentido tacitamente".

É possível atingir o prazer enquanto se olha uma situação excitante não apenas de forma clandestina ou por sorte do acaso. Esses momentos podem ser premeditados. São muitos os casais que dão uma reviravolta no relacionamento propondo ao parceiro relações sexuais com outra pessoa presente, observando. Aliás, em alguns casos esse cenário se prepara sem que a terceira pessoa tenha conhecimento disso. Esse jogo íntimo se produz em lugares públicos onde, por exemplo, uma mulher provoca alguém com toques ou olhares até que essa pessoa aceite o convite. Enquanto isso, seu companheiro observa e se excita. Às

vezes, esse tipo de situação ultrapassa o permitido porque a terceira pessoa desconhece os limites do jogo. No entanto, o tesão que desperta costuma desencadear uma energia sexual tão profunda que melhora as relações posteriores entre os amantes. Outras vezes o jogo é aberto e a terceira pessoa aceita participar, e, embora até se possa estabelecer previamente o seu papel — passivo ou ativo —, com certas fronteiras que não podem ser transpostas, muitas vezes a paixão transborda qualquer acordo prévio.

Uma dança sensual ou um jeito erótico de tirar a roupa para se masturbar diante do amante são cenas espontâneas, ou combinadas de antemão, que têm um efeito excitante.

Muitas vezes o jogo de olhar e ser olhado é consentido tacitamente. Um homem pode descobrir que um certo gesto habitual, como esfregar a mão nos lábios, concentra a atenção da mulher. Cresce então uma cumplicidade entre ambos, um olhar de desejo que é ao mesmo tempo oferta e aceitação. Se estabelece apenas o visual, como se os dois dissimulassem o que ocorre, embora cada gesto, cada movimento seja uma provocação — uma linguagem excitante que só eles conseguem entender.

"Não sabe se ela quer ser olhada, mas ele quer olhar".

Todo dia, às oito da noite, Francisco vai ao quintal para molhar suas plantas. Um regador quase vazio é o álibi. Enquanto molha um pouco os gerânios, ele levanta a vista até a janela no segundo andar: é ampla, a luz está acesa e a falta de cortina deixa ver a despensa da cozinha. Logo depois aparece Maria. Ela passeia insinuante e distraída frente à vidraça, como se fosse um cenário. Vai começar a preparar a cena, como faz toda noite, com o pequeno avental sob o qual flutuam seus seios desnudos. Quando gira e se põe na ponta dos pés para pegar um frasco na prateleira dos temperos, ela mostra as costas e as pernas nuas. Sob o avental não há nada mais que uma calcinha mínima que deixa livre sua bunda durinha. Francisco abaixa e levanta a cabeça para olhar. Não sabe se ela quer ser olhada, mas ele quer olhar. E a dúvida o excita quase tanto quanto o que vê. Ainda que esse jogo se repita quase todos os dias, ele não consegue deixar de pensar na vizinha quase como um sonho erótico. Ela desaparece da vidraça por um instante, como se soubesse que sua ausência

provoca ansiedade no seu admirador. Começa a soar uma suave canção cubana e Maria reaparece com uma colher de madeira na mão: dançando com voluptuosidade, abre as pernas e deixa os olhos semicerrados. Ela se movimenta devagar enquanto prepara a comida. Francisco olha de soslaio as outras varandas, como se temesse ser descoberto, mas ninguém está olhando, só ele, e parece que tem consentimento para olhar. Então, sente-se seguro e desfruta. Depois de provar a comida que prepara, Maria passa a ponta da língua nos lábios e chupa a colher de madeira lenta e profundamente. Cai uma gota no seu peito, ela sente a quentura e se delicia: deita a cabeça para trás, um dedo se perde no decote e demora mais que o necessário na busca de uma gota furtiva. Depois, ela chupa o dedo enquanto imagina outra situação. E dança, movimenta-se com gestos sensuais, mostra-se. Agitado e concentrado, Francisco desfruta essa imagem explosiva mais ou menos proibida e quente, que toda noite lhe dá prazer através de uma janela.

Os espelhos devolvem o olhar

"Um estudo realizado pelo neurologista Knut Kampe, da Universidade College de Londres, assegura que as pessoas que lançam olhares furtivos para apreciar os atrativos de alguém ativam as áreas do cérebro relacionadas com a satisfação e o prazer. Essa região do cérebro — o núcleo estriado — é a mesma que se ativa, segundo estudos anteriores, quando se recebem prêmios, recompensas ou reconhecimentos".

Não é por acaso que nos motéis, onde os casais só se encontram para fazer sexo, existem tantos quartos cheios de espelhos: nas paredes, nos tetos, simétricos à cama ou inclinados para captar imagens. É o jogo da paixão compartilhada e múltipla, para que se possa olhar a si mesmo ou o corpo do parceiro através dos diferentes olhares que o espelho devolve. Os corpos podem ser vistos, o próprio e o do outro, de diferentes e novos ângulos que despertam uma voluptuosidade particular. Mesmo sem desviar a vista do espelho, as carícias são sentidas de forma diferente.

Para muitos, o espelho funciona como um olho que observa à distância e,

ao mesmo tempo, deixa ver todos os detalhes. Enquanto se masturba, ela pode contemplar sua própria expressão de prazer, ao mesmo tempo em que vê sua vulva refletida. Quando se inicia essa prática de autocontemplação erótica, muitas vezes os preconceitos atuam contra o tesão, mas o hábito e a maturidade sexual de se deixar testemunhar o próprio prazer acabam agregando novas possibilidades de gozo. Esses jogos despertam a imaginação, que busca novas variantes: o reflexo curioso e alheio nos azulejos brilhantes da cozinha, a intimidade acolhedora do espelho no *closet* ou o espelho do banheiro em meio à bruma do vapor de uma ducha quente. Alguns espelhos especiais, como os dos carros, permitem o intercâmbio de olhadas insinuantes e eróticas. Em muitos casos, quando os espelhos têm o foco corrigido, eles se transformam em verdadeiras câmeras que transmitem situações eróticas para o espectador a que se destina. Algo similar ocorre com os espelhos das cabines das lojas de roupas, que eventualmente devolvem a imagem de um corpo nu e insinuante, um gesto provocativo ou um convite sexual direto quando a cortina está entreaberta.

Num canto da ampla habitação, abr se o biombo de duas folhas espelhado para receber a imagem de Inês na penumbra. Quatro velas que a ilumina pelas costas ressaltam o contorno de sua silhueta contra a luz, deixando entrever detalhes do seu corpo coberto pelos botões da blusa entreaberta. As mãos acariciam o tecido que ressalta seus mamilos erguidos. Seu rosto é o rosto do desejo. Os dedos percorrem a pele do colo e seguem com carícias pelo tecido peito abaixo. Xavier a contempla no espelho por trás. Sua excitação aumenta a cada novo movimento. Ela também o olha através dos espelhos e vê a reação nos seus gestos carregados de luxúria: ele lambe um dos dedos enquanto a outra mão aperta por dentro das coxas, aproximando-se cada vez mais dos genitais. O desejo mora no espelho. E a quinta dimensão erótica, onde eles realizam suas fantasias e vivem suas paixões. Xavier se aproxima e apóia as mãos nos ombros de Inês para começar o ritual do contato: tira a blusa com suavidade e a deixa deslizar até o chão. O reflexo de Inês se mostra completamente nu e palpitante. O peito dele se esfrega nas costas dela. O púbis de Xavier encosta na bunda de Inês e sua pele acaricia a pele de sua amante. Não se olham diretamente, mas ela sente esse corpo que a procura e o vê no espelho. Tudo ocorre nessa tela dupla que devolve o olhar e acende o frenesi.

Quando a respiração dela começa a se afogar em gemidos e as pernas a fraquejar pelo desejo, ele a sustem com os braços e lhe acaricia o corpo de cima a baixo, do ventre até as pernas, dos braços até os seios. Não tem pressa, se deleita ao olhá-la de todos os ângulos quando ela treme de prazer. O sexo refletido já é incontrolável.

* * *

"Alguns minutos depois, ao olhar pela janela para ver por onde está indo, ela observa no espelho retrovisor os olhos do taxista cravados em suas pernas. Ela se sente excitada com a situação. Tira o batom da bolsa e o faz girar lentamente para que saia aos poucos".

Tereza desce a escada aos saltos; ela só pôde lavar o rosto e vestir-se correndo. Chegará atrasada na reunião de trabalho. O maldito despertador enguiçou mais uma vez e ela só tem tempo para vestir uma blusa branca transparente, a saia preta justa e a jaqueta cinza. Logo mais vai se pentear e se retocar no táxi. Tem sorte: logo que pisa na calçada, vê se aproximar um táxi livre. Quando se acomoda no assento traseiro, a saia justa sobe acima da metade de suas coxas. Agitada, ela indica a direção ao taxista. Sem perder tempo, pega o espelho e começa a maquiar-se. Alguns minutos depois, ao olhar pela janela para ver por onde está indo, ela observa no espelho retrovisor os olhos do taxista cravados em suas pernas. Ao ser descoberto, ele rapidamente desvia o olhar para a frente. É estranho, mas nessa manhã agitada, um episódio como esse muda os pensamentos de Tereza e ela se vê excitada. Como se nada houvesse acontecido, desenha o contorno dos olhos e, embora sem olhar para o taxista, intui que ele a está espiando. O taxista parece se exaltar com os movimentos das mãos e das pernas de Tereza. Ela se sente excitada com a situação. Tira o batom da bolsa e o faz girar lentamente para que saia aos poucos. Mentaliza o movimento mais lascivo e o põe em prática. Ele continua olhando pelo retrovisor, deslumbrado. Tereza esfrega o tubo purpúreo nos seus lábios carnudos e logo os aperta. Levanta os olhos e o vê outra vez no espelho, mas agora sustenta o olhar por um instante. "Sei que está me olhando, e que gosta de mim", é como se lhe dissesse. Com certo descaramento, e para não perder detalhe algum, ele ajeita melhor o retrovisor sem prestar muita atenção no tráfego. Ela parece permanecer indiferente, abre as pernas e levanta uma delas como se para esticar a meia, ao mesmo tempo em que oferece um panorama íntimo ao motorista. A excitação aumenta até o descontrole e, por isso, ele resolve dirigir devagar pela direita. Para Tereza já não parece importar o atraso à reunião de marketing. Esse jogo a deixa ocupada. E segue em frente. Desabotoa sem pudor os botões da blusa e enfia as mãos para ajeitar melhor o sutiã, ainda que se acaricie além da conta. Embora sem olhá-lo, ela sabe que os olhos arregalados do taxista não deixam de atender cada gesto de sua voluptuosa provocação...

Mais de dois

Sexo sem compromisso e sem intimidade: são as duas chaves para desinibir completamente. Alcançar esse estágio em que se mantêm relações simultâneas com um grupo de pessoas, conhecidas ou desconhecidas, é um ponto de mudança na vida sexual a partir do qual será possível dissipar com rapidez a pressão dos preconceitos e se liberar para eleger e decidir, sem travas, a relação que mais apetece.

O sexo grupal, contudo, se observa socialmente por trás do véu de práticas inconfessáveis, de modo que a decisão de experimentá-lo implica em se liberar, em romper os fortes escrúpulos que fecham as portas ao prazer diferente.

A memória fraca sempre nos faz ter um desempenho fraco enquanto espécie. Desde as origens, o sexo grupal foi adotado por diferentes tribos e clãs como fórmula efetiva para a sobrevivência do grupo, nos momentos em que a fertilidade era requerida aos deuses. Mais tarde, os próprios deuses serviram de exemplo. Dizem que Baco, o deus grego do vinho, organizava festas com multidões onde não havia limites para o vinho nem para a comida e o sexo. As orgias derivam dessas práticas, e os festins romanos talvez sejam os mais lembrados.

Mas as cortes medievais dos reis bárbaros e católicos também organizavam suas orgias, incluindo o clero, e isso era um dos fatores de poder da época. Nos séculos posteriores, a prática do sexo grupal foi se ocultando, tornou-se um tabu inconfessável; por um lado, pela influência cultural, e, por outro, pela hipocrisia daqueles que detinham o poder: nobres, militares e sacerdotes. Em suas festas privadas, eles praticavam com freqüência o sexo grupal, pois isso liberava e era prazeroso, mas essas práticas não eram permitidas ao povo porque não se adequavam aos dois sentimentos necessários para infundir a dominação: medo e repressão. Atualmente, o sexo grupal parece levantar vôo. Segundo a opinião de muitos, as sensações mais primitivas, como o desejo sexual e a excitação, aumentam nos ambientes em que se pode ouvir, ver, tocar e acompanhar outras pessoas durante o sexo.

Menu à la carte para o sexo múltiplo

"Destrói mitos, derruba tabus e joga por terra sentimentos tão prejudiciais à felicidade quanto os de ciúme e de infidelidade".

Destrói mitos, derruba tabus e joga por terra sentimentos tão prejudiciais à felicidade quanto os de ciúme e de infidelidade. Quando um casal resolve ampliar o jogo das relações e desfrutar a sexualidade, abre-se para uma série de possibilidades com a naturalidade outorgada pela livre eleição da busca do prazer. Fazer sexo em trios ou em grupos maiores talvez seja uma atividade que aglutina simultaneamente diversas práticas inconfessáveis: é possível desfrutar enquanto se exibe, olhar como os outros estão fazendo, assistir às práticas de dominação-submissão ou montar jogos de papéis. Contudo, algumas pessoas contentam-se em poder participar e gozar com naturalidade das sensações que as liberam dos mitos e tabus.

Atualmente, o sexo grupal tem se tornado mais conhecido porque os meios de comunicação já mostram alguns lugares onde ocorrem intercâmbio de casais *(swinger)* e festas organizadas de sexo grupal, além dos numerosos sites de contato via Internet. Mas é evidente que todo esse movimento não passa de uma reação à necessidade, ao desejo e também a uma visão comum das fantasias sexuais e sonhos eróticos de homens e mulheres, nos quais as cenas de sexo grupal ou de trios ocupam um lugar privilegiado.

"As Jacob's party são festas realizadas em residências particulares onde um grupo de pessoas conhecidas faz sexo grupal com um limite: proibi-se a penetração. Essas reuniões, de origem inglesa, permitem o sexo oral e a masturbação. Seu objetivo é potencializar uma atitude aberta em que não se pode escolher com quem fazer sexo".

Na realidade, essa abertura fez surgir muitas possibilidades: é uma espécie de *menu à la carte,* onde se pode optar por fazer sexo grupal com desconhecidos, incluir o casal, fazê-lo apenas com amigos ou em trios, incorporar uma terceira pessoa ao casal ou ser a terceira pessoa para outro casal. Também existe, é claro, a possibilidade de o casal contribuir para esses lugares

de intercâmbio.

Faz um mês que se sente agoniada no trabalho, mas a última semana foi asfixiante. Muita tensão acumulada. "Preciso compensar todo esse estresse com momentos de prazer sereno", ela diz para si mesma, como se buscando uma balsa para salvá-la do pesadelo. Laura está ciente disso, mas não encontra onde nem com quem. Está em meio à organização de um projeto para uma ONG quando toca o celular: alguns conhecidos da viagem ao Egito convidando-a para jantar nessa mesma noite. E uma oportunidade para se distrair. Ela nem precisa pensar e aceita. Nem pergunta se haverá mais gente ou quem irá. As sete horas, sai do trabalho e vai pra casa. Só quer esquecer da enésima discussão de trabalho e sonha com uma ducha reconfortante que a deixe preparada para uma noite diferente. Ela se maquila, veste uma camiseta verde limão de alcinhas e uma saia. Quando chega, é recebida com toda a gentileza; levam-na para uma sala decorada com cores e adornos bem sensuais, almofadas e cortinas orientais e um persistente aroma de sândalo que flutua pelo ar. A lista de convidados é pequena: só ela. Depois de beber um aperitivo árabe à base de anis, ela é conduzida à sala de jantar. As iguarias e o champanhe francês são tão agradáveis e sensuais como o ambiente. Os anfitriões são encantadores e têm uma pitada de mistério que ela não consegue decifrar, mas que a deixa com uma agradável inquietude. Já nem se lembra de seus problemas no trabalho. O humor mudou tudo. Ela se dá conta de um certo jogo de olhares cúmplices entre o casal. As borbulhas de outra garrafa aguçam ainda mais as deliciosas percepções. Eles vão tomar café na outra sala. Poucos minutos depois, ele traz uma nova garrafa de champanhe para brindar aos deuses egípcios que reuniram os três. Laura está sentada num sofá com coxins de plumas grandes e macias. Ele diminui a luz e senta-se junto dela, e a mulher também. Faz-se silêncio na penumbra. Laura parece voar em meio às borbulhas e à atmosfera quando sente uma delicada mão de mulher subindo por sua coxa, acariciando suavemente cada pedaço de sua pele. Ela se abandona ao prazer, fecha os olhos e, alguns segundos depois, uma barba rala roça sua face e lábios suaves buscam os seus...

A intimidade prazerosa com desconhecidos

"Nas relações grupais das quais o casal participa, é conveniente estabelecer códigos secretos de signos ou de gestos. Assim, ambos podem comunicar entre si as situações ou pessoas que são agradáveis ou que não são, de modo que ninguém venha a se sentir rechaçado ou se provoquem situações indesejáveis".

Ao contrário de outras práticas, o sexo grupal não pode ser levado a cabo de maneira espontânea, sem planejamento. Assim, essa fase de preparação acaba sendo também muito excitante para os organizadores: escolher onde se vai fazer a reunião, optar pelo melhor espaço para o grupo ficar (por exemplo, se convém incluir ou não os quartos); estirar almofadas, pôr velas, decidir qual vai ser o fundo musical, a iluminação do ambiente... Até mesmo para os que não estão nesses preparativos, já que são convidados, existe esse período estimulante, quando aumenta a adrenalina face ao desconhecido que se aproxima; quando se

podem imaginar mil cenários possíveis. E nesse jogo de adivinhações, o passado também tem seu papel: as experiências de situações eróticas, as emoções vividas e as diferentes intensidades dos encontros anteriores geram um desejo ainda maior. Muitas vezes todas essas sensações, pelo menos no início, são vividas mais intensamente com desconhecidos. Isto porque o sexo se torna mais relaxado do que com amigos, com os quais muitas pessoas ficam particularmente inibidas. Mas é evidente que isso depende da personalidade e das circunstâncias. Os mais retraídos preferem fazê-lo num contexto protegido. Eles se sentem mais seguros, por exemplo, quando compartilham a intimidade com duas pessoas conhecidas e na sua própria casa, pois mais de dois num lugar desconhecido lhes deixam muito ansiosos. Outros, no entanto, precisam de outro tipo de emoções: preferem espaços que não conhecem e, além disso, quanto mais desconhecidos participem, mais forte será o estímulo. Há também aqueles que, de acordo com o ânimo em que se encontram, preferem momentos mais intimamente controlados ou relações pouco planejadas, que façam aumentar a adrenalina.

"Houve uma coincidência: a fantasia favorita daquele desconhecido também era o sexo grupal".

Fazia muito tempo que a idéia rondava sua cabeça. Quando era adolescente, se masturbava fechando os olhos e imaginando seis mãos sem rosto e sem sexo que tocavam suas pernas, seus peitos, sua bunda. As sensações transbordavam, o prazer superava as barreiras que ela mesma imaginava. A fantasia era recorrente e íntima. Nunca havia confessado isso a ninguém. No entanto, na semana anterior, protegida pelo anonimato da Internet, ela confidenciou para um homem, com certo desgosto. A sorte estava do seu lado. Houve uma coincidência: a fantasia favorita daquele desconhecido também era o sexo grupal. Durante as noites seguintes, as conversas se tornaram mais tórridas. Ambos deram asas à imaginação, estimulando-se mutuamente com diálogos que recriavam cenas de reuniões de sexo grupal em que eles estavam inclusos. Foram noites de longas horas, que sempre terminavam com uma voluptuosa masturbação. Por fim, decidiram pôr em prática aquela fantasia compartilhada. E essa aventura é pra hoje. Ambos se encontram viajando de

carro até um vilarejo na costa do sul da França — próximo da fronteira com a Espanha -, um paraíso do sexo natural. Um grande número de discotecas e de lugares de encontro abre as portas para pessoas que anseiam compartilhar sexo em trio, em grupos ou em troca de parceiros. Na chegada, numa das ruas do vilarejo, uma mulher com um grande casaco se aproxima caminhando de um modo bem sensual. Eles a seguem até uma discoteca da rua central. Lá dentro, um amplo salão com bar e pista de dança é o palco de homens e mulheres que se relacionam uns com os outros numa festa cheia de sensualidade. A mulher está dançando com um homem. Não se tocam com as mãos, mas seus corpos se roçam de frente, com movimentos provocativos e lentos. As coxas se acariciam entre si. O desconhecido que dança com aquela mulher começa a passar a língua em seu pescoço e desce até seu grande decote, enquanto ambos se entreolham e não param de se esfregar. O homem levanta a saia da mulher e põe a mão na vulva para estimular o clitóris, enquanto sua boca se aproxima da virilha. A situação não pode ser mais estimulante. Ela decide acompanhar o homem: lentamente, começa a se abaixar enquanto beija o peito do seu parceiro. Depois, acaricia as coxas. Quando chega perto do púbis, baixa o zíper e faz aparecer um falo duro e vibrante; ela agarra e começa a chupar bem devagar, enquanto olha o outro casal.

Dois mais um é sempre igual a três

Alguns trios se formam com um casal e uma terceira pessoa a quem excita extraordinariamente ouvir os outros dois fazendo sexo, com todos os sons naturais que surgem na relação. Esse tipo de contato costuma se dar em meublés, em campings ou em reuniões de sexo grupal.

A decisão de ser mais de dois não exige uma escalada crescente e paulatina. Ou seja, não é preciso primeiro formar um trio sexual para depois fazer sexo grupal, como se fosse um grau a mais. Mas o trio costuma estar presente em quase todas as fantasias. A maioria das mulheres imagina compartilhar a cama com um homem e uma mulher, ao passo que muitos homens têm como fantasia principal fazer sexo com duas mulheres.

Quando um casal realiza esses desejos com a introdução de uma terceira pessoa, o que se busca é enriquecer a sexualidade do próprio casal e sair da monotonia através de novos estímulos. Houve uma época em que isso era chamado de *ménage à trois,* por conta da grande influência exercida pela cultura francesa do século XIX em matéria sexual. Hoje em dia, a palavra que evoca e estimula a relação sexual múltipla é *trio.* Trata-se de uma relação com muitas possibilidades: dois fazem sexo enquanto outro olha; três sustentam uma relação simultânea e encadeada, com sexo oral, penetração vaginal e/ou anal, masturbação, troca de beijos e carícias. Em muitas ocasiões, a paixão desse encontro a três é produto da preparação, da incitação de dois sobre um terceiro ou das insinuações que permeiam o ambiente previamente preparado para tornar inevitável um encontro múltiplo, uma vez que o desejo vença a inibição.

"Sérgio tenta se concentrar no filme, mas sua excitação grita como um alarme".

Marcos e Elza resolvem passar um fim de semana em Andorra. Eles estão estressados com o trabalho, se vêem pouco em casa e o sexo se apagou. Marcos fala pra ela, de passagem, que convidou Sérgio, um amigo comum. Elza aceita como algo natural. Não dizem nada, mas alguma coisa acontece no inconsciente de ambos. Quando chegam ao principado, percorrem as ruas de Andorra-a-Velha em busca de um hotel. Todos estão ocupados. Por fim, encontram um com um quarto desocupado. Fazem a reserva e depois vão passear pelas ruas, pelas montanhas e por alguns caminhos no bosque. Regressam cansados no final da tarde. No quarto há uma cama de casal e, ao lado, uma de solteiro. Os três precisam de um banho antes do jantar. Marcos e Elza resolvem tomar banho juntos, para ganhar tempo. Sérgio se deita na cama e fica vendo tevê enquanto os amigos se deleitam, na ampla banheira, com jogos aquáticos que deixam escapar alguns gemidos e suspiros pela porta entreaberta. Sérgio tenta se concentrar no filme, mas sua excitação grita como um alarme. Um pouco mais tarde, Marcos e Elza saem do banho de roupão. Sérgio toma uma ducha rápida e eles saem para jantar num restaurante francês. Bebem duas garrafas de um bordeaux de boa safra e depois arrematam com uma taça de armagnac. Regressam ao hotel entre risos e alguns gracejos mais

quentes. Os três vestem o pijama no banheiro, deitam-se e apagam a luz. Mas ninguém dorme. Aquele dia de relaxamento e o amigo próximo disparam o desejo do casal, que começa a fazer jogos eróticos clandestinos sob os lençóis. Estão agarrados, sentindo o calor dos corpos; seus lábios não se beijam, deslizam pela pele do outro sem ruídos. Mas a intensidade cresce e seus movimentos já não são controlados: eles se mexem na cama, arrastam os lençóis e uma respiração entrecortada invade o quarto. Marcos sussurra alguma coisa para Elza e ela se exalta. Sérgio não perde detalhe algum. Quieto em sua cama, ele se dá conta de que também está se excitando com o que escuta. O ardor aumenta dentro dele. Sua mão obedece ao desejo: pega o pênis e começa a se masturbar bem devagar. Alguns minutos depois, ele ouve a voz do amigo chamando-o da outra cama. Quando se vira e tira o cobertor, vê na penumbra do quarto os amigos, que levantam os lençóis e o convidam para junto deles...

O excitante encanto da troca

"O swinger *é aquela pessoa casada, solteira ou divorciada que, com a mente aberta e sem complexos, está disposta a experimentar o sexo em suas múltiplas possibilidades".*

Algumas palavras entram na moda e adquirem um sentido específico num determinado jargão. *Swinger* é hoje a palavra mais popular para denominar os lugares de troca de casais e de relações liberais. É uma palavra bem apropriada, uma vez que provém do verbo inglês *to swing,* que significa ritmo ou balanço e remete à liberdade de movimentos. Por isso, no jargão sexual, o *swinger* é aquela pessoa casada, solteira ou divorciada que, com a mente aberta e sem complexos, está disposta a experimentar o sexo em suas múltiplas possibilidades. Trata-se de um perfil bem determinado: é alguém que vive a sexualidade de forma natural e com plena liberdade de decisão; dedica-se a atividades bastante estimulantes como troca de parceiros, sexo grupal, trios ou outras opções preferidas disponíveis àqueles que participam de sessões nesse ambiente liberal.

Embora se acredite que o *swinging* seja praticado principalmente por casais estáveis, a verdade é que cada vez mais os solteiros e as solteiras incorporam ao seu estilo de vida essa estimulante prática sexual. Quase sempre são pessoas que têm uma relação equilibrada e boa consigo mesmas e também com seus parceiros, quando os têm. Outra característica distintiva é a negação absoluta da monotonia e da rotina: frente a esse risco, elas preferem aventurar-se, liberar-se e buscar novos horizontes sexuais.

Os *swingers* provocam certa resistência nos setores tradicionalistas e puritanos da sociedade, que os identificam como personagens ligados a bacanais e orgias romanas. No entanto, a vida sexual liberal e a troca de casais acabaram encontrando um espaço aberto e sem restrições, de modo que já não são tidas como práticas obscuras; em alguns casos, são consideradas até legítimas. Por isso é que, atualmente, os clubes de intercâmbio, também chamados de ambientes liberais, são estabelecimentos de lazer totalmente legalizados, nos quais se pode desfrutar o sexo com outros casais ou com homens e mulheres sozinhos. As instalações são preparadas para atividades que proporcionam o

prazer. Todos os espaços contribuem para desenvolver e incrementar o desejo e as fantasias eróticas. Sempre há um bar onde cada um pode pensar, pelo tempo que for necessário, se quer entrar na zona privada, nas pistas de dança, nos quartos em penumbra, nas *jacuzzis,* nas camas gigantes, nas salas de vídeos pornográficos ou de erotismo. Uma das vantagens desses lugares é a delicadeza e o respeito com que se comporta a maioria das pessoas. Não é pelo fato de estar nesse local que alguém vai se dar o direito de obrigar o outro a fazer o que não *quer, é possível, então, participar* das atividades sexuais ou apenas olhar e deixar para o outro dia.

"Uma grande quantidade de lugares de intercâmbio tem sua própria web, onde os seus serviços são oferecidos. Para quem deseja ter sua primeira experiência, pode ser muito útil uma consulta na Internet".

Planejaram tudo no dia anterior: seria naquele local, a dois quarteirões do trabalho. Camila resolveu vestir o conjunto de malha azul. No final do expediente, saem do escritório e caminham pela avenida até chegar naquela rua transversal. Estão alegres e excitados. Entram naquele lugar de ambiente liberal e se aproximam do bar para tomar um drinque e dissipar o nervosismo. Conversam um pouco com os donos para inteirar-se sobre os clientes que freqüentam o lugar, até que resolvem passar para a zona privada. No closet, ela decide ficar de calcinha e com o sutiã azul, enquanto ele só põe a toalha que pegara na prateleira. E a primeira vez que vão se exibir diante de outras pessoas com a evidente intenção de compartilhar o sexo. Entram num grande salão com a precaução da incerteza, olhando para todos os lados. A direita, uma pista de dança; à esquerda, uma seqüência de sofás. Uma tênue luz íntima e agradável envolve o ambiente. Sentam-se e decidem observar o que se passa ao redor. Algumas pessoas estão de roupas íntimas; outras, vestidas. Todos parecem à vontade com o próprio corpo e com a situação. A música é suave e sensual. A atmosfera é um convite à paixão serena, crescente. Eles se contagiam. Ficam excitados por ver na pista vários casais que se mexem com voluptuosidade enquanto se acariciam sob as roupas. Um dos casais atrai a atenção deles. A paixão deixa aquele casal absorto, enquanto um terceiro se move com ritmo, tocando a bunda da mulher por cima da saia. É um trio que se

movimenta no mesmo compasso. Quando eles olham para o outro lado, vêem um almofadão com desenhos árabes e, sobre ele, um casal com roupas íntimas se acariciando; ao redor, três homens esticam as mãos e se integram nessas carícias sensuais. Camila busca as mãos quentes de Gonçalo, apalpando-as e levando-as até a barriga para se sentir acariciada. Mas eles fazem isso lentamente. Não querem precipitar-se. Controlam a ansiedade para que o prazer se eleve passo a passo. Vão até as acomodações da jacuzzi, onde se deparam com outro casal que brinca sob as águas mornas e borbulhantes.

"A atmosfera é um convite à paixão serena, crescente. Eles se contagiam".

Eles se metem na piscina redonda e trocam olhares e sorrisos cúmplices. Sob a água, se roçam e se tocam. A garota faz com que Camila se incline para que um jato de água se choque contra sua vulva, enquanto acaricia seus seios para acompanhar o prazer. Aos poucos os dois homens se unem, e os dois casais terminam se acariciando e se beijando. Depois, a garota sai nua da piscina, estende-se sobre um dos bancos de madeira e começa a se masturbar. Gonçalo a segue e aproxima seu pênis duro da boca da garota, que sem dizer nada começa a chupar a cabeça do pênis com grandes lambidas. Enquanto isso, na piscina, Camila se entrelaça em beijos fortes com o homem, ao mesmo tempo em que agarra o pênis debaixo da água e o masturba com a força de sua excitação.

Jogos de adultos sem culpas e sem preconceitos

"Nas sex shops e na Internet encontram-se à venda jogos de cartas com imagens eróticas ou de cubos em cujas faces aparecem palavras como tocar, boca, gemido, seios, entre as pernas. Também existem jogos de roleta que, em vez de números, apresentam instruções para a realização de práticas sexuais".

No sexo grupal observa-se um ponto lúdico acima das outras manifestações e práticas sexuais. Os jogos fazem parte do relacionamento entre os participantes e são uma boa maneira de quebrar o gelo e despertar o desejo. Alguns desses jogos são preparados de antemão, como um tabuleiro com dados e um trajeto que apresenta pequenos compartimentos, com instruções sexuais específicas para quem chega ali com suas fichas. Há também baralhos de naipes adaptados com figuras que representam posições ou atividades sexuais a serem cumpridas durante o jogo. Esses carteados, tanto os espanhóis quanto os franceses, simbolizam a união entre o acaso e o sexo, introduzindo adrenalina e tesão em situações que muito provavelmente acabam de maneira apaixonada.

O *strip poker é* um clássico, com múltiplas variáveis. O habitual é que o perdedor de cada rodada tire uma peça de roupa. Mas pode-se incrementar o jogo se o ganhador de cada partida tiver o poder de decidir com quem terá alguns minutos de relação sexual antes de seguir o jogo. Existem à disposição jogos sexuais bastante imaginativos, cujos prêmios podem ter um máximo de atrativo: realizar a fantasia sexual do ganhador. Mais além dessa ardilosa inocência, os jogos podem estimular alguém a participar de uma relação sexual múltipla, ou simplesmente agregar uma pitada de novas emoções. Eis alguns exemplos: colocar num recipiente diversos papeizinhos com diferentes propostas, uma das quais pode ser a de fazer um convite erótico a um dos integrantes do grupo adversário, ou então sortear quem vai passar vinte minutos com algum integrante do grupo, sozinho, num quarto em penumbra. Até mesmo a adaptação do jogo infantil de "fazer girar uma garrafa" pode ser um bom começo de sexo grupal; as pessoas para quem a ponta da garrafa apontar podem iniciar o contato sexual.

Doce prisão

Nua, com as mãos atadas nas costas e os pés unidos por uma corda na altura dos tornozelos, ela está sentada na vegetação abundante junto a uma árvore. Sozinha na selva, rodeada pela densa e alta folhagem. O calor e a umidade a deixam agoniada. Está suando, agitada. Logo, à sua direita, a ramagem se move. Ela se assusta. A sensação de medo sobe por suas costas e se mistura a um inquieto prazer. Quem é? Quem é? Agora as folhas se agitam à sua esquerda, mais perto. Ela está indefesa e desprotegida. O suor molha seus lábios, seus mamilos e percorre o rego de suas nádegas. Ela consegue controlar a situação e, no entanto, gosta disso. Espera com ansiedade o próximo movimento. Agora a ramagem se agita às suas costas, a poucos centímetros de seu corpo. A sensação é de uma presença bem próxima. A excitação transborda. O ar quente de uma respiração ansiosa sopra o seu ombro. Seus olhos pulam das órbitas. A adrenalina dispara a toda. Ela se vira para olhar... e então desperta.

Cativeiro e escravidão são as definições mais apropriadas para *bondage,* essa palavra inglesa que a princípio denominou uma prática sexual ligada ao sadomasoquismo, mas que posteriormente foi assumida como um jogo por si só. Apesar disso, trata-se mais de uma sensação que de uma prática, e é responsável por muitos sonhos recorrentes — como o descrito no parágrafo anterior —, embora poucos descubram seu significado inconsciente. Às vezes, o que motiva essas sensações são desejos ocultos (sentir-se preso, sem controle, indefeso e à espera do desconhecido), unidos às novas sensações de gozo que tais situações podem proporcionar. Em outras ocasiões, são certas percepções físicas associadas à pressão das amarraduras ou à impotência para se desatar.

Assumida simplesmente como jogo sexual, a *bondage* consiste em atar o amante, parcial ou totalmente, não apenas para desfrutar a sua imobilização, mas também para levá-lo ao êxtase com carícias, beijos e outras técnicas de estimulação.

Da crueldade oriental à sofisticação erótica

"Durante uma sessão de bondage pode acontecer um intercâmbio de papéis: o atado passa a ser aquele que ata e vice-versa. Assim, os amantes agregam um complemento ao jogo de cumplicidades e doces vinganças que se faz quando cada um deles assume o controle da situação".

As amarraduras têm diversos antecedentes, dos quais se tomaram exemplos ou se copiaram situações para representações sexuais: desde os inocentes jogos infantis de índios e caubóis até as algemas que imobilizam os detentos. As origens da *bondage,* no entanto, remontam a muitos séculos atrás. Localizam-se na sempre misteriosa cultura japonesa, e aí não são precisamente agradáveis e lúdicas. No Japão violento e feudal do século XVI, imperava um código penal que impunha aos criminosos a tortura e a execução mediante ataduras com cordas em quatro graus crescentes. No primeiro, utilizava-se a corda para açoitar os delinqüentes; no segundo, eles eram golpeados com cordas que tinham uma pedra atada na extremidade; no terceiro, eles tinham a circulação do sangue paralisada com o aperto das amarraduras; no quarto grau, por fim, eram pendurados com cordas durante vários dias.

"As primeiras, amarraduras eróticas documentadas datam de meados do século XIX, quando o Japão começa a abrir-se para o mundo ocidental e sua cultura seduz uma parte das elites européia e norte-americana".

Entre os séculos XVII e XIX, quando a dinastia Tokugawa manteve o país semi-isolado do resto do mundo, as velhas tradições foram recuperadas. A amarradura de cordas deu lugar ao desenvolvimento de uma arte marcial, o *hobaku-jutsu.* O objetivo era capturar e submeter os ladrões com o uso de cordas. Mas não se tratava nem de armadilhas nem de simples laços, e sim de um complexo código no qual as formas das ataduras — e cada nó — tinham um significado simbólico que se aplicava de acordo com a idade, a profissão e a classe social do delinqüente ou com o crime que ele havia cometido. Quando era pendurado ou amarrado na praça do vilarejo, podia-se saber tudo o que ele havia feito "lendo os nós e o tipo de corda que o subjugava".

As primeiras amarraduras eróticas documentadas datam de meados do século XIX, quando o Japão começa a abrir-se para o mundo ocidental e sua cultura seduz uma parte das elites européia e norte-americana. A *bondage,* então, abandona seu passado violento e se converte numa sugestiva variante erótica, numa doce tortura, deixando de lado o peso das crueldades que lhe davam sentido no passado. Hoje em dia é uma prática consentida entre os amantes, com técnicas e limites claros, que abre um outro caminho para aumentar a intensidade da relação sexual.

Lívia chega de carro ao meublé *da estrada. Sai do estacionamento revelando suas pernas sob a saia justa. Como em todas as sextas, ela é pontual. Carrega a bolsa de pele e uma bolsa de papel na mão. Ali esconde a surpresa. Passou a semana toda imaginando o cenário e excitando-se quando a fantasia crescia dentro dela. Mário a espera no corredor. Sobem ao apartamento. Intrigado, ele olha a bolsa; ao entrar no quarto sua curiosidade tornar-se maior que a discrição e ele pergunta sobre o conteúdo. Ela sorri e lhe pede para que relaxe, que a deixe fazer, que ele vai gostar. Depois, lhe pede que se desnude e deite na grande cama. A intriga já começa a surtir efeito. Mário sente que o ardor cresce dentro de si. Ela faz uma cara de doce perversa e tira alguns lenços de seda da bolsa misteriosa. Senta-se junto dele e se esfrega suavemente pelo peito, pelos braços e desce até a barriga, entretendo-se com uma dança sensual sobre o umbigo. Desce um pouco mais, rodeia o pênis quase em ereção com um lenço e o gira em torno dele. A fricção sobre a pele sensível provoca calafrios e gemidos de prazer em Mário, que se abandona ao jogo. Lívia segue o roteiro pré-estabelecido de sua prazerosa tortura: volta a passar o lenço entre os dedos das mãos e logo entre os dedos dos pés de Mário. O prazer aumenta. Os suspiros são profundos. Seu pênis lateja lentamente. Com a mesma lentidão, Lívia acaricia os braços de Mário até que os estira para atá-los com o lenço na cabeceira da cama. Primeiro, um pulso, depois o outro; um tornozelo, o outro em seguida. Então, com toda a carga de sensualidade de que é capaz, Lívia lhe sussurra que agora o tem à sua mercê, que o vai acariciar e o excitar tanto quanto ela quiser. Ele está totalmente subjugado. Lívia se afasta da cama para iniciar um fino e sensual strip-tease. Mário está mudo, as palavras não cabem; ele desfruta o que vê. Depois que termina de se despir, Lívia desliza as mãos em*

seu corpo e se acaricia com prazer e deleite. Enfia um dedo na boca e o chupa até enchê-lo de saliva; em seguido, o leva aos seus mamilos, que se eriçam. Mário está à beira do êxtase e desfruta contemplando-a de sua imobilidade. Ela põe mais lenha no fogo; seu dedo segue viagem para baixo e abre passagem entre os lábios da vulva. Os dois desfrutam... Ele não pode se mover nem tocá-la; está tão perto, mas tão inacessível quanto se estivesse longe. Quando a tensão erótica se torna insuportável, ela se aproxima e começa a lamber os dedos dos pés dele, sobe pela panturrilha, segue por dentro das coxas e rodeia as virilhas com a ponta da língua, até que seus lábios se fundem com a cabeça do pênis, já a ponto de estalar.

Amarraduras para gozar de maneira suave ou intensa

"Alguns acessórios servem para agregar uma pitada diferente de tesão na amarradura. Existem pulseiras duplas que se adquirem nas sex shops e prendem os pulsos nos tornozelos. Uma outra sugestão bem interessante é combinar as amarraduras com a sensação de ter os olhos e a boca tapados; a adrenalina dispara".

O gozo é mútuo. Com as amarraduras, desfrutam tanto quem está amarrado como aquele que controla e submete. Para quem se encontra atado, não se trata apenas de um exercício indiferente de abandono à vontade do outro; isso se interpreta também como um ato de entrega ao amante, com uma grande carga de voluptuosidade. Para o parceiro sexual, o estímulo é ter o controle da

situação e, além disso, testemunhar o gozo do seu amante. Mas, sem dúvida, o protagonista do jogo é o que está atado. Sua atitude passiva de deixar-se amarrar e ficar imobilizado à mercê do outro já o põe excitado.

Essa prática também pode ser combinada com outras formas lúdicas sexuais: exibir-se, desfrutar enquanto olha, fazer o jogo dos papéis ou a clássica dominação-submissão, a forma que é tradicionalmente associada com a *bondage.* Talvez por esta última vinculação as amarraduras tenham se relacionado ao sexo mais rude, orientado no sentido de uma submissão tortuosa. Acontece que não tem de ser necessariamente assim; é possível uni-lo a uma idéia de sexo afetivo, cálido e delicadamente sensual, onde desempenham um papel importante o ambiente e o uso de materiais — como a seda — para as ataduras. A escolha desses materiais também pode resultar numa cena de fetichismo, pois em algumas ocasiões os amantes têm um estímulo adicional: a excitação provocada pelo odor de uma corda, pela textura de um lenço ou pelo significado oculto das algemas.

Muitas vezes os casais se valem das amarraduras como uma fórmula "pouco convencional" de estímulo para fugir da rotina rígida, fazer renascer o desejo com maior intensidade e vencer as antigas inibições de maneira moderada e controlada. No entanto, a repetição do jogo, das ataduras, dos materiais utilizados, das posições e dos nós feitos pode transformar essas práticas em outra rotina, tão logo seja superada a novidade. Por isso mesmo, a troca constante das formas e dos comportamentos, um produto do inconformismo equilibrado, será um antídoto contra as relações repetidas, mecânicas e tediosas.

Os jogos sexuais eram pessoais. Fizeram com que a penetração deixasse de ser parte fundamental e única no relacionamento deles, que não representasse tudo. Disso resultou um prazer transformador e múltiplo. Por isso, esta noite eles passam muito tempo se acariciando e se beijando por todo o corpo, mudando de posições e aumentando gradualmente a excitação. Experimentaram a bondage muitas vezes, mas hoje será diferente. Dolores se levanta subitamente da cama e, frente ao gesto de surpresa de Joaquim, pede que ele espere por uns segundos, porque logo entenderá. Pouco depois, ela regressa ao quarto com uma longa corda de cânhamo. Sorrindo e sem dizer

uma palavra, começa a prender os pulsos de Joaquim e depois sobe pelos braços, rodeando os cotovelos e passando a corda em torno do peito. Em cada giro, esfrega o corpo de Joaquim com a ponta dos dedos numa carícia imperceptível, mas poderosamente sensual. Abaixa a corda até o púbis. A fricção do cânhamo, a surpresa pela presença das amarraduras e os outros jogos preparatórios deixam Joaquim alerta, à beira de uma explosão sexual. Dolores continua enrolando as pernas do amante com a corda, unindo-as dos quadris até os tornozelos. Ela sussurra com sensualidade no ouvido dele, pedindo-lhe que se deixe levar, que confie, pois logo ele terá o máximo de prazer. Em cada volta da corda, ela esfrega a ponta da língua no pedaço de pele que ficou livre. Pouco a pouco o sorriso de gozo que se delineava nos lábios de Joaquim se transforma; sua boca se contrai até que ele solta um grito profundo que sai de suas entranhas ao mesmo tempo em que ejacula.

O jogo é estar atado e bem atado

"Não existem regras fixas para as amarraduras. Elas devem atender a necessidade sensual de cada casal de amantes. Não se trata de impedir que o amante se solte, mas de transmitir a sensação de que isso não é possível".

Há tantos materiais a serem utilizados para atar quanto a capacidade inventiva dos próprios amantes. Cordas de cânhamo, de algodão ou de náilon; fitas adesivas... Mas também se podem usar roupas ou acessórios como gravatas, cachecóis de lã, lenços, echarpes de seda, etc. Há ainda outros itens mais tradicionais relacionados à imobilização, como correntes, vendas e algemas de couro ou de metal. Não existem regras fixas para as amarraduras, elas devem atender a necessidade sensual de cada casal de amantes. Uma posição usada com freqüência é aquela em que ele ou ela tem os pulsos e os tornozelos atados nas extremidades da cama. Mas as variantes são inúmeras: só as mãos; só os pés; as mãos na frente ou nas costas (às vezes essa posição fica incômoda porque força os ombros); com as pernas flexionadas ou estiradas; em pé, encostado ou sentado; atado ao pé da mesa, de uma cadeira ou de uma coluna. (Uma posição clássica é prender o pulso e o tornozelo direitos de um lado, e o pulso e o tornozelo esquerdos, do outro. Também se obtém uma sensação especial atando apenas um pulso.)

Tudo isso são sugestões. A melhor posição é a que dá prazer; portanto, trata-se de um jogo de tentativa e erro, até alcançar aquela em que a excitação aumenta até onde cada um imaginou, ou quem sabe até além do que se imaginou.

Do mesmo modo, a variedade de nós que se pode usar é muito ampla; no entanto, é recomendável que as amarraduras sejam experimentadas antes, já que não se trata apenas de subjugar, mas também de saber como se pode desatar com rapidez. Geralmente se dá um nó firme, mas sem muita pressão. Não se trata de impedir que o amante se solte, mas de transmitir a sensação de que isso não é possível: uma sensação a que deve estar atento o amante ativo, pois às vezes a pessoa amarrada deixa transparecer sinais de algum fastio ou incômodo com as amarraduras ou com a posição, o que pode acabar desconfortável se o jogo continuar.

Tal como se afirmou no início deste capítulo, a origem japonesa da *bondage* associa-se a uma antiga arte marcial, da qual se originou a versão atual da *bondage* japonesa, chamada *kimbaku* ou *shibari.* Essa prática dispõe de três amarraduras básicas: o *shinju* ou *bondage* de seios; o *sakurambo* ou *bondage* de ânus e genitais; e o *karada* ou *bondage* do corpo inteiro. Para realizá-las, é necessário conhecer técnicas específicas e dispor de cordas compridas — entre dez e quinze metros — trançadas em fibra de arroz (mais rugosas), de náilon ou de algodão.

O *kimbaku* está geralmente associado ao sadomasoquismo, mas se é feito com menos dureza e se criam situações mais ternas e suaves, é uma alternativa de imobilização mais atrevida que as ataduras de pés e mãos.

"As correntes também podem ser usadas como um acessório para imobilizar ou para pendurar entre duas amarraduras. O tilintar que seus elos produzem ao se chocar e o frio que transmitem no contato coma pele agregam sensações diferentes que ajudam a excitar".

O mesmo sonho úmido se repete pelo menos duas vezes por semana. Em meio à espessa névoa daquele mundo irreal, um desconhecido penetra nela com firmeza. Enquanto ela goza, fora de si, imediatamente se vê imobilizada. O homem lhe pôs umas algemas de couro que se fecham com uma fivela, de maneira que os pulsos de cada lado se unem aos tornozelos. Ela não vê o rosto do homem, mas sente que todos as partes do seu corpo são acariciadas antes da penetração; as sensações fazem com que ela atinja o êxtase, sem poder se mexer. Natália conta o sonho para Miguel, porque já se transformou na "sua" fantasia sexual predileta. Ela está decidida: quer desfrutar ao máximo com seu amante no papel do desconhecido. Escolheram esta tarde. A brisa tépida que entra pela janela aberta do cômodo alivia o calor de verão e torna a atmosfera mais voluptuosa. Os dois estão nus. Miguel não tem as algemas de couro do sonho, mas conseguiu alguns cordões de seda que tornam o jogo ainda mais sofisticado. Natália está ansiosa, flexiona a cintura e baixa as mãos até os tornozelos, como se fizesse um exercício. Está a ponto de realizar sua fantasia e isso a deixa superexcitada. Quando ela se agacha, por trás o amante pode ver os lábios inchados e brilhantes de sua vulva. Miguel ata com um nó duplo e

suave o pulso esquerdo, na perna do mesmo lado e lentamente repete a operação no pulso e no tornozelo direitos. Depois, venda seus olhos e, com a ponta dos dedos, acaricia seu traseiro entre as nádegas, e se deleita com isso. Natália se vê invadida pelas mesmas sensações que sentiu em meio à névoa daquele mundo de sonho. A prostração do gozo a deixa nas alturas. Ela se dá conta de que estar amarrada é uma situação natural de prazer. Competindo com o desconhecido do sonho, Miguel inventa todas as carícias e beijos possíveis. Aquele corpo quente e dócil está à sua disposição. Ele toca e desfruta cada milímetro; as axilas depiladas e sensíveis, os mamilos duros que apontam para o solo devido à posição, as pernas firmes em forma de V, em cujo vértice se acha o núcleo do prazer. Ela se entrega. Experimenta a pulsação do pênis que evidencia o desejo de Miguel quando ele começa a usá-lo como um pincel. Com pinceladas curtas e lentas desde o ânus até a vulva, ele leva o arrebatamento da situação até o auge. Natália treme as pernas e os braços de gozo, perde a noção do tempo e nesse intervalo seus fortes gemidos se transformam num grito irreprimível...

O limite do prazer é a segurança

"Muitas posições de bondage que são reproduzidas em fotos ou ilustrações, e que acabam sendo atrativas por sua complexidade, não são recomendáveis quando não se tem um alto domínio da técnica. Por isso, é importante não correr riscos desnecessários em caso de dúvida".

Quem é atado confia plenamente na pessoa que ata. O jogo se enraíza nessa confiança e no prazer que ambas as partes usufruem ao assumir esses papéis. No entanto, como em todo jogo, existem algumas regras, neste caso implícitas, para que não se ultrapasse as fronteiras de risco possíveis. Quando uma pessoa está imobilizada, ela se vê impossibilitada de reagir às situações imprevistas que se apresentam. Desse modo, não é conveniente que fique sozinha enquanto estiver amarrada ou algemada, e menos ainda quando está amordaçada, uma vez que pode se desesperar e ter um princípio de asfixia (já se comprovou que isto é muito pouco freqüente, mas é melhor prevenir que remediar). Também vale a pena prestar atenção nos nós: deixá-los de maneira a poder desatá-los com facilidade, sobretudo nas articulações, e dispor de alguma coisa cortante por perto para eventuais complicações na hora de desatar. É preferível não fazer laços e outros tipos de nós corredios ou que se apertem ao movimento, pois são incontroláveis e podem oprimir mais que o desejado. Caso se usem algemas, é recomendável uma precaução similar: deixar as chaves por perto e à vista. Existem duas ações utilizadas, principalmente na *bondage* japonesa, que podem ser perigosas quando realizadas sem experiência: pendurar alguém ou passar uma corda em torno do seu pescoço. Como são práticas demasiadamente delicadas, convém evitá-las.

Gozar, mostrando-se

É imperceptível. Dura menos de um segundo, mas tornou-se uma cena emblemática do cinema de todos os tempos. A mulher está sentada numa cadeira frente a dois policiais que a interrogam. Está de pernas cruzadas. Logo as descruza, abre-as e volta a cruzar. Ela está sem calcinhas. Mas isso só se pressente. E é o bastante para que disparem a fantasia e a adrenalina. Sharon Stone, em *Instinto Selvagem,* demonstrou a força que tem a exibição dos genitais como energia excitante e atrativa. Seguramente, Sharon despertou a inveja de milhares de exibicionistas que secretamente desejaram dispor de tamanha audiência para se mostrar.

Desfrutar em ser olhado não é outra coisa senão expor as partes do corpo tidas como proibidas pela cultura (às vezes, também pela lei) e sentir prazer ao fazer isso. Contudo, não é algo tão simples e direto. O tesão, os pudores, as inibições sociais, o desejo e outras condicionantes pessoais orientam a exibição para terrenos distintos, com diferentes níveis e diferentes matizes.

A sensação de prazer se manifesta antes de alguém se mostrar porque é carregada de uma excitação prévia, quando se planeja o que se vestirá e onde será feito o jogo sexual. E, é claro, culmina com a satisfação plena quando a idéia segue adiante e se mostra o próprio corpo ou parte dele. Porém, durante o seu percurso, o jogo se converte em um rico labirinto de sugestões, gestos, insinuações, dissimulações, cumplicidades e fascínios, aberto a todo tipo de interpretações.

Sobre ritos, oferendas e outros jogos mais espontâneos

"A exibição do corpo nu tinha conotações religiosas e, por isso, não existiam barreiras de pudor".

Despir o corpo diante dos outros tem antecedentes culturais que remontam aos povos antigos, dos quais restam muitas peças que reproduzem genitais masculinos e femininos como imagens de veneração. Essas imagens não se associavam diretamente ao prazer erótico, mas a ritos de fertilidade que faziam dos órgãos sexuais o centro da atenção, dignos de idolatria como oferenda sagrada aos deuses. A exibição do corpo tinha conotações religiosas e, por isso, não existiam barreiras de pudor. Alguns exemplos mais recentes confirmam esses costumes: em meados do século XIX, antes da extensão e consolidação do domínio britânico, os sacerdotes das províncias do sul da índia percorriam as ruas da cidade completamente nus, enquanto as mulheres reverenciavam e acariciavam seus pênis como demonstração de devoção. Atualmente, mulheres de vilarejos da metade meridional da África exibem as nádegas, os seios e a vulva durante as cerimônias destinadas a aumentar a fertilidade. Em muitos casos, como nas culturas primitivas, a excitação provocada pela exibição do corpo nu, ou de uma parte dele, é bastante valorizada por ser tida como um sinal de saúde que conduz ao objetivo desejado: a procriação.

"As práticas exibicionistas estão relacionadas ao resgate inconsciente de sensações que se percebem com grande intensidade no despertar sexual infantil".

Se a história deixa antecedentes culturais associados ao ambiente social, a psicologia desvela as causas vinculadas ao indivíduo, à sua conduta e às suas reações. As práticas exibicionistas estão relacionadas ao resgate inconsciente de sensações que se percebem com grande intensidade no despertar sexual infantil: os encontros entre amigos nos quais se mostram os genitais como forma de conhecimento, ou como parte dos jogos. Também estão presentes no prazer de olhar um vestígio da ingenuidade e a recuperação da espontaneidade infantil: o jogo sexual sem hipocrisia, natural e aberto, na busca de sensações livres das

culpas e dos medos acumulados pelos adultos.

"Se acaricia com suavidade, como se tirando o resto de areia fina sobre os peitos e depois sobre as coxas. Mas faz isso com uma cadência lenta".

As sombras se estendem pela areia tórrida. A tarde avança e a praia já é quase um deserto. Ela está com uma tanga preta, deitada de barriga pra baixo na espreguiçadeira e o olha por cima dos óculos escuros, enquanto finge ler um livro aberto entre as mãos. A uns cinco metros, ele está sentado e olha na direção dela, simulando que pretende pegar os últimos raios de sol do dia. Eles se entreolham. Não é a primeira vez esta tarde. Mas agora de maneira menos disfarçada. Eles já se sentem livres, as pessoas ao redor estão indo embora aos poucos. Ela percebe que o desconhecido finge cada vez menos e a olha com mais insistência. Animada com esse interesse, ela troca de posição e exibe a sua silhueta inteira. Se acaricia com suavidade, como se tirando o resto de areia fina sobre os peitos e depois sobre as coxas. Mas faz isso com uma cadência lenta, excitante. Ele não perde detalhe algum. Ela não o olha, atua. Sabe que tem um espectador cativo. De repente, ela abre um pouco as pernas. Suas entrepernas só estão tapadas por uma estreita franja de tecido e apontam na direção do observador. Enquanto finge que ajeita a tanga, ela desliza um dedo por baixo contra os lábios da vulva. O contato é fugaz e dissimulado, mas para ele não passa despercebido. Todos os movimentos dela são intencionais. Depois de passar os dedos pelo nariz, ela o olha abertamente e ele sorri com os olhos sedutores... Ela então se levanta, ajeita a tanga com movimentos lentos e sensuais, se exibe para seu "amante" distante e caminha devagar até a água, rebolando exagerada e sedutoramente. Antes de molhar os pés, ela se vira e o olha, e sorrindo sustenta o olhar por alguns segundos. Ele entende o convite. Sem se apressar, acomoda a ereção do pênis debaixo da sunga, levanta-se e se dirige com passos seguros até o mar. Não há palavras, ele se aproxima dela, que o espera com seus peitos flutuando na superfície da água, como um convite...

Primeiro se gostar, depois se mostrar

"Mostrar-se, e gostar de fazê-lo, associa-se com a auto-estima".

"'Eu te mostro, tu me mostras. Este jogo é parte essencial do exibicionismo. Ainda que o objetivo seja mostrar o corpo, para que o jogo se complete aquele que mostra precisa de um observador ou pelo menos imaginar que esse observador está presente e que compartilha os mesmos sentimentos com cumplicidade".

Mostrar-se, e gostar de fazê-lo, é algo que depende da auto-estima. Quando se tem uma boa relação com o próprio corpo desaparecem as inibições, os fantasmas da insegurança, e isso gera uma disposição maior para fazer o corpo brilhar e seduzir enquanto mostra.

Por outro lado, quando a auto-estima e baixa, aumentam as dificuldades para exibir-se e para tomar decisões. Particularmente no plano sexual, a pessoa se sente bloqueada para solicitar determinadas carícias ao amante, para propor algum jogo e para tomar a iniciativa nas relações sexuais.

A relação de causa e efeito entre um corpo em boa forma e a exibição não se estabelece através do que normalmente se chama "ter um bom corpo", proporcional, e adequado aos cânones da moda. Trata-se de manter uma relação de equilíbrio consigo próprio; aceitar-se tal como é, sentir-se à vontade com o próprio corpo e, por conseqüência, agir sem censuras, sem pudores, sem inibições. Esse estado de ânimo facilita a exibição do corpo, quando se deseja ou se tem necessidade de fazê-lo, já que se encontra liberado dos preconceitos que interferem como uma trava. Isso sem esquecer da cota importante de liberdade sexual, imprescindível para que se leve adiante qualquer atividade ao limite do socialmente aceito.

"Ela goza com a inocência do olhar dele e se deleita, dominando a situação".

Todo dia, às dez da manhã, toma o mesmo trem. Como não é um horário de pico, há um assento disponível no vagão. Aproveita para estirar-se e ler comodamente o jornal. Na primeira estação sobem quatro pessoas. Uma mulher, que não lhe chama muito a atenção, se senta defronte a ele. Por cima da folha, vê apenas a cabeça e o cabelo ruivo dela. Embora esteja concentrado na leitura, a intuição o faz abaixar ligeira e dissimuladamente o jornal, e assim dá com os olhos dela que o olham fixamente. Em seguida, desvia o olhar e levanta o jornal, mas se sente perturbado; a leitura já não é prioritária. Sua atenção se concentra nesse olhar inquietante. Finge que troca de página e aproveita para observar essa companheira de viagem, que está com um leve e seguro sorriso delineado na face. Na terceira vez que a olha, ela faz um gesto com os olhos: é uma mensagem clara. Olha-o e depois abaixa o olhar, como que indicando o caminho. Ele demora um pouco para entender, mas logo segue o trajeto imaginário traçado pelo olhar dela e se depara com os joelhos separados deixando entrever um túnel sombreado entre as coxas. Quando se dá conta de que seu vizinho de trem atinge o objetivo com os olhos, ela se mexe para acomodar-se no assento, recolhe um pouco a saia e faz com que suas pernas fiquem no ângulo perfeito para que ele enxergue, no fim do túnel, as inconfundíveis pregas de sua vulva excitada. Ele fica sem jeito. Não sabe o que fazer nessa situação; nunca passou por isso. Ela goza com a inocência do olhar

dele e se deleita, dominando a situação.

Ele levanta e baixa a vista como que atraído por aquele imã entre as pernas dela. Repetem o jogo várias vezes, enquanto ela molha os lábios com a ponta da língua. Finalmente, quando o trem diminui a marcha, ela sorri para ele e levanta-se para descer na próxima estação. Ele se sente indeciso por um instante. Quando as portas se abrem e ela desaparece na plataforma da estação, ele se apressa e também desce; ela está à espera, com desejo e júbilo diante de sua cara de rapaz inexperiente.

* * *

Chegam ao hotel e na recepção quem os atende é uma mulher de uns 35 anos, beleza serena e olhos expressivos, com um jérsei decotado que realça seus ombros e seu pescoço comprido e sedutor. Martin não consegue deixar de se distrair, olhando-a. Lorena não compartilha o momento: procura cigarros em sua bolsa. A recepcionista lhe sorri levemente, com um trejeito cúmplice, inquietante. Martin mantém essa imagem gravada enquanto sobe a escada na companhia da amante. Ao entrar no aposento, ele parece ausente. Sua mente se entretém, por alguns minutos mais, a trinta degraus abaixo. Lorena o traz para a realidade: está mais ativa que de costume, lhe abraça e lhe dá um beijo apaixonado enquanto acaricia o peito. Entrelaçados nessas carícias intensas, caem sobre a cama. Lorena toma a iniciativa: tira a camisa dele, desabotoa a calça e o vira de barriga para cima para lamber seu peito. Ele olha o teto e descobre um pequeno orifício circular; perfeito, como se feito por uma furadeira. Sua imaginação dispara. Não sabe se o que vê é real ou se quer ver o que imagina. Ele nota que atrás do orifício, de repente, surge um ponto luminoso que em seguida se cobre por algo escuro. Um olho, supõe. Alguém está espiando. Deve ser ela, pensa. Enquanto isso, guiada pelo desejo, Lorena tira a blusa e o sutiã; enquanto seus seios redondos esfregam as coxas de Martin, brinca com o pênis duro: acaricia-o e o chupa com gosto. Martin se entrega; sua mente se concentra no buraco. Aquela ficção incerta o estimula. Pensa que, se é ela que está olhando, então deve estar excitada com a cena e a respiração dela vai ficar cada vez mais agitada, e com isso terá de se manter em silêncio para não ser descoberta. Somente ele compartilha o segredo daquela

mulher. A mente de Martin está ocupada e obcecada pela visão da recepcionista imaginária, que, segundo o que ele imagina, nesse exato momento deve estar acariciando o próprio corpo enquanto olha pelo buraco. Martin está em cima de Lorena e morde o pescoço dela; sabe que nessa posição se vê tudo do teto, como se estivesse gravando com uma câmera. Seus ombros, suas costas, sua bunda, todo o seu corpo se exibe para estimular aquela desconhecida e para aumentar cada vez mais o seu próprio desejo. De repente, ele olha para cima. Como se para dizer alguma coisa a ela, pega Lorena pelos ombros, levanta as pernas dela e penetra, com a surpresa agradável e os gritos apaixonados de sua amante. Ele sabe que a cena que ofereceu àquela mulher deve ter feito com que ela se masturbasse por trás daquela parede fina, a dois metros de sua cama. Certamente existe uma conexão fantástica entre ambos: cada investida furiosa de seus quadris, cada gemido de Lorena, aplaca os gritos da masturbação com que ela se deleita no mesmo ritmo do casal. A imaginação de Martin galopa: ela é a musa de sua excitação; aqueles olhos que o contemplam misteriosamente reclamam a urgência de um orgasmo. Ele oferece tudo o que ela quer ver para também atingir o êxtase.

Com roupa ou sem roupa, a questão é exibir-se

"As colônias e as praias de nudismo não são lugares de exibicionismo. Confundir esse tipo de situação com intenções sensuais é um grande erro. A nudez que aí ocorre não implica em qualquer jogo sexual e, portanto, está desprovida de qualquer erotismo. A nudez praticada por esses grupos associa-se a outros valores, como viver mais próximo da natureza e em consonância com ela".

"Exibir-se supõe, então, uma dupla sensação: mostrar-se e ao mesmo tempo sentir-se observada e desejada".

Existem formas, momentos e matizes para despir o corpo de forma total ou parcial, e gozar ao fazê-lo. Na intimidade do casal, isso se dá como um jogo preliminar com um efeito de sedução, desde o *strip-tease* premeditado em suas múltiplas formas até a exibição de todo o corpo ou a insinuação erótica de uma única parte, como que por acaso, para provocar o parceiro. Exibir-se supõe, então, uma dupla sensação: mostrar-se e ao mesmo tempo sentir-se observada e desejada. Quando uma pessoa realiza a cerimônia de desnudamento diante do parceiro, obtém um grande prazer erótico: de maneira sugestiva, tira a roupa peça por peça, concentrando toda a atenção do parceiro. Mostra um ombro, um seio, revela-se em posturas voluptuosas... ao mesmo tempo, escuta o que diz o amante. O clima sexual desencadeado por essa pessoa é o que alimenta o ambiente de sensualidade.

"Essa fórmula de contemplação não consentida do próprio corpo seminu também é um fator excitante de alta voltagem".

O prazer produzido pela ansiedade dispara a adrenalina com a decisão de ir mais além, de dar este passo transgressor: desnudar-se de maneira total ou parcial diante de uma janela, em alguma varanda ou em espaços naturais aparentemente pouco freqüentados, como as margens de um rio, uma clareira no bosque ou um monte nas cercanias de um vilarejo. São lugares escolhidos por muitos casais para ter relações sexuais em contato com a natureza, e também

para jogar com o risco de se deixar ver por olhares ocasionais, o que potencializa o desejo deles. De um modo ou de outro, na pior das hipóteses, quem se exibe joga consigo mesmo: imagina que alguém o vê ou se expõe apenas o suficiente para que alguém o observe, mesmo que seja de longe. Essa fórmula de contemplação não consentida do próprio corpo seminu também é um fator excitante de alta voltagem.

A despeito das situações descritas, na realidade não é assim tão necessário se despir para se mostrar. Exibir-se também é vestir uma roupa justa o bastante para ressaltar a bunda e os seios, ou uma calça que realça a forma dos lábios da vulva; pôr peças transparentes que deixam transparecer o corpo nu ou echarpes insinuantes e chamativas; brilhar com decotes profundos, abrindo caminho para seios sem sutiã que dançam e escapolem sob a blusa, onde se adivinham a sombra e o contorno dos mamilos. Entre os homens acontece algo similar: alguns sentem um prazer especial em mostrar o peito peludo, deixando de forma estudada alguns botões da camisa abertos; outros usam camisetas bem justas, com mangas curtas e apertadas que ressaltam os bíceps; outros vestem calças justas que acentuam o traseiro e o volume do pênis. Todas essas formas de se vestir são marcadamente exibicionistas e se enquadram nos padrões socialmente aceitos; ou seja, não têm uma conotação negativa na opinião geral, como ocorre quando o exibicionismo faz parte de práticas sexuais.

"Desde então, de maneira sistemática, quando ela o atende no balcão, aparece com dois botões de sua blusa branca desabotoados, deixando entrever o sutiã".

Todas as tardes ele vai tomar café no mesmo bar, nas proximidades do escritório. André trabalha no centro da cidade e aquele lugar aconchegante e silencioso é um oásis em meio à loucura. Ela sempre o atende, Janaína, a balconista morena, simpática, com expressão e gestos ingênuos. Com o passar dos dias, eles se reconhecem, de modo que já podem conversar: o tempo, o trabalho, comentários frívolos, algumas piadas. Poucos dias atrás, no entanto, ele notou um gesto que na hora pareceu casual porque fazia calor, mas que depois se repetiu seguidamente. Desde então, de maneira sistemática, quando ela o atende no balcão, aparece com dois botões de sua blusa branca

desabotoados, deixando entrever o sutiã. André entra no jogo e participa; para mostrar isso, diz que o sutiã é bonito. De modo bem natural, ela fala que o marido também gosta e, enquanto seca algumas xícaras, comenta que tem mais de quinze sutiãs, muitos deles bastante sensuais. Ele não entende bem o que está havendo, mas gosta disso. No dia seguinte, ela diz para André que contou ao marido que um cliente do bar tinha elogiado seu sutiã. E que o marido havia pedido detalhes: se ela o havia mostrado e como, se era espiada ou não. E que à medida que ela contava, os dois se excitaram e acabaram fazendo um sexo intenso naquela noite. André estava em outra dimensão, abria-se um novo panorama. Ele também se excitava participando do jogo, um jogo que se foi avivando e incandescendo dia após dia. A cada jornada, ela surge com novidades. Desabotoa o vestido e deixa André ver sua coxa inteira quando ele se debruça um pouco sobre o bar, avisa que vai se agachar para limpar o pé da mesa de modo que ele possa ver sua calcinha quando ninguém está olhando na direção deles. E isso acontece todos os dias, com o detalhe excitante do relato que ela faz de como estão evoluindo suas relações com o marido. André olha e cala. As regras são claras: olha-se, mas sem tocar. Mostra-se, mas sem tocar. O encontro é cada vez mais estimulante porque ambos esperam por esse momento íntimo naquele lugar público, onde os clientes ignoram aquela relação especial. Hoje ele chega mais tarde que o habitual, conforme haviam combinado. Está quase na hora de fechar, e ele se senta no balcão com o último café. Ela sai detrás do balcão, abre uma porta com o aviso "privado" e a deixa entreaberta. Ele tem uma visão privilegiada. Então, lentamente ela começa a tirar a roupa de trabalho; solta o sutiã e o desliza suavemente pelos ombros, até que os seios aparecem; depois se vira e tira a calcinha. Em seguida, bem devagar, ela veste uma outra calcinha vermelha mais provocante e um sutiã da mesma cor. Quando acaba de vestir-se, entre suspiros ela diz que está com pressa, que amanhã eles se falam, que está precisando do marido... Mas que outra manhã...

Os cenários para mostrar-se são insondáveis

"Os lugares de troca de casais ou de sexo grupal são ideais para soltar as rédeas de todo tipo de exibicionismo. Sem inibições, pode-se exibir o corpo nu ao parceiro e a outras pessoas, tentar seduzir outros integrantes do grupo através de sua exibição, ou mesmo entregar-se ao coito enquanto outros olham".

Os cenários teatrais são a inspiração, e os atores, os ídolos secretos dos exibicionistas, já que eles podem mostrar o corpo "impunemente", na medida em que seu trabalho consiste em exibir-se. Assim, a procura de cenários para a exibição é importante porque carrega consigo uma carga erótica particular: renova as sensações e será emoções inéditas.

Alguns lugares são mais excitantes para exibir-se que outros. Já comentamos certas preferências pelos espaços naturais; no entanto, as pessoas que gostam de ser vistas, seja por desconhecidos ou pelo companheiro, muitas

vezes cultivam o tesão exibindo-se em lugares públicos e bem movimentados: meios de transporte como metrô, ônibus ou trem, por exemplo, têm o atrativo a mais do movimento; outras preferem teatros, bares, ginásios ou lojas, onde as cabines oferecem uma oportunidade única e espontânea para desnudar-se e mostrar-se, sem incorrer em atos públicos censuráveis. Na maioria dos casos interfere o fator risco: ser descoberto por outras pessoas, quando os gestos são destinados ao casal ou a um observador em particular, ou a possibilidade de uma reação inesperada — tudo isso gera uma carga de tensão extra que dá maior emoção ao jogo e eleva a qualidade do desejo. Sem renunciar a esses cenários, tem gente que gosta de se mostrar em lugares onde se pratica sexo grupal, envolvidos por um clima abertamente sexual.

Um outro tipo de tesão ocorre com a transmissão de imagens por *webcams* através da Internet. Fazer *strip-tease* ante a câmera; exibir-se parcialmente de forma sedutora ante um interlocutor do outro lado da tela do computador acarreta o máximo de tesão em condições seguras e íntimas. Em alguns casos, inclusive, essa demonstração se faz para uma única pessoa desconhecida com quem se estabelece uma relação via *chat*, mas em outros casos se lança uma imagem na rede sem saber se ela será captada por milhões de pessoas pelo mundo. Imaginar que o ciberespaço é habitado por pessoas de carne e osso, que vão olhar e desfrutar enquanto olham, aumenta ainda mais a sensação de prazer: só essa idéia já detona e estimula a libido de quem se mostra diante de uma *webcam* em sua própria casa.

O desejo também pode ser estimulado mediante um objetivo; existem aqueles que preferem gravar seu corpo nu com uma câmera de vídeo para mostrá-lo ao parceiro ou para projetá-lo enquanto eles mantêm relações sexuais. Essas pessoas se exibem e desfrutam com a fantasia de que, por trás daquela lente, para a qual atuam com voluptuosidade, alguém as observa.

Dor e prazer

Como expressar a idéia de que a violência será prazer? Como dizer que a agressividade provoca excitação sexual? Como explicar um assunto tão delicado sem que alguém o associe com algum desvio psicológico, ou que alguma infeliz interpretação politicamente correta desqualifique o argumento? Como evitar que o fantasma da violência contra a mulher seja utilizado para confundir, por excesso de zelo, um delito com um simples jogo sexual consentido?

Na vida social, dor e prazer não se tocam. São duas sensações independentes. São consideradas emoções opostas. Quem sofre uma dor não pode experimentar o prazer, e quem goza não o faz através da dor. Isso porque no mundo das leis morais, dos pudores e das aparências, ninguém admite que os caminhos da dor e do prazer podem se encontrar. Pelo menos publicamente. No entanto, na dimensão privada, na intimidade desinibida dos amantes, onde sem qualquer vergonha se mostram os corpos nus e o sexo é um território livre e sem fronteiras que pode ser percorrido, muitas vezes a dor e o prazer se entrelaçam no destino das pessoas. Elas constroem um código íntimo de cumplicidade extremamente livre, no qual um arranhão significa desejo; uma mordida, excitação; um tapa, luxúria desenfreada; um beliscão, uma doce descarga dolorosa, e um insulto (o início da dor psicológica), a provocação mais arrebatadora. Violência limitada e aceita. Agressividade positiva e controlada, com o único objetivo de sentir e fazer sentir satisfação. São recursos que potencializam o desejo e aumentam o gozo. Embora sejam inconfessáveis.

A adrenalina e as técnicas orientais

"Os mamilos, tanto no homem como na mulher, precisam ser estimulados, acariciados, lambidos, apertados e em alguns casos beliscados para aumentar a sensibilidade e também para que se desenvolvam. Muitos homens afirmam que não possuem sensibilidade nessa parte do corpo, mas geralmente isso ocorre porque ela é pouco estimulada".

A adrenalina é uma substância que o corpo produz para se pôr em estado de alerta máximo quando há ameaças externas; ele se concentra nesse risco e prepara todos os sentidos para a decisão: defender-se ou fugir. A reação é o medo. Essa substância também é um dos principais responsáveis pelo entrelaçamento da dor com o prazer. Embora a referência química pareça pouco excitante, a verdade é que as sensações se confundem quando disparam os estímulos que produzem a liberação de adrenalina no corpo. Na realidade, o orgasmo não sabe se é o caso de um jogo ou de um perigo real, mas reage da mesma maneira: excitando-se.

No jogo sexual, onde se incluem mordidas, palmadas na bunda ou beliscões que acarretam uma pequena dor, o corpo entende que deve ficar alerta, porque esses estímulos assim o pedem, gerando um estado de forte emoção e tensão. Encarregada de discernir entre o danoso e o agradável, a mente transforma a sensação de medo, que é ligeiramente dolorosa, em satisfação e prazer.

"Os arranhões são considerados carícias capazes de despertar fortes paixões".

O mais antigo livro de técnicas de amor e sexualidade, o *Kama Sutra,* já registra muitos dos chamados "golpes de amor", como os arranhões, as mordidas e as palmadas. Em cada caso, ele os classifica de maneiras diferentes: se devem ser feitos com a mão aberta ou fechada, com a palma ou o dorso da mão, as áreas que podem ser golpeadas e também se os golpes devem ser dados pelo homem na mulher *(Karatadana)* ou vice-versa *(Sitkreutoddesha).* Com a mesma meticulosidade descrevem-se as mordidas, onde a intensidade, a duração e a

parte do corpo de sua aplicação são muito importantes. Além das partes erógenas clássicas do corpo, destaca-se a parte interna do lábio inferior como um ponto altamente sensível para receber essas mordidas.

Os arranhões são considerados carícias capazes de despertar fortes paixões e se produzem de diferentes maneiras: desde os arranhões tradicionais, arrastando-se as unhas com uma pressão moderada sobre a pele do amante, até a brincadeira de cravá-las em determinadas partes do corpo: o peito, a face, a parte interna da coxa, a bunda... Também se sugerem arranhões em "pinceladas" como de quem pinta, arrastando as unhas e invertendo diversas vezes a direção para variar os estímulos.

Ao entrar no hotel, Clara sente o rosto ardendo de ansiedade. Está abraçada com Nicolas, um quase desconhecido que até poucas horas atrás não passava de um nick no Messenger. Agora está a ponto de realizar o momento mais prazeroso dos últimos tempos. Clara se lembra de que Nico a fazia gozar com seus desempenhos na frente da tela do computador. Fazia algum tempo que estava sozinha e sem sexo. E se perguntava se aquilo duraria muito. Mas esse tipo de conjectura só a deixava inquieta e excitada. Tinha se masturbado frente ao computador, mas queria mais. Quando ele propôs ir a um hotel, ela percebeu que era sua grande chance. E agora está entrando no quarto com a imagem de mil fantasias; a paixão com que ele ameaçava arranhar suas costas com as unhas ou esmerar-se em palmadas que afogueariam sua pele de vermelho. Tão logo tem Clara à frente, Nico não perde tempo: beija-a com força, explorando com a língua a boca da amante, e morde o lábio inferior até que ela suspira. Nesse momento, ela se vê invadida por uma onda de calor e tira a camisa dele de uma tacada só. Arrebenta os botões, abraça-o novamente e crava as unhas em suas costas. Agora é ele quem se dobra de prazer. E responde. Tira a roupa dela rapidamente, sem rodeios. Em poucos segundos, ela está exposta diante do amante e diz que quer fazer já e com força. Livre de suas calças, ele a levanta pelas nádegas de maneira que ela se entrelace em sua cintura com as pernas, enquanto ele a penetra. Não lhe dá tréguas; morde os mamilos e ela inclina a cabeça para trás e se deixa levar pelo desejo. Nicolas se agita, mas não perde o controle. Estica a mão, pega a gravata com nós no sofá e começa a açoitá-la no traseiro e nas costas. Diversas vezes. Ela recebe isso com surpresa. A cada

açoite, reage com um gemido ainda mais forte. Pede mais e se agita sobre o pênis com um sobe e desce duro e rápido. Sabe que está próximo um orgasmo explosivo e violento. Ela quer ser mais açoitada, quer sentir essa descarga de dor prazerosa, arrebatadora, enquanto suas unhas se cravam nos braços dele como se fosse uma ave de rapina capturando a presa...

Sade, o precursor das palmadas

"Suave e intenso. Nessa alternância está o gozo. Isto significa que depois de cada mordida, de cada palmada ou arranhão, convém fazer uma carícia ou dar uma lambida. Os estímulos se potencializam com essa variação. Por outro lado, a repetição de um mesmo tipo de estímulo, inclusive em intensidade, traz o hábito e limita as sensações".

Os jogos de dor e prazer se popularizaram na cultura ocidental com Donatien Alphonse François, o marquês de Sade. Esse nobre francês deixou em

livros a marca de seu pensamento e de sua vida sexual agitada, que curiosamente se desenvolveu durante um período mais que efervescente na história da França. Suas histórias sexuais pessoais e literárias atravessaram os últimos anos do decadente reinado de Luís XVI, a Revolução Francesa de 1789 e, posteriormente, o império napoleônico. O marquês de Sade legou um tipo de conduta absolutamente transgressora, onde o castigo e a dor serviam de base ao gozo e aos prazeres ocultos e inconfessáveis, em sua época (e também na atual).

Dois séculos depois, a essência desse tipo de prazer permanece. Atualmente, esses jogos sexuais de agressividade física transgressora fazem parte do imaginário de muitos casais de amantes. E muita gente os põe em prática. Em geral, fazem isso quando a excitação já começou a crescer, pois com a sensibilidade em alta, uma sonora palmada no traseiro irrita a pele, deixando-a avermelhada e produzindo um ardor agradável. Além disso, agrega adrenalina, e isso ajuda o casal a se aproximar um pouco mais do clímax. Ocorre algo parecido com beliscões em zonas erógenas como os mamilos ou as nádegas. Não se trata de machucar ou provocar dor, mas apenas de transmitir a sensação. Quando os dedos retorcem ligeiramente a pele, o que se busca é deslocar a atenção para essa parte do corpo, e isso repercute como um eco nas zonas mais sensíveis.

O dia foi tão estafante que, em sua mente, se desenha uma banheira fumegante e aromatizada e um silêncio íntimo, só interrompido pelo salpicar da água caindo. É um sonho simples de se realizar. A primeira coisa que faz ao chegar em casa é abrir a torneira para encher a banheira, depois põe um CD de Boccherini e volta ao banheiro para derramar na água sais aromáticos que rapidamente inundam a atmosfera com seu penetrante aroma. Submerge nesse paraíso aquático e quente; relaxa, estira-se e sente em cada poro da pele o balanço da água quente em seu corpo, em seus músculos esgotados. Pouco a pouco as sensações se transformam. Recupera a vitalidade, se solta. Primeiro passa a suave esponja pelos braços e coxas, depois toca o corpo com as mãos. Estão cheias de gel e logo ele ensaboa o peito, a barriga e o púbis, até que segura o pênis e um calafrio de prazer o faz fechar de novo os olhos. Ao ritmo da música de cordas, suas mãos resvalam no pênis de cima para baixo, como se não fossem suas. De repente, sente um outro ímpeto; uma das mãos abandona o

membro e se dirige ao peito, pega um mamilo e o belisca uma e outra vez. Ele se contorce, um traço de dor contida de prazer fugaz passa rápido pelo seu rosto. Sua imaginação começa a iluminar uma silhueta irreconhecível, enquanto sua mão ensaboada segue agitando o falo, cada vez mais duro. A excitação avança em descargas. Acompanha os contrapontos da música. Sua mão direita movimenta a pele molhada e esticada do pênis e a esquerda reage, beliscando a pele sensível das coxas. Ele se sente agitado, asfixiado. A velocidade aumenta e, junto a ela, a freqüência dos beliscões. Agora nos braços, e depois novamente nos mamilos duros e nas nádegas. Cada descarga é um degrau para cima. É a escalada de uma paixão solitária e dolorosa. Mas ele se dá conta de que esse castigo sublime o encanta, até que um último beliscão o leva à descarga final enquanto imagina que suas mãos são daquela desconhecida que viu pela manhã na ponte aérea.

Diferentes açoites e mordidas

"Se um dos amantes, ou ambos, está comprometido com outro relacionamento, convém tomar cuidado para não deixar marcas, ou deixá-las em lugares escondidos, como uma lembrança erótica secreta. Neste caso, a despeito do tempo transcorrido, as marcas são capazes de evocar a paixão que as provocou".

As mordidas, por outro lado, devem ser mais medidas. É aconselhável não dá-las quando a excitação é muita, porque é mais difícil controlar a força das mandíbulas e se pode machucar bastante o outro. As mordidas durante as brincadeiras preliminares, sobretudo em zonas como o peito, a vulva ou o pênis, costumam aumentar o tesão. Ocorre uma sensação contraditória, uma vez que quem recebe a mordida confia no seu amante, mas nem por isso deixa de ter uma dúvida, o medo de ser agredido. Esse medo acaba sendo o motor positivo que libera a adrenalina excitante.

A utilização de acessórios alheios ao corpo para golpear ou açoitar, como cintos de couro ou toalhas, pressupõe um cuidado a mais. A regra geral é que quando esses acessórios são compridos, é necessário calcular muito bem antes de golpear e ter alguma prática para fazê-lo. Alguns efeitos são indesejados. A intenção pode ser golpear as nádegas, mas às vezes a extremidade do acessório funciona como um chicote e, assim, atinge um ponto distante vinte centímetros do esperado, causando danos aos genitais. Ou então a intenção é golpear as costas, mas o chicote pode atingir sem querer o rosto ou o peito. E esse dano ocasional e inesperado provoca um resultado exatamente oposto ao desejado, com uma dor excessiva que desconcentra e abala a motivação.

Levando em conta que não existem regras fixas, nem sempre a agressividade deve ser exercida pelo mesmo membro do casal. É uma questão de estado de ânimo. Pode-se, então, fazer um revezamento dos papéis de castigado e castigador, ou alternar-se os papéis em cada sessão de sexo com dor e prazer. Alguns casais têm esses papéis fixos, simplesmente porque aquele que proporciona dor encontra prazer nessa ação, assim como quem recebe o castigo se satisfaz com isso.

De todo modo, o gozo através da dor também pode ser considerado um

prazer solitário, se assim se desejar. A vantagem da dor causada a si mesmo durante as masturbações é que a própria pessoa pode regular a intensidade, de acordo com seus limites.

Jogo de papéis

A *Lord Chamberlain's*, companhia teatral de William Shakespeare, era quem distribuía sonhos pela Inglaterra do século XVI. Eram tempos curiosos aqueles em que a rainha Elizabeth reinava e mandava, quando as mulheres eram proibidas de subir ao palco. Shakespeare escrevia para os homens. Eles é que interpretavam os papéis femininos, com roupas e perucas adequadas. A pouca sensualidade que tinham contrastava, no entanto, com a curiosidade sexual gerada por suas interpretações e com as muitas fantasias heterossexuais e homossexuais que despertavam. Somente um século depois é que as mulheres subiram aos palcos... e não só neles. Veneza foi o berço. Nessa cidade mágica, onde confluíam a cultura, a arte e os comerciantes mais poderosos, desenvolveu-se o erotismo das vestimentas e dos disfarces; a sensualidade transformou-se em enigma, com o jogo sexual das máscaras carnavalescas e das intrigas secretas e inconfessáveis. Na Veneza de Giacomo Casanova, o amante universal, alcançou-se o máximo de sofisticação no jogo de papéis, onde a sedução e o estímulo para o prazer se mesclavam com o tesão de elaborar ambientes e adotar personalidades fictícias. Aquele contexto talvez tenha sido o precursor do atual rol playing, ou jogo de papéis.

O estímulo se acha na pele do personagem

"Através da Internet podem-se encontrar casais ou parceiros para jogos de papéis. É possível negociar até mesmo os personagens e o enredo da história, por meio de um diálogo no computador e com uma webcam".

No século XXI, a interpretação de papéis na intimidade dos amantes apresenta um objetivo sexual manifesto e evidente. No rol playing participam habitualmente duas pessoas, que elaboram um diálogo fictício ou que interpretam papéis complementares numa ficção histriônica, a fim de ampliar o desejo e a excitação. Ao escolher os personagens que serão interpretados, os

amantes se inspiram nos mais variados temas, de lembranças de infância até situações lascivas não realizadas, cenas sexuais guardadas na memória ou fantasias infantis. Em qualquer caso, todas essas diferentes motivações apontam para o mesmo propósito: despertar o maior tesão possível. Um casal pode brincar de médico e enfermeira, modelo e fotógrafo, professora e aluno, entre muitas outras relações complementares que reproduzem situações excitantes. O objetivo é que os amantes possam explorar o sexo para além dos limites da rotina cotidiana e encontrar cenários lúdicos, que provoquem novos estímulos.

São sete da noite e muita gente sai do trabalho. Viviane passeia inquieta numa esquina movimentada; tem na mão uma pasta com duas folhas em branco. Alguns minutos depois, chega Alexandre; a partir daí, o combinado é que ele seja um autêntico desconhecido. Ela o detém e pergunta se pode fazer uma entrevista de uns poucos minutos, ali mesmo, de pé em plena rua. Ele concorda e ela diz que o assunto é "gostos sexuais". Alexandre se mostra um pouco indeciso; ela faz alguns trejeitos sedutores e ele assente. Viviane começa o interrogatório com certa timidez, indagando se ele gosta de sexo oral, como e onde prefere que isso seja feito; qual é sua posição sexual preferida; se ele tem lugares prediletos para os jogos sexuais. Cada pergunta e cada resposta dão margem para que eles interpretem o papel de desconhecidos que se acendem com a conversa. Falar desses temas na calçada, com outras pessoas passando tão próximas produz uma atmosfera íntima de cumplicidade e excitação. Mas eles continuam se comportando como verdadeiros desconhecidos. Ela é insistente e cada vez mais atrevida nas perguntas: se ele faz uso da língua para agradar a amante; quer que ele dê detalhes... que opine sobre sexo anal. A certa altura, como nos melhores jogos de sedução, ele propõe explicar suas experiências e gostos pondo-os em prática. Ela se mostra acessível, já faz algum tempo que está se contendo porque o jogo dos desconhecidos a faz reprimir uma paixão agora incontrolável. Eles vão para um hotel e reservam um quarto, mas continuam agindo como duas pessoas que acabam de se conhecer. Ela diz para ele se preparar porque a entrevista lhe deu alguma vantagem: conhece os gostos dele, sabe como satisfazê-lo e está mais que disposta a demonstrá-lo...

Os amantes preferem disfarces com alma erótica

"Os personagens eleitos pelos casais para o jogo geralmente recolhem sensações, sopros do passado que deixaram um rastro erótico.

Os personagens eleitos pelos casais para o jogo geralmente recolhem sensações, sopros do passado que deixaram um rastro erótico. Conexões distantes com a infância vinculam-se a figuras que produzem atração, muitas associadas à autoridade, como bombeiros, policiais, médicos e enfermeiras. Ou então assume-se alguma profissão ou atividade idealizada durante a infância, mas que nunca se desenvolveu e flutuou com uma carga extra de sensações que persiste na memória como uma função pendente: caminhoneiro, camareira, músico, ladrão, professora... Ou ainda determinadas roupas e uniformes que implicam na realização de um papel e no exercício de uma atitude em particular. Não se trata apenas de vestir roupas de marinheiro, esportista, bailarina ou gueixa, mas do que elas significam para os amantes, da alma erótica que carregam sob os disfarces e da fascinação de seus efeitos afrodisíacos.

"A rotina costuma ser inimiga das relações sexuais. Diz-se então que é mais fácil evitá-la que lutar contra ela quando já se instalou no relacionamento sexual. Por isso, o tempo que antecede a preparação do encontro sexual, a escolha dos disfarces e o roteiro da cena são tão estimulantes que abrem a mente para novas sensações. E a lembrança posterior do jogo de papéis também prolonga o prazer ao longo dos dias".

Para alguns, é uma forma simples e direta de liberar os desejos sexuais ocultos, reprimidos sob a personalidade cotidiana. Quando se assume o papel de professora repressora, por exemplo, despertam-se sensações e emoções mais duras de autoridade sobre o aluno. Saem à luz atitudes mais rígidas, autoritárias. Por outro lado, se a escolha é a professora boa que ensina ao aluno a desfrutar sua sexualidade, afloram sentimentos maternais que provocam um desejo mais emotivo, mas nem por isso menos voluptuoso.

Por isso, assumir personalidades diferentes de sua própria personalidade também é um jogo disfarçado de jogo. Através desse tipo de interpretação de

conteúdo sexual, canalizam-se desejos ocultos e profundos que de outra maneira não teriam espaço e continuariam reprimidos.

Pode-se atuar de acordo com o personagem sem a necessidade de vestir uma roupa especial. Contudo, a elaboração do ambiente e do disfarce gera um clima sensual que, para alguns amantes, é indispensável. Nesse caso, é preciso uma preparação mediante o diálogo e o acordo mútuo para se entregar ao jogo: um roteiro resumido da cena e a decisão sobre a participação ativa ou passiva. Nessa distribuição de papéis, se expressa grande parte das fantasias submergidas no desejo mais íntimo de ambos, nas origens da excitação espontânea, além de ser um aperitivo lúdico que faz parte dos jogos prévios e dissipam a monotonia das relações sexuais. Por outro lado, de acordo com as circunstâncias, disfarçar-se sem avisar o parceiro pode acabar sendo uma surpresa que também gera excitação pelo inesperado: a espontaneidade é que alimenta a paixão cotidiana.

Ana sente uma devoção especial pelo "trabalho" de Paulo, seu companheiro. Ficou irremediavelmente seduzida e eles mantêm viva a chama dessa paixão interminável, que sempre se renova com ardor renascido. Ela espera no seu quarto, ansiosa e ardente; o arrebatamento aumenta com a espera que se prolonga. Sente um calor profundo que brota dentro do seu corpo como se fossem chamas. Veste apenas uma combinação de gaze transparente, cor de amora e uma tanga que só cobre o seu triângulo sexual depilado.A hora se aproxima. Tudo está preparado. Quando Ana escuta a chave girando na porta, ela se senta na cama e começa a gritar como uma possessa: "foooogo, foooogo!". Alguns segundos depois, Paulo entra no quarto, com um capacete de bombeiro na cabeça, uma jaqueta à prova de fogo aberta que deixa à mostra os pêlos do seu peito, e botas de borracha. Sempre que repetem essa cena, Ana sente que o desejo passa por suas veias e se torna irreprimível: a imagem atlética de Paulo, com sua jaqueta e seu capacete de bombeiro, é o maior e mais efetivo afrodisíaco que ela já provou na vida. Ele tira o capacete e o deixa ao lado da cama. Em seguida, se acaricia sedutoramente no peito e começa a tirar devagar a jaqueta, com o olhar cravado em Ana. Enquanto isso, arrebatada pelo desejo, Ana grita: "Vem e apaga este fogo!".

Diga-me como te vestes e te direi o que desejas

"A visão popular comete o erro de acreditar que todos os homens que se disfarçam com roupa de mulher nos jogos de papéis são homossexuais. Na realidade, 0 que ocorre é que as fantasias indicam que a libido costuma crescer com aquilo que é proibido pela sociedade".

As roupas que dão identidade ao personagem no jogo de papéis são um incentivo a mais que ajuda a compor o papel e torna a situação mais verossímil para o casal, de modo que o impacto é ainda maior. O habitual é interpretar personagens não muito comuns, mas tampouco desconhecidos a ponto de fazer com que o amante não os reconheça e que o jogo perca seu efeito visual. Em geral, os papéis mais comuns entre os homens são os de executivo, militares de mar, terra e ar, operários de construção e exploradores, entre outros. Mas as roupas de médico, de escravo e de bombeiro também são bastante utilizadas. As mulheres, por sua vez, optam pelas linhas de colegial, criada, enfermeira, professora, bailarina árabe, prostituta ou senhora da alta sociedade, por exemplo.

O disfarce é de grande ajuda para criar a ilusão do intérprete e o estimula

a incorporar o personagem na totalidade de sua dimensão; ele encarna melhor o personagem, como se fosse numa cena teatral; ajusta o tom de voz e se movimenta com seus gestos e trejeitos característicos. Não ter medo do ridículo e do preconceito inibitório reforça o sentido lúdico da situação. Por fim, trata-se apenas de um jogo para desfrutar, mas os risos quebram a atmosfera da representação. Aconselha-se não impor regras rigorosas ao jogo, a não ser que a formalidade faça parte do prazer desejado pelos amantes.

"Não ter medo do ridículo e do preconceito inibitório reforça o sentido lúdico da situação".

As representações do rol playing não se limitam necessariamente à esfera íntima do casal, já que podem se estender a festas em ambientes liberais, onde os disfarces sejam um trampolim para o sexo grupal. Há também a alternativa de agregar uma terceira pessoa para interpretar um papel na cena, ou montar festas temáticas nas quais as pessoas só possam entrar disfarçadas de cachorros e gatos, índios e vaqueiros, e outros personagens que se complementem e produzam um ambiente de atração sexual. Um jogo bastante freqüente, e que se observa tanto em festas temáticas grupais como na intimidade, é a troca de papéis sexuais nas vestimentas dos amantes: ela se veste de homem e ele, de mulher. Muitos homens sentem um prazer especial — compartilhado com suas amantes — quando estão com meias de seda, ligas, calcinhas e até sutiãs. Não menos do que sente a mulher com uma camisa larga de homem, uma cueca ou uma gravata, completando a vestimenta com um chapéu masculino.

"Sofia se surpreende e, boquiaberta. se extasia enquanto olha o amante com um desejo novo para ela".

No melhor estilo dos filmes dos anos cinqüenta, Sofia chega na casa do amante com óculos escuros, apesar do sol tênue do meio da tarde, um lenço cor de vinho na cabeça e um intrigante traje de gabardina mostarda abotoado até o pescoço. Álvaro sai para recebê-la e lhe dá um beijo suave nos lábios, sussurrando no seu ouvido que o espere no quarto: hoje ela vai gozar como nunca. A promessa a faz vibrar. No quarto, iluminado com a luz mortiça do

abajur, soa ao fundo o saxofone de Charlie Parker com Lover Man. Ela se senta na cama, desabotoa a gabardina envolta pela música sonhadora e tira o lenço para soltar seus cabelos pretos. A ansiedade aumenta e os segundos parecem horas. As batidas do seu coração aceleram subitamente quando ela escuta passos no corredor. Álvaro aparece em seguida e se apóia na porta do quarto de maneira sensual. Ele está com ligas pretas, meias de seda pretas e, completando este conjunto provocativo, um corpete de seda também preto. Sofia se surpreende e, boquiaberta, se extasia enquanto olha o amante com um desejo novo para ela. Com sua melhor pose de sedução masculina, Álvaro avança na direção de Sofia com um bale ritualístico de conquista, sem pressa, com volúpia. Chega ao lado dela, senta-se com uma lentidão estudada e lhe dá um abraço. Sofia se entrega, à espera de mais surpresas, ela quer ser amada de forma inesperada, quer seguir adiante. Ele a abraça, beija seu pescoço, diz que a ama muito e passa a língua no ouvido de Sofia, fazendo-a sentir calafrios nas costas. Depois, vira-a de costas, tira a roupa dela e a deita na cama para fazer uma massagem da nuca até os pés. Aos poucos esfrega o tecido suave do seu corpete nas costas de Sofia; tira uma liga e a põe na boca para que ela a chupe, enquanto ele desce até os dedos dos pés para lambê-los. De repente, ela toma o comando, senta-se na cama e começa a desnudá-lo; lentamente, tira uma meia... depois a outra... desabotoa os fechos do corpete com uma lentidão exasperadora, ao mesmo tempo em que o olha nos olhos e mergulha para devorá-lo com os lábios...

Fantasias, esses filmes da imaginação

"Existem hotéis rotativos que alugam quartos equipados com cenografia e disfarces adequados à representação de fantasias sexuais temáticas: casais do Império Romano, temíveis vikings, Tarzã e suas aventuras na selva, náufragos em ilhas desertas. Um exemplo é uma fantasia de troca de gênero, na qual o amante masculino deseja representar uma cena de lesbianismo".

As fantasias sexuais elaboradas pela mente nem sempre podem se tornar realidade, e às vezes é até aconselhável não tentar. Em certos casos, as

esperanças de concretizar a fantasia predileta são quase nulas. Essa constatação pode levar ao desencanto, porque muitas vezes a realidade não oferece o que se espera dela, seja porque o parceiro não responde exatamente conforme o que se imaginou, ou porque participam da fantasia pessoas desconhecidas, sobre as quais não se pode exercer controle algum, ou então porque não se pode induzi-las a participar do jogo, o que aumenta o risco de fracasso. A contrapartida é a representação simbólica da fantasia, combinada *com o amante ou com pessoas* de confiança através do jogo de papéis. É uma opção que se converte numa prática que pode ampliar e realçar a experiência sexual. Implica em liberar a imaginação para idéias aparentemente mais loucas e tentadoras, tornando-as reais mediante a montagem de um cenário adequado e com disfarces que dêem veracidade à criação dos personagens escolhidos.

Um exemplo é uma fantasia de troca de gênero, na qual o amante masculino deseja representar uma cena de lesbianismo. Para o papel, além de se vestir de mulher, ele também precisa se preparar psicologicamente. Às vezes, ele pode mudar de nome, optando por um nome feminino que lhe agrade, e também escolher o caráter do personagem, dócil, agradável e submetido, ou agressivo, dominante e seco. Os espelhos no ambiente são uma parte importante na cenografia e podem reforçar seu novo papel. Vestido de mulher, ele assumirá melhor o personagem, acreditará nele, e sua fantasia o excitará até limites desconhecidos. Outras fantasias freqüentes são o rapto, o roubo, a escravidão sexual, a violação, os jogos militares, o calouro universitário, a perda de liberdade momentânea, a captura por índios ou o encontro com extraterrestres.

"A situação a deixa exaltada, sua calcinha já está úmida e a pele avermelhada".

O revólver preto, calibre 45, é leve e de plástico, mas em sua mão parece de verdade. A meia que cobre sua cabeça, deformando o rosto e tornando-o irreconhecível, foi tirada de uma caixa na cômoda. Oscar está escondido atrás da cortina da sala, enquanto Paula, vestida com camisa de pijama e calcinha, assiste tevê no quarto, no segundo piso. Ele sobe rapidamente a escada, mas sem fazer barulho, chega na porta do quarto e a vê deitada na cama, despreocupada; espera alguns segundos e entra gritando: "Sua vadia,

quietinha, me dê tudo que tem". Ela se sobressalta e não consegue conter um gritinho, afogado pela angústia. Senta-se na cama e seu rosto mostra medo. A adrenalina flui em alta velocidade. Ela está atemorizada e excitada. Ele aponta a arma e se aproxima, dizendo-lhe que mudou de idéia: primeiro eles vão se divertir um pouco. Paula respira agitada e olha a arma, que se aproxima cada vez mais de sua boca, até que ela não agüenta mais e começa a chupar o cano dessa arma com sofreguidão. Lambe com voluptuosidade, como se fosse um prolongamento do membro do suposto ladrão. A situação a deixa exaltada, sua calcinha já está úmida e a pele avermelhada. Ele não perde a calma e toma o controle: puxa a arma, empurra Paula sobre a cama e, com muita serenidade, acaricia os seios e passa a arma em torno dos mamilos duros. Ela morde os lábios e mexe a cabeça de um lado para o outro; está próxima do clímax. Grita para o assaltante fazer o que quiser com ela, pois é o que deseja, quer entregar-se... Ele arranca bruscamente a camisa do pijama de Paula e depois tira a meia da cabeça para amordaçá-la com suavidade. Ela grita que não e não uma e outra vez, mas seu corpo diz outra coisa: suas pernas estão juntas e apertadas, mas só ficam assim até o instante em que ele puxa a tira da calcinha com a ponta do revólver. Ela cede, com a barriga oscilando pra cima e pra baixo, como se buscasse ar em cada golfada. Por fim, ela abre as pernas com movimentos sensuais frente ao "agressor"; levanta os quadris, inclina as costas e chama atenção para sua vulva inflamada de desejo. Ele arranca a calcinha de Paula e enfia a língua entre aqueles lábios úmidos, violando sua intimidade...

Um caminho de sensações encontradas

"No jogo de papéis o argumento está estreitamente ligado ao papel e à cena a ser representada".

Todo ator interpreta seu papel a partir de um roteiro baseado num argumento. Ou seja, ele incorpora a personalidade do personagem e o elabora segundo o indicado. No jogo de papéis, o argumento está estreitamente ligado ao papel e à cena a ser representada. A proposta de situações recriadas nasce da imaginação: fantasiar sobre o que sente o personagem escolhido e se essas

sensações são estimulantes para o amante que o elegeu. Trata-se de descobrir o lado erótico e sensual dessa personalidade, elevando a excitação e o desejo. Na representação da professora, por exemplo, além de se usufruir as conotações de poder que tal personagem implica, certamente será enriquecedor se a isso se acrescentarem os elementos da própria sexualidade, porque dessa forma também se faz uma nova interpretação de si mesmo, agregando nuances bem diferentes da própria personalidade, nuances que mudam segundo o personagem escolhido. Cada papel se enlaça com sensações distintas: a humilhação, o poder, a ingenuidade. Todas elas enviam sinais excitantes e despertam a paixão, tanto em quem as interpreta como no outro amante. Em geral, essas emoções estão ligadas a sentimentos profundos e ocultos. O interessante do jogo de papéis é que, em meio a um ambiente lúdico, descontraído e desinibido, podem emergir antigas repressões, fantasias, desejos ocultados; ou seja, um grande número de sentimentos que na vida diária se acham escondidos nas profundezas do inconsciente e se exteriorizam mais facilmente com a representação do personagem. A isso se soma algo ainda mais interessante: a aceitação do amante durante o jogo estimula a descontração e a entrega ao desejo, sem o medo de ser julgado negativamente ou de ser rechaçado pelo outro. Em suma, o jogo de papéis tem o valor adicional de trazer à tona as fantasias secretas e os gostos não confessados. Tais elementos enriquecem o relacionamento com motivações positivas, para que se dissipe a solenidade do sexo, dotando-o de um componente lúdico.

O velho jaleco de médico do pai de Adriano está pendurado no armário do quarto. Lúcia o vê e, com um flash-back instantâneo, seus pensamentos trazem as tardes de verão de sua infância, naquele bairro de chalés e ruas largas com calçadas ajardinadas. Durante a sesta somente as crianças continuavam acordadas; os adultos desapareciam, escapavam do calor com um cochilo à sombra. Lúcia lembra que elas se sentiam livres de qualquer controle para experimentar seus desejos e sensações. Assim ela descobriu a sexualidade: brincando de médico. Adriano entra no quarto e o filme de sua memória se detém de supetão, mas não os estímulos provocados por aquele jaleco. Ela logo pede ao amante que abandonem seus planos para brincar. Adriano não consegue resistir a esse tom ansioso, imperativo e ao mesmo tempo cheio de

desejo terno. Ela tira o vestido vermelho e põe o jaleco, que bate nos seus joelhos. Deixa os três botões de cima abertos, por onde aparecem os seios, e os dois de baixo, de modo que o movimento de suas pernas deixa ver sua calcinha cor de salmão. Ela ordena que Adriano tire a camisa e se sente na cama. Pergunta se ele está com tosse e lhe pede para mostrar a língua... aproxima-se para olhá-la e nela adere sua língua, com um beijo sensual. Depois, pega o estetoscópio com um revestimento de metal frio e brilhante como um bisturi e esfrega a ponta no peito do amante em busca de algum ferimento imaginário, enquanto molha os lábios com a língua. Ele põe a mão na extremidade do jaleco, sobre um dos joelhos, justamente onde se abre o caminho até a calcinha. Ela segue auscultando, impassível. Chega no umbigo ao mesmo tempo em que ele avança com a mão por dentro da coxa e se delicia com esse trajeto. Indiferente à mão que sobe debaixo do seu jaleco, Lúcia pergunta se seu toque está doendo. Ele diz: "Não, doutora". Ela aproveita para desabotoar a calça e descer o zíper do paciente. Suas mãos descem um pouco mais, se introduzem sob a cueca e acariciam os pêlos pubianos. Ela volta a perguntar se está doendo ali; a única resposta que obtém é um suspiro. A ereção é flagrante sob a cueca e ela percorre com o estetoscópio o tronco do membro duro. Ele devolve a "tortura" e, com um dedo, percorre a abertura da vulva no canto da calcinha. Lúcia se agacha um pouco e apóia o rosto no peito dele para ouvir o coração, que bate com 120 pulsações por minuto. Nessa posição, lambe a pele em brasa de Adriano e diz que a melhor terapia para ele será o contato direto com a medicina. Abre outro botão e apóia os seios na barriga de Adriano, ao mesmo tempo em que se dirige ao pênis e o massageia lentamente. Ele já está com os dedos por dentro da calcinha como agradecimento à doutora, por esse tratamento tão agradável e preferencial.

Os desejos ocultados se transformam em argumentos

"Entre as fantasias ocultas citadas como motor do rol playing, existem algumas que são boas para elaborar o argumento de uma história. As opções e variantes para armar histórias são quase infinitas, tantas quanto as que a imaginação propõe; pode-se aumentar o tesão recriando sensações voluptuosas e emoções vividas durante a infância".

Entre as fantasias ocultas citadas como motor do *rol playins,* existem algumas que são boas para elaborar o argumento de uma história.

Eis um exemplo que pode ser levado a cabo por um homem e duas mulheres ou um homem e uma mulher que desempenha vários papéis: na cena, o protagonista é um homem capturado por uma rainha malvada e levado à masmorra para ser torturado enquanto ela observa. Tapam os olhos do prisioneiro e o prendem a uma mesa ou uma cama. A rainha ordena, então, a uma mulher chamada *coçadora francesa,* que faça cócegas em cada centímetro do corpo do prisioneiro. Finalmente, ele grita para ser solto e promete se submeter a qualquer ato sexual que a rainha malvada quiser. Ela o recompensa, determinando a uma das mulheres de sua corte que faça uma massagem sensual nele com óleo aromático. Enquanto observa, a rainha malvada expõe exatamente o que deseja. Espantado, ele se nega. Já esperando isso, ela ordena a sua guardiã

que pegue um pedaço de gelo e o deslize pelas zonas mais sensíveis do corpo do prisioneiro. Ele resiste. Então, a rainha manda sua escrava predileta açoitá-lo nos glúteos. No fim, ele se rende e concorda em atender o desejo da rainha.

As opções e variantes para armar histórias são quase infinitas, tantas quanto as que a imaginação propõe: brincar de ser advogado e cliente ou de professora e aluno, onde se pode aumentar o tesão recriando sensações voluptuosas e emoções vividas durante a infância. Ou ainda relações de poder com a intervenção de um militar, um bombeiro e um policial, e a brincadeira entre a prostituta e seu cliente. Pode ser divertida a simulação de Drácula com sua subjugada, ou a do ingênuo que nunca teve uma experiência sexual e está na expectativa de que a amante lhe ensine pouco a pouco a linguagem do sexo.

Uma história clássica, que seduz principalmente as mulheres, é a de duas pessoas desconhecidas que se encontram em algum lugar (na rua, no bar, no elevador) e acabam fazendo sexo. Pode-se recriar a mesma idéia através de comunicações via SMS, mensagens por correio eletrônico ou conversas em chat A única norma é que os diálogos sejam eróticos e sempre entre dois desconhecidos, de modo que não é bom falar a respeito quando se está junto para não quebrar o encanto. Também é possível acrescentar uma pitada a mais de tesão à situação: fingir que é infiel, mas com o próprio parceiro como amante. Uma segunda fase desse argumento é o encontro: eles decidem se ver "cara a cara", e isso deve ser combinado por e-mail, chat ou SMS; o encontro não pode ser na própria casa, e cada um deverá seguir interpretando o personagem eleito, um misterioso desconhecido para seu amante.

"Entreolham-se sem gesto ou emoção aparentes".

O café daquela esquina, a essa hora da sexta-feira, era o lugar adequado. Mesas de madeira com quatro pés retos, à antiga; um balcão, poucos clientes. Ela entra com uma saia de couro verde com zíper atrás e uma blusa branca. Livrou-se da prisão das peças íntimas e os sapatos altos lhe dão um andar mais elegante e insinuante que o habitual. Atravessa o salão com o olhar até que encontra uma mesa colocada estrategicamente no canto, de onde se tem a visão de outras três mesas enfileiradas junto à parede. Ela parece distraída ouvindo música no seu ipod, mas sua atenção se concentra no que vai acontecer. Dois

minutos depois de ter sentado e pedido um expresso descafeínado, ele entra. Entreolham-se sem gesto ou emoção aparentes. São dois desconhecidos. Devem ser. O jogo começa. Ele se senta à mesa, frente a ela. Está um pouco tenso. Quando o garçom se aproxima, pede uma cerveja e se esforça para não olhá-la. Mas ela crava os olhos nele, tem que conquistá-lo, seduzi-lo. Sorri levemente, mas com uma expressão de intenso desejo. Abre as pernas e ele olha fixamente as suas coxas. Ela abre e fecha as pernas, com cautela, para que outros olhares não interfiram no jogo. Ele responde, abaixa a mão e acaricia o pênis sob a calça. De repente, ela deixa o dinheiro da consumação na mesa, pega a bolsa e se levanta. A última olhada fugaz é um convite. Seus passos se dirigem ao final do balcão, até os banheiros. Ele já sabe o que vai haver, conta até dez e a segue. A porta do banheiro feminino está entreaberta e ele entra com decisão. Ela está sentada na pia com as pernas abertas e a saia levantada. Não trocam uma só palavra. Ele agarra o rosto dela com as duas mãos e a beija apaixonadamente, sugando os lábios e a língua. Estão tão convencidos do papel que interpretam que se tratam como dois desconhecidos sedentos de sexo. Ela reage com ânsia, suas mãos vão diretamente ao zíper da calça para abri-la e abaixá-la. Não pode esperar. Ele está pronto, sua ereção não precisa de ajuda. Levanta a blusa dela, lambe-lhe os seios com ardor e mordisca suavemente os mamilos. Ela inclina a cabeça para trás e solta gemidos agoniados; fecha os olhos e pensa que está nas mãos de um desconhecido que vai fazê-la gozar como nunca. Ele enfia a língua sedenta naquela vulva rósea. Ela se reprime para não gritar e eles serem descobertos, mas agarra a cabeça dele e acompanha o ritmo das lambidas como se estivesse chupando um sorvete. De repente, agarra o cabelo dele, levanta sua cabeça e o olha fixo nos olhos; ele a puxa para a borda da pia e a penetra profundamente, como muitas outras vezes...

Sexo às cegas

Uma venda que tapa os olhos é o melhor instrumento para guiar até esse lugar reservado à imaginação. Parece que as mãos escutam, os ouvidos olham e a boca apalpa. Uma deliciosa e excitante confusão de sensações abre o túnel para uma nova dimensão do prazer. O pulso acelera, a respiração se agita e a ansiedade cresce, à espera de emoções fortes; são surpresas sensuais apenas experimentadas nesse mundo tão esplêndido, sem tempo nem espaço, que ilumina por trás da obscuridade das pálpebras fechadas. A realidade já não se vê, é adivinhada como cenas fantásticas nesse novo universo que arremessa a imaginação até seus confins.

O lenço de seda de suave textura acaricia a pele delicada; o amante o amarra na nuca e se faz obscuridade absoluta. Começa então o jogo das sensações. A situação provoca uma ansiedade erótica única e intransferível. Privado de enxergar, se vê obrigado a se abandonar ao outro, a confiar nele. Essa falta de proteção desliza até um certo temor sensual, que se experimenta intimamente como um reflexo dos medos culturais mais profundos.

"Nem sempre é necessário utilizar um acessório para tapar os olhos do amante a fim de praticar o sexo às cegas. Basta fazer isso em ambientes escuros e com os olhos fechados. Essa opção proporciona mais liberdade e iguala as possibilidades de ação entre os amantes. Abre-lhes o caminho da imaginação e os faz avançar numa situação nova e criativa que costuma ser emocionante".

O temor é a semente do prazer

Os medos encontram-se nas antíteses do prazer. São inibitórios, castradores, especialmente quando transmitidos através da educação sexual repressiva, com base em duas premissas: (1) o proibido não pode provocar gozo, e sim culpa e mais medo; (2) tudo que se afasta do convencional deve despertar

desconfiança e, por conseqüência, também temor. No entanto, as sensações tensas que aparecem com esses fortes preconceitos podem ser revertidas, transformadas em satisfação.

Qualquer pessoa que decide entregar-se ao prazer, mesmo que de forma inconsciente, realiza um exercício que a faz abrir a mente, deixando para trás a necessidade de controlar e o medo provocado pelo descontrole. Deixar-se levar pelo amante ao longo da casa com os olhos tapados, sendo deslocado de um espaço para o outro com sussurros, lambidas e carícias, pode ser extremamente satisfatório. Ao mesmo tempo, talvez seja também um impulso para sensações novas de relaxamento e excitação sexual. *Tempo* é justamente a palavra-chave, pois o fato de não poder enxergar, de não saber se a luz está apagada ou acesa, de não fazer idéia do que há em volta, modifica a percepção temporal do amante que se presta ao jogo do sexo às cegas.

O encontro se dá numa esquina um pouco sombria, onde a iluminação do centro da cidade é menor. Quando ele chega, ambos se entreolham com um semblante de intriga e desejo, mas não se beijam. Ela diz que vai vendar os olhos dele, tal como combinaram pelo telefone. Depois o pega pelo braço e o guia devagar pela viela. Quando chegam ao lugar, ela ainda o conduz pelo braço e o acaricia suavemente, até que a penugem se eriça. Junto ao sofá, ela o ajuda a sentar-se; depois, afasta-se na ponta dos pés para deixá-lo desconcertado. Enquanto isso, ele respira agitado, demonstrando a inquietude do momento, sem saber o que fazer com as mãos. Alguns segundos mais tarde, ela põe na mão dele um copo com uma bebida fria, que lhe dá um calafrio de prazer. Curioso para saber do que se trata, ele o leva à boca: o sabor de rum com morango o encanta. Ela aproveita para desabotoar lentamente a camisa dele. Ele se deixa entregar-se e goza com a falta de controle. Já se abandonou por inteiro e perdeu a noção do espaço, mas gosta disso. É uma sensação nova que o anima a continuar. Seus pés descalços sentem as cócegas da lã da almofada. Sua calça está solta e sua camisa, aberta. Encontra-se totalmente exposto. Ela o pega pela mão e lhe serve de guia até o quarto; re-costa-o na cama. Acaba de despi-lo, deixando-o apenas de cueca. Ele se abandona, deitado na suave colcha que cobre a cama. Espera uma nova surpresa. Ela começa a fazer uma massagem relaxante por todo o corpo dele com um óleo

aromático. Ele sente cada vez mais calor, mais excitação, mas em seguida recebe a descarga fria de uma taça de cristal gelada que toca o seu ombro. Ela domina os tempos e a situação, e ele está fascinado: a visível ereção que transborda por sua cueca é uma prova do seu desejo. E mais ainda quando ela o surpreende com novas e inesperadas sensações; ela o lambe com a língua fria depois de ter chupado gelo, passando-a pela virilha, pelo umbigo, pelo pescoço e pelas orelhas. Bruscamente, ela se retira e o deixa com o mel do desejo nos lábios. E então, sim, chupa por um instante um caramelo de menta e, sem tocar o corpo de seu amante, inesperadamente abocanha a cabeça do pênis que está para fora da cueca. O arrebatamento o faz estremecer e uma ardência leve e úmida na ponta do pênis o submerge num sonho delicioso.

Fronteiras e liberdades para gozar nas sombras

"Nas sex shop e também através da Internet, pode-se comprar máscaras acolchoadas e muito cômodas. Elas possuem duas tiras elásticas suaves para prender-se na cabeça e são especiais para o sexo às cegas".

Como todo jogo, o sexo às cegas tem suas regras, estabelecidas pelos amantes. Muitas vezes, em determinado momento, quem tem os olhos tapados se cansa ou os estímulos acabam causando um efeito contrário à excitação

inicial, o que acarreta a perda do desejo. Em casos assim, é importante se dar a liberdade de dizer basta. É preciso, ainda, ter em mente que a participação nesse jogo só se justifica pelo desfrute, de modo que é necessário falar, ouvir e atuar para obtê-lo. Também é provável que as sensações de prazer e diversão comecem a diminuir em dado momento e, com isso, se perca o interesse; é o aviso de que se deve mudar de estímulo e retirar a venda dos olhos. Trata-se de não impor, nem de se impor nada. Quando surge a necessidade de recuperar o controle da situação, deve-se aceitá-la. Falar dessas questões antes de iniciar o jogo, na primeira vez, é um meio de evitar constrangimento e desfrutar de maneira descontraída, com consciência das liberdades e dos limites. Mesmo porque, em algumas ocasiões, não levar a brincadeira até as últimas conseqüências em busca do clímax e da estabilidade pode ser benéfico: ajuda a prolongar o desejo. E mais: mantendo-se a gana viva, a cena da venda continua sendo interessante para o próximo encontro sexual.

Embora a sugestão de pôr limites possa parecer contraditória, a verdade é que a prática do sexo às cegas tem um toque excitante e uma carga de adrenalina, principalmente na posição indefesa e precária de quem está com a venda. No entanto, para que essas sensações excitantes se prolonguem, é bom variar os estímulos de tempos em tempos, ou à medida que se pratique mais. Isso se faz com a mudança de cenário, com a descoberta de sonoridades mais sugestivas ou texturas e formas que sejam mais estimulantes quando pisadas ou tocadas; ou ainda alternar os dois amantes, para que ambos experimentem a sensação de estar à mercê do outro, na mais completa escuridão. Soltar as rédeas da imaginação também ajuda a criar situações nas quais o mais importante é o que se ouve, se toca, se saboreia ou se cheira: o frio de um cubo de gelo, o calor da cera quente de uma vela, o sumo de uma fruta, o odor do sexo perto do rosto, almofadas aveludadas e sedosas, plumas suaves e lisas... há uma infinidade de recursos que certamente poderão emergir dos gostos pessoais.

É importante selecionar essas sensações, mas como algumas podem ser mais prazerosas que outras, e como algumas podem despertar resistência, é aconselhável que o parceiro seja informado. A capacidade de colocar limites em determinados momentos também dá confiança para que se repita o jogo em outras ocasiões.

Como variante, pode-se ensaiar a troca de papéis: aquele que antes

enxergava passa a ter os olhos tapados e o outro passa a guiar. Além disso, pode-se dar início a uma fase diferente da relação, onde ambos têm os olhos tapados... As sensações é que dão a chave para escolher os caminhos do prazer em cada momento.

"Soltar as rédeas da imaginação também ajuda a criar situações nas quais o mais importante é o que se ouve, se toca, se saboreia ou se cheira".

A festa na casa dos amigos acabou logo. Eles dissimularam o fastio durante umas duas horas, mas ainda é cedo quando saem à rua e suas energias continuam vivas. Antes de entrar no carro, Pedro avisa a Sônia que ela terá uma surpresa. Acomodados lá dentro, com o ar-condicionado refrescando as peles quentes, ele a obriga a se virar para que ele vende seus olhos com um lenço que estava no porta-luvas. Ela respira bem fundo e se entrega sem dizer uma só palavra. Pedro liga o carro e dirige para fora da cidade. Sônia só consegue ouvir os ruídos da noite na rua, os outros carros, assovios distantes, algumas gargalhadas que rompem à espera nos semáforos; sua atenção e sua sensibilidade se aguçaram a partir do instante em que teve os olhos vendados. Seu desejo de desfrutar o inesperado também cresceu. Vez por outra ele roça suas coxas nuas com a ponta dos dedos, só para provocar, mas de leve. Passados alguns minutos, Pedro pára o carro, pede a ela para que saia e que tire os sapatos. Ela se vê inundada pela sensação especial da grama refrescante sob os pés. Entrega-se aos braços dele — é seu guia e seu protetor — para caminhar pelo parque. Alguns passos à frente, ele a solta, e ela sente a excitação e o calafrio de um medo repentino que faz subir a adrenalina. Sente-se abandonada por um instante, mas, um segundo depois, Pedro lhe dá um abraço fora do comum que a deixa sobressaltada. Agachado, ele enlaça as pernas de Sônia e faz carícias dos joelhos até as coxas, subindo o vestido em cada toque sensual de suas mãos. Ela não consegue conter um forte suspiro, que se confunde com um gemido profundo. Apesar da venda e de estar voluntariamente indefesa, ela se vê dependente dessas mãos que anunciam um prazer próximo. O arrebatamento faz com que ela "veja" com a pele, ouça o roçar dos dedos de Pedro na sua calcinha e sinta o odor de sexo que emana de sua vulva umedecida como uma mensagem de aceitação e gozo.

Sensações que transportam para o desconhecido

"Uma palavra sussurrada no ouvido de quem tem os olhos vendados causa uma sensação muito mais intensa".

Uma carícia, quando se vê a mão que acaricia, é menos intensa do que quando não se vê o que se recebe. Vale a pena tirar a prova disso. Quem está momentaneamente privado da visão, além de não saber onde será acariciado nem como será feita essa carícia, talvez nem saiba que será tocado. O tato tem uma força inesperada, todos os sentidos concentram-se nessa sensação.

A visão ajuda bastante a controlar o espaço, a localizar-se. Se é anulada, logo irrompe o descontrole, o deslocamento, a inconsciência de onde se está. Imediatamente, como se disparasse um alarme interno no corpo, os outros quatro sentidos aguçam a sensibilidade e a atenção se concentra neles. O tato, por exemplo, adquire uma força erótica inesperada. Parece que todo o corpo se transforma em uma zona erógena na expectativa de ser tocado.

"Para o jogo sexual de pingar gotas quentes de cera na pele, é aconselhável o uso de velas de parafina, mas sem pinturas metálicas nem cera de abelhas, pois esses produtos aumentam a temperatura. Recomenda-se também não verter cera em zonas com pêlos, a menos que se pretenda depilar".

O senso especial do indivíduo muda muito quando ele não enxerga; ele não sabe aonde o levam, não sabe onde foi colocado, o que o rodeia, assim como não sabe se ao fazer um movimento poderá cair de um sofá ou de uma cadeira. A desorientação é natural: a visão é um dos sentidos que mais contribuem para localização e o controle da situação, de modo que, quando não enxerga nada, o indivíduo concentra suas forças nos quatro sentidos restantes, para poder captar os estímulos com mais intensidade. Uma palavra sussurrada no ouvido de quem tem os olhos vendados causa uma sensação muito mais intensa. A vibração das palavras não se limita ao ouvido; suas ondas se propagam através da pele, da coluna vertebral, até chegar ao púbis.

Todo o corpo se abre a essas sensações exacerbadas e as vivência de uma maneira mais sensível. Os cânones estéticos visuais são substituídos por texturas, sons e aromas. Aprende-se outra vez a gozar o próprio corpo como uma fonte de sensações olfativas e táteis. Trata-se de uma experiência mais natural e vital que se origina em nossos instintos mais primitivos e básicos, sem o condicionamento dos preconceitos estéticos.

Um jogo muito divertido e estimulante no sexo às cegas é a utilização de acessórios surpreendentes e desconhecidos naquele que está com os olhos tapados. Ele não sabe que os acessórios estão por perto, procura tocá-los com as mãos e senti-los na pele, e isso desperta um estímulo. Um exemplo: passar na pele ardente de desejo um copo frio ou roçar com voluptuosidade uma pluma ou uma bola felpuda de tênis. Materiais mais ou menos viscosos e densos, como gelatina ou gel, também podem provocar uma impressão repentina, assim como as gotas quentes de uma vela aromática.

A combinação de texturas também pode ser interessante, pois a sensação de desconcerto — a pessoa não sabe se o que será feito é agradável ou desagradável — é bastante excitante.

É uma tarde quente de verão. Somente uma brisa deixa a atmosfera aprazível. Ernesto e Elvira deitaram para a sesta. Ela está só de calcinha; ele, nada. Um etéreo lençol de algodão cobre seus corpos. Não conseguem dormir. O calor do ambiente e de seus corpos excitados acabou com o sono. Começam a brincar como cachorrinhos. Logo o jogo se torna mais sensual. O calor os faz suar e seus movimentos se tornam mais lentos e voluptuosos. Ernesto se levanta e pede a ela para não ser seguido. Volta com um lenço negro dobrado e coloca-o nos olhos de Elvira. Ela permite. Ele se afasta por um segundo e a contempla; aproxima-se suavemente do pescoço de Elvira e, sem tocá-la, roça-a com a respiração. Ela sente um ar cálido que primeiro se concentra no pescoço e no ouvido, e depois, desce pelo peito até o umbigo. Está calada e atenta, sua vulva começa a umedecer. Ernesto se entretém beijando seus seios e depois acaricia, lambe e mordisca os mamilos até pô-los eretos. Depois, sobe pelo pescoço, passando a língua por aquela pele em chamas, e por fim a enfia na orelha com movimentos circulares e úmidos, que fazem Elvira gemer de prazer. Ele se afasta por alguns instantes, que a ela parecem intermináveis, e em seguida a surpreende com a carícia do pênis — duro pela excitação — que percorre sua pele; Elvira implora para que ele não interrompa as carícias e leva as mãos ao clitóris. Ernesto as retira com delicadeza e sussurra no ouvido dela que se abandone ao prazer. Atravessa de novo o corpo de Elvira com a língua, chupa outra vez os seios, desce até o umbigo — onde se detém brincando com a língua e os dedos — e finalmente chega ao púbis. Muito lentamente, acaricia e lambe as virilhas e brinca com os pêlos eriçados, aproximando-se e afastando-se do clitóris à medida que ela abre as pernas em busca dessa língua úmida e quente...

Os segredos sensuais da penumbra

"Depilar os genitais do amante que tem os olhos vendados é uma sensação diferente e muito estimulante. É preciso primeiro passar creme de barbear na área e, em seguida, estirar a pele com a outra mão, para evitar cortes no púbis, no pênis ou nos testículos; se a depilada é ela, no púbis e nos lábios maiores da vulva. A utilização de peças eróticas, como dildos, bolas chinesas ou tailandesas, óleos aromáticos e vibradores, enriquece o sexo às

cegas porque produz estímulos percebidos com mais sensibilidade, sobretudo quando inesperados".

O fator-chave é a surpresa. Agregar acessórios à relação para desencadear novos efeitos revigora o jogo às cegas, dá-lhe um perfil distinto, criativo e motivador. De acordo com as sensações que se quer provocar no amante — na busca de uma reação excitante ante o inesperado —, pode-se usar lenços de seda para percorrer as zonas erógenas; unhas compridas de plástico para roçar a pele com voluptuosidade e produzir cócegas excitantes; cordas ásperas apenas para roçar, mas que deixam a pele sensível; vibradores e consolos para percorrer a pele estrategicamente... Contudo além dos acessórios utilizados, a execução também tem uma particular importância: um roçar mais forte ou mais fraco, breve ou prolongado, mais suave ou mais áspero, podem transformar a percepção do amante que não está enxergando. E a combinação do acessório com a parte da pele escolhida também é importante: aqui entra em ação o conhecimento das zonas eróticas do amante, algo como seus "pontos fracos", que podem multiplicar o gozo ante o contato.

É preciso ter em mente que se trata de um jogo com variantes, de modo que as metas e propostas podem ser atingidas depois de algumas sessões; não se deve ter a pretensão de despertar todas as sensações em um único encontro de sexo às cegas.

Preparar as variantes é, portanto, uma ação positiva para não deixar a emoção se apagar. Entre esses recursos, pode-se reviver as esquecidas brincadeiras infantis em que a venda dos olhos era uma obrigação: cabra-cega, pôr rabo no burro, esconde-esconde. Ou algo mais sofisticado: tirar fotos ou gravar um vídeo durante o jogo também geram uma sensação peculiar para aquele que não está vendo. O estímulo de perceber o que está acontecendo porque os sons o revelam ou porque o amante vai contando o que grava, sem que se possa ver, acaba sendo intrigante... Depois, ambos poderão ver o vídeo e recriar as sensações em outro encontro, junto à imagem do que não viram antes.

Rosa propõe a Daniel a brincadeira de cabra-cega para esta noite, como naqueles verões no alpendre da casa dos seus avós. A memória da infância a fazia recordar, não sem prazer, daqueles toques iniciais com os quais acabou descobrindo o sexo sem mesmo notar.

Ele aceita e ela tapa os olhos dele com um lenço; abaixa a luz para que a casa fique em penumbra, o faz girar para desorientá-lo e se afasta. Zonzo na silenciosa penumbra do quarto, Daniel começa a procurá-la devagar e precavidamente, com certa indecência. Ela está grudada em uma parede, totalmente nua, e só é denunciada pela forte respiração que palpita em seu peito e pelo odor de sexo que a excitação de sua vulva já espalha ao redor. Rosa não consegue esperar por ele e começa a acariciar o próprio corpo; os braços, a barriga, os seios e depois as pernas, e sua paixão cresce quando o vê indefeso, tateando e procurando-a com volúpia. Ele se atenta a qualquer ruído para orientar-se enquanto a chama em voz alta, explicando como irá lamber e comer cada parte do corpo dela assim que conseguir encontrá-la. Estira uma das mãos e, de repente, roça em algo que parece um mamilo. Avança, mas ela já fugiu. Olha-o sorridente de um canto, em silêncio. Rosa põe uma música suave e ele reage com o som, dirigindo-se até lá, mas ela desaparece outra vez. Numa fração de silêncio, no qual só escuta o seu sangue excitado batendo no coração, ele parece ouvir a respiração dela. Então, muda rapidamente de rumo: estira os braços e dá com o corpo nu e desejoso de Rosa. Ela gira e ele alcança a bunda, reconhece-a e aperta. Ela não escapa, é tomada pelo desejo, e se apóia contra a parede. Ele se aperta contra o corpo nu de Rosa e começa a lamber as costas e os ombros, ainda com a venda nos olhos. Mas já não precisa ver: reconhece milímetro por milímetro de memória a geografia daquele corpo e decide explorá-lo na penumbra...

Quem manda é o prazer

O poder excita. Uma descarga de energia eufórica percorre o corpo quando se sente a supremacia sobre os outros, e estes obedecem. Uma leve ansiedade se apodera do corpo, o sangue corre com mais velocidade, o oxigênio infla os pulmões com mais rapidez. A mente acelera, obscurece, e uma vertigem confusa, como se levitasse para controlar o mundo do alto, a precipita irrefreavelmente até um doce autoritarismo. Os efeitos do poder ampliam-se e transmitem sensações cada vez mais claras: esse estado de alerta e de domínio é tentador e sensual, e se reconhece cada vez mais nas cócegas que anunciam o prazer sensual. As ordens repercutem no epicentro do sexo e o fazem vibrar, como se a mão invisível do poder o estivesse masturbando.

A outra face da mesma realidade: o obediente. Subordinado ao poder, ele sente que seu abandono à autoridade do amante o deixa liberado e seguro. Sente-se protegido e obedece. Mas também goza. O submisso se dá conta de que seu corpo repousa de prazer, e que seu sexo se excita quando assume com fascínio a dependência em relação ao poder que o seu dominador onipotente exerce. Suas sensações são agradáveis: ele se oferece, se subjuga c se enche de satisfação; aumentam as batidas do seu desejo. Ele descobre que a obediência cheira a sexo.

Ordens e subjugação com limites

"Quando um dominador e um submisso iniciam uma relação, freqüentemente desconhecem os gostos e os limites de um e de outro. Torna-se então difícil eleger os jogos que podem experimentar. Para solucionar este problema, foram criadas as playlists: são listas de jogos que o submisso deve fazer para que o dominador conheça suas preferências e limites e possa decidir de acordo com eles. Para vencer os medos, é preciso pôr limites prévios à ação".

Mandar e obedecer são as duas faces da mesma moeda: a necessidade de sentir-se seguro. Há pessoas que precisam ter o controle e que os outros o obedeçam, sem questionamentos nem dúvidas. Elas precisam de um acatamento cego. Isto faz parte do seu comportamento. Sentem-se seguras dessa maneira. Os

obedientes têm o mesmo objetivo, mas com uma motivação oposta: liberam endorfinas quando se submetem e se acham sob o manto protetor da autoridade. Tais condutas se reproduzem nas relações dos amantes de forma natural e espontânea, sem que isso signifique necessariamente humilhação, submissão deliberada, domínios enérgicos ou forçados. Trata-se simplesmente de um encontro de personalidades complementares ou da busca de uma melhor sintonia dentro da relação: cada um adota o papel que é mais conveniente ao seu temperamento. Às vezes, essas situações levam os dois parceiros sexuais a dar um passo adiante. Quando comprovam que aqueles momentos proporcionam satisfação a ambos, eles seguem adiante: por que não fazer o jogo no qual aquele que domina faz isso sem reservas e aquele que obedece se submete a essa potência absoluta? É aí que começa o jogo e surgem fantasias muito estimulantes, tão logo os dois escolham seus papéis de dominador e dominado. Algumas pessoas não deixam esse jogo seguir em frente, colocam barreiras pelo medo de sofrer algum dano ou de viver situações pouco agradáveis. Para vencer os medos, é preciso pôr limites prévios à ação. Assim, evitam-se riscos físicos ou golpes emocionais indesejados, sobretudo quando o jogo de dominação e submissão está ligado a situações intencionais de agressividade verbal (insultos e ameaças simuladas), *bondage* ou castigos físicos (bofetadas, beliscões, chicotadas, etc.) controlados e teatrais.

Em casos assim, é fundamental que se ponha limites claros e aceitos por ambos os parceiros do casal, além de se estabelecer palavras-chave (sinais de segurança) para desativar imediatamente o jogo tão logo sejam mencionadas pelo submisso.

"Está disposto a obedecer todas as ordens de sua ama e amante".

Hoje é a vez de Cristina. Ambos estão nus na cama. Ela controla o jogo. De repente, muda sua doçura habitual e interpreta o papel de dominadora rigorosa, como se fosse uma atriz profissional. Gustavo relaxa e sua personalidade forte se transforma na de um cachorrinho de colo, fiel e obediente. Está disposto a obedecer todas as ordens de sua ama e amante. Ela se ajoelha e ordena com voz sensual e firme que ele ponha as mãos detrás das costas e se ajoelhe para ficar frente a frente com ela. Depois de alguns

segundos de tensão, ela diz que ele deve lamber seu peito e descer até o umbigo, sem tocar seus mamilos. Subjugado, Gustavo acata a ordem e goza cumprindo-a. Sua língua se detém no umbigo e depois sobe até o pescoço. Em seguida, ela determina que ele se rasteje por debaixo da ponte formada por suas pernas, roce com a boca os lábios da vulva e percorra o rego de sua bunda sem usar as mãos, senão será castigado. Ele cumpre a ordem da maneira que pode e Cristina deixar escapar um gemido quando sente o roçar da língua em sua vulva. De repente, faz comentários depreciativos, que aumentam a paixão dele. Burlona, ela pergunta como é que um escravo pode ter tanta ereção e se sempre consegue isso sem tocá-la. Gustavo abaixa a cabeça e responde: "Sim, ama". Ela permite que ele solte as mãos que estão atadas às costas e ordena que se sente na cama e comece a se tocar na sua frente, sem deixar de olhá-la. Enquanto ele se masturba, submetendo-se aos desejos dela, Cristina o provoca tocando-se nos mamilos, metendo um dedo na boca e depois brincando com sua vulva. Quando ele acelera os movimentos pela excitação, ela lhe diz que não deve aumentar a velocidade da mão no pênis, nem sequer pensar em ejacular. Ele sente que não poderá resistir muito mais. Ela o olha nos olhos, aproxima-se e respira a poucos centímetros do membro, sem tocá-lo, mas soprando-o. E uma doce tortura. Quando ele está a ponto de estalar de excitação, ela ordena que ele se deite na cama. Cristina se põe de costas sobre ele e se ajeita sobre o pênis. Sua vagina úmida não demora a devorá-lo. Ela se deixa cair levemente para trás, suas mãos se apóiam nos braços dele, que descansam sobre a cama, e o cavalga com sofreguidão, enquanto lembra a ele que a determinação de não ejacular permanece de pé até segunda ordem.

Para os que mandam, para os que obedecem...

"No uso de mordaças para complementar o jogo de dominação e torná-lo mais real, convém não utilizar tiras adesivas ou embalagens para tapar a bocal do parceiro, pois provocam dor e deixam a pele irritada depois de retiradas".

Dominar e ser dominado é um jogo eficaz para quebrar a rotina dos casais estáveis ou para adicionar vivacidade nas relações de amantes que não têm bem definidos os papéis de quem manda e quem obedece na cama. Essa possibilidade, aberta à troca ou à variação dos papéis pode tornar-se bastante estimulante, tanto para as pessoas que não estão acostumadas a mandar ou a tomar a iniciativa como para as que fazem isso habitualmente. O jogo de dominação e submissão converte-se numa fórmula não forçada para aprender a se sair bem em situações nas quais é preciso tomar decisões e fazer com que sejam cumpridas, embora nesse caso se trate apenas de um jogo prazeroso.

No outro extremo, para os que distribuem ordens por caráter ou por

obrigação profissional, também é um jogo válido. Trata-se de pessoas que assumem muita responsabilidade no cotidiano e no trabalho. Não raro, elas se cansam e de exercer o poder continuamente, da pressão que significa tomar decisões de maneira constante e de transferir essa conduta à sua intimidade e pô-la em prática nas relações sexuais. Em algumas ocasiões, a similaridade de atitudes entre a vida profissional e a sexual não é adequada para incentivar a motivação e o desejo. Assim, assumir um papel inverso, sem responsabilidades, cedendo e confiando no parceiro, delegando a tomada de decisões no sexo, por menores que sejam, gera uma descarga de emoções negativas e abre espaço para a libido. A pessoa que assume uma atitude passiva e submissa se sente livre para se deixar levar e gozar, em vez de estar oprimido pela obrigação de dar prazer.

Já faz alguns anos que grandes corporações japonesas puseram em marcha programas de descompressão psicológica para executivos de alto e médio escalão. Trata-se de jogos sexuais de submissão que fazem com que eles se liberem da pressão gerada pela tomada de inumeráveis decisões importantes a cada dia, pressão que impede a recuperação mental e provoca quadros freqüentes de estresse.

"Na técnica do coupage, muito popular no Reino Unido, um dos amantes se põe de quatro sobre o solo e o outro monta nas suas costas. Na boca do submetido colocam-se rédeas unidas a um freio. Enquanto caminha com seu "ginete" às costas, a pessoa que se faz de cavalo deve tomar cuidado com os movimentos, porque a coluna vertebral não está preparada para suportar peso em demasia, e menos ainda nessa posição".

As referências culturais têm muita influência nas decisões do jogo. De acordo com os graus de liberdade ou de inibição sexual dos amantes, eles podem trocar de papéis para modificar os estímulos, tornando-os assim mais eficazes. Algumas pautas podem ser alteradas para favorecer essa flexibilidade no jogo sexual. Embora o típico papel masculino de domínio sobre a mulher esteja entrando em desuso, ainda se conservam muitos valores de dominação masculina. Quando se reverte essa pauta, o estímulo da nova situação acaba dando grande prazer ao homem. Por isso mesmo, muitos gozam bem mais quando são as mulheres que assumem o papel dominante nas relações sexuais. O

homem se excita, deixando-se levar justamente porque a sensação de não ter o controle é uma novidade para ele (afinal, ele foi educado para mandar). O fato de ter de renunciar ao poder em prol da mulher resulta extremamente erótico. Cada vez mais os homens descobrem as amplas possibilidades de desfrute sexual quando são capazes de ultrapassar as barreiras culturais impostas pela tradição.

Em contrapartida, quando existe um equilíbrio — ou seja, quando os papéis de dominador e dominado não estão definidos de modo absoluto, ou quando eles se alternam segundo as circunstâncias e os estados de ânimo —, o jogo ganha outra variante: a dominação começa como uma luta entre os dois para ver quem vence. Eles se empurram, se agarram, se fazem cócegas, se imobilizam... O ganhador impõe suas condições, exerce o domínio e estabelece o que deverá ser feito pelo seu parceiro sexual, que se submete aos seus desejos.

Eles brincam como dois cachorros, nus na cama. Carmem agarra a cabeça dele para sufocá-lo contra os lençóis; Fernando contra-ataca, fazendo cócegas debaixo dos braços dela, nas costas, nas coxas e na planta dos pés. Ela dá gargalhadas convulsivas, mas não se rende. Entre gritos e suspiros, Carmem tenta controlar a situação arremessando-se ao corpo dele. Ele se esquiva e a agarra pelos braços, deixando-a imobilizada. O vencedor é Fernando. E ela sabe o que isso significa: terá de fazer o que ele quiser. Ela continua agitada pelo jogo anterior e está ansiosa pelo que virá. Ele se recupera e ganha tempo para pensar. Alguns segundos depois, diz que ela deve ser uma cadelinha dócil, explicando que ela deve ficar de quatro, engatinhar pela cama até a extremidade e, em seguida, chupar um a um os dedos dos seus pés. Depois, quando ele pedir, ela terá de se arrastar pela cama até chegar perto do seu pênis, para lamber os testículos e o membro como se fossem um sorvete de chocolate. Quando já está bem excitado, Fernando pega Carmem pelos pulsos, deita-a de costas e cavalga sobre ela. Ela se sente imobilizada, não consegue fazer qualquer movimento nem com os braços nem com as pernas; o que tem de fazer é esperar. O jogo acaba de começar...

Amantes de domínio público

"Uma das fantasias mais freqüentes das mulheres nos jogos de dominar e submeter é a violação. Encenar essa ficção para levar tal fantasia a cabo é uma antítese da realidade e não apresenta conotações negativas. As duas partes desfrutam. Simplesmente, ela se excita deixando o homem dominá-la, e ele, 'forçando-a' a se deixar dominar".

O jogo de dominação e submissão nutre-se de palavras, atitudes e acessórios, e cada um desses elementos oferece um leque de possibilidades para a criação de situações diferentes e variadas. É evidente que tais propostas só podem ser entendidas no sentido lúdico e dentro de um contexto determinado e consentido, que dissipa qualquer conotação do poder de agressão que possuem nas relações reais.

Às vezes, a supremacia demonstra-se através de palavras. Influem desde o tom de voz até o tipo de palavras empregadas: insultos (vadia, prostituta, puto, imbecil); vocábulos humilhantes (covarde, lixo); tons imperativos ("ajoelha e lambe a minha mão"); frases de ameaça ("teu castigo será esfregar o chão com a bunda"). A força das palavras, seu significado e sua intensidade ou seu tom (burlão, imperativo, enérgico) costumam disparar por si só a excitação de quem as pronuncia e de quem as recebe.

Quando as atitudes se somam às palavras, é possível tomar decisões como, por exemplo, transferir o jogo para lugares públicos. A relação de dominante e submisso continua nas mesmas condições, com um fato adicional importante: já não se limita à privacidade, desloca-se para um cenário público no qual a ação se desenvolve diante de desconhecidos que ignoram os códigos da relação. Isto supõe um passo a mais nos níveis de excitação desejados pelos amantes. A adrenalina sobe e as cotas de prazer também disparam. Esse aspecto do jogo pode ocorrer por via de palavras ou de ordens concretas. Eis um exemplo: no restaurante, ordenar à pessoa submissa que se deslize da cadeira e que chegue às pernas do dominador, porque ele quer ser masturbado com o pé por baixo da mesa. Ou, numa loja, que a submissa enfie a mão no decote para se acariciar no seio. Ou mandar o submisso sair a passeio sem cueca com sua ama; na rua, ordenar para que ele ponha a mão no bolso da calça, agarre o pênis e o movimente ao ritmo que lhe mandar a dominadora.

Por fim, os acessórios que ajudam na representação de cenas concretas também podem se somar às palavras e às atitudes, tornando mais evidente os papéis de dominador e submisso: mordaças para calar a boca do dominado e deixar claro que a voz dele não tem importância; rédeas e freios para brincar de montar a cavalo; máscaras, capuzes e outros acessórios que, em algumas ocasiões, tornam a situação, previamente consentida, humilhante para o submisso. Não é necessário que se passe do estado de subordinação ao de humilhação, mas às vezes se busca essa passagem como um novo registro de prazer.

"Os acessórios que ajudam na representação de cenas concretas também podem se somar às palavras e às atitudes, tornando mais evidentes os papéis de dominador e submisso".

O sonho de Marta era encontrar um amante que fosse capaz de fazer com que ela experimentasse novas sensações. Sua fantasia mais recorrente era um vibrador com controle remoto que ela ganhava de presente de um colega de trabalho de quem gostava, e que ele ficava com esse controle. Nos seus sonhos úmidos, a sensação de ser dominada a incendiava, mas até então não tinha podido incorporar novos jogos em suas relações. Até que um dia conheceu Tomás. A comunicação sexual entre eles se fez rapidamente perfeita. Tomás contou a Marta suas fantasias mais íntimas, e ela descobriu que eram muito parecidas com as dela: ambos se deleitavam com os jogos de dominação e submissão. Começaram a experimentá-los na intimidade e gozavam muito com a troca dos papéis de dominador e submisso, até que um dia ele propôs a realização da fantasia de Marta. Foram a uma sex shop e compraram um vibrador com controle remoto. Marta estava tão ansiosa que quis provar no mesmo dia, mas ele a fez esperar e marcou para o dia seguinte, no seu apartamento. Quando Marta chegou e se aproximou para beijá-lo, Tomás afastou-a e disse que quem fazia as regras era ele. Saíram e ela devia andar pela calçada com o vibrador introduzido na vagina; atrás, Tomás carregava o controle remoto. A ordem era que ela mantivesse uma distância suficiente para que não parecesse que eles estavam juntos, e que ele pudesse ver com clareza o efeito que o vibrador produzia nela. Ele dominava completamente a situação, ativando-o e fazendo-a sentir prazer na hora que queria, e isso despertava todos os seus sentidos. Ela gozou até limites insuspeitados, pois à sensação de não poder controlar os estremecimentos eróticos que recebia na vagina, somava-se a obrigação de se controlar, uma vez que estava na rua e não podia se deixar levar pelas sensações. Enquanto desfrutava, ela ansiava pelo momento em que seria Tomás a penetrá-la, e não mais o vibrador...

Objetos do desejo

Entre Julia Roberts e um sapato, o fetichista escolhe o sapato. Essa frase, mais que uma definição, é uma sentença acertada do psicólogo Moisés Lemlij. Isto porque no fetichismo o desejo pelo objeto prevalece sobre a pessoa que o carrega. Esse devaneio que se elabora com a observação do objeto intensifica o apetite sexual. Uma simples meia, por exemplo, se converte para o fetichista em acessório de culto, que o leva a um estado de êxtase. Ele se isola do contexto, perde momentaneamente a consciência da realidade e só tem olhos para aquele fetiche, que lhe provoca uma atração ilimitada. Embora a obsessão sexual pelos objetos seja tida como uma parafilia, a verdade é que os comportamentos fetichistas são moeda corrente para muitas pessoas sem que necessariamente se transformem em obsessão.

Tradicionalmente, o fetichismo sempre está associado ao desejo masculino, uma vez que as barreiras sociais não permitem que as mulheres desfrutem de outras práticas a não ser o coito convencional.

O termo "fetiche" provém da palavra portuguesa *feitiço,* relacionada a encantamentos, magias e, claro, objetos aos quais se atribui certo poder para conseguir determinados fins. Contudo, provavelmente a origem mais profunda do fetichismo deve ser procurada na África, onde muitas etnias e clãs politeístas dispunham de pequenos deuses próprios — são os povos animistas. Suas divindades eram simbolizadas por objetos ou figuras confeccionados com diferentes materiais, desde grandes totens a pequenos amuletos; muitos deles eram associados à sexualidade. Daquela antiga magia à paixão pelos objetos sexuais, abrem-se novas possibilidades.

Uma longa via até o desejo

"Em uma sociedade que julga com rigor os comportamentos sexuais que fogem às normas pré-estabelecidas, muitos homens e mulheres não se atrevem a revelar suas condutas fetichistas a seus próprios parceiros estáveis. Para satisfazer seus desejos sobre alguns objetos e fantasias, recorrem a relações esporádicas. O sexo proporciona instantes muito especiais e também inúmeros fetiches, que provocam desejos com diferentes intensidades".

Uma caneta esferográfica, uma camisa ou uma carta podem funcionar como objetos de fetiche. É o que se observa diariamente na conduta cabalística de algumas pessoas. Muita gente precisa de impulsos mágicos para superar a debilidade de caráter, as baixas de ânimo ou as inseguranças próprias de sua personalidade. Quando saem à procura de trabalho, encomendam aquela caneta "da sorte"; quando vão ver seu time de futebol, vestem a camisa que deu sorte no domingo anterior; quando se tem de fazer um exame, a sorte é convocada por meio daquele vestido ou daqueles sapatos. Assim os fetichistas atribuem valores e propriedades especiais a coisas inanimadas, que passam a ter um significado fundamental nos momentos especiais da vida.

O sexo proporciona instantes muito especiais e também inúmeros fetiches, que provocam desejos com diferentes intensidades. O objeto eleito transmite proteção, infunde segurança à pessoa, de modo que nunca poderia ser uma tarântula ou um escorpião, por exemplo, cujas conotações negativas são evidentes.

As variantes de objetos do desejo se inscrevem em duas áreas: partes do corpo e objetos inanimados. Entre os primeiros, a fixação passional concentra-se nos peitos, nas nádegas, nos pés ou no umbigo, entre outros. Embora os objetos inanimados sejam inumeráveis na hora de optar por um fetiche, escolhem-se com mais freqüência sapatos, roupas de couro ou de pele, calcinhas, sutiãs, cuecas e gravatas, entre outros. A eleição do objeto que irá despertar tal paixão irreprimível não costuma ser casual. Ela se deve a condicionamentos ou a condutas aprendidas em duas fases nas quais a criança tem maiores impulsos sexuais: entre a primeira infância e a idade pré-escolar, e depois durante a puberdade. Nessas fases do desenvolvimento, ocorre algo que fica registrado na

mente e que mais tarde afeta o comportamento sexual do adulto.

O caminho para que um objeto se converta em fetiche se forma com o tempo na mente do adolescente, que identifica alguns tipos de sapatos ou de lenços, por exemplo, com alguma mensagem de afeto e de proteção de sua mãe ou de uma mulher do seu ambiente familiar, perto da qual ele se sente animado, seguro, protegido e excitado. Durante esse processo inconsciente, se cultiva essa atração interior que liga esses objetos a mensagens de sensualidade e erotismo. É assim que determinadas coisas (cuecas, por exemplo) são associadas à libido, de maneira a fazer com que a pessoa crie uma predileção, uma afinidade singular com um objeto em especial, que com o tempo se transforma em objeto de desejo.

Carregando sua pequena maleta na área comercial do aeroporto, ela chega à loja de roupas masculinas e vai até a seção de roupas íntimas. Verônica é comissária de bordo e conhece esse aeroporto como se fosse sua própria casa. Caminha com passo seguro, sabe o que quer. Percorre as prateleiras e escolhe duas cuecas de algodão: uma roxa e outra negra; depois pega algumas sungas com desenhos infantis e outras com inscrições divertidas na parte da frente. Só em tê-las nas mãos, ela já fica excitada. As lembranças do último encontro com Alberto no seu apartamento trazem imagens que ela quer repetir. Paga e sai rápido para pegar um táxi rumo à casa do amante. Durante o trajeto liga o celular para avisá-lo de que está com "a mercadoria" e que ele vá se preparando; só de pensar, sua vagina pulsa.

Alguns minutos mais tarde, ela entra na casa de Alberto. Ele a recebe de roupão, pois saiu da ducha há pouco. Verônica se senta no sofá e pergunta se ele está preparado. Na atmosfera, respira-se certa tensão erótica. Ela controla a paixão e, com voz sensual, pede para ele tirar o roupão. Alberto está com uma cueca branca, com pequenos traços azuis. Põe uma música suave de cordas e começa a se mexer com voluptuosidade no mesmo ritmo sobre a almofada da sala. De repente, se detém ante o olhar luxurioso de Verônica, tira a cueca e joga na cara dela. O olhar de Verônica se ilumina, ela pega a peça e esfrega no rosto; em seguida, enterra o nariz e inala. Logo depois, tira as cuecas e sungas da bolsa e arremete contra Alberto para iniciar um novo passe. Ele brinca com a coreografia. As sungas estão muito justas, seu pênis inchado se destaca sob o

tecido, ele esfrega suavemente a mão ali, enquanto ela se acaricia nos seios com a cueca. Depois de alguns movimentos sensuais, ele tira de novo a sunga e ela solta um suspiro profundo. Em poucos segundos tem nas mãos outro troféu, que inala e lambe com deleite, molhando cada pedaço do pano. Antes de passar uma nova prenda para Alberto, entreabre as pernas e passa uma outra cueca por elas, detendo-se por um instante no clitóris para acariciá-lo com a cueca. Depois, deixa-a de lado, e Alberto se prepara para se exibir outra vez para ela. Enquanto isso, Verônica brinca com as prendas sobre o próprio corpo, já à beira do orgasmo.

Os aparatos que fazem gozar

"Os objetos enriquecem a sexualidade. Quando uma mulher compra roupas íntimas sexy ou meias de seda com ligas, é porque sabe que isso vai excitar seu parceiro sexual. E quando ele veste cuecas que ressaltam o membro ou camisetas justas que destacam os ombros, é porque também sabe o que isso desperta nela".

Os fetiches dependem de cada pessoa e sua lista pode ser muito extensa; no entanto, há uma série de objetos que se repetem no desejo coletivo. Em

alguns casos, não é sequer o objeto em si, mas o material de que é feito, e que desperta uma atração irrenunciável. Intervém então os sentidos do tato e do olfato, uma vez que a excitação aumenta ao toque de uma textura determinada ou ao deleite de seu aroma característico.

"Entre todos os objetos de desejo, a roupa íntima talvez seja a que apresenta as maiores variantes".

Os sapatos de salto agulha estão associados à imagem tradicional do erotismo sofisticado. Contudo, os sapatos em geral são uma sedução fetichista muito comum. O que se diz é que a atração pelos sapatos tem antecedentes nos tempos mais antigos: as crianças, quando engatinham, fixam-se nos sapatos da mãe ou do pai porque são eles que os levantam do chão ou brincam com elas. O sapato aparece, assim, como um acessório vinculado ao cuidado e à proteção. Mais tarde, com o reaparecimento dessas sensações nos adultos, o calçado fetiche tanto pode ser de qualquer forma ou cor como se aproximar do estilo e do tom daquelas primeiras lembranças retidas pelo inconsciente.

A indumentária e os acessórios de látex ou de borracha também costumam ser bastante sugestivos. Associam-se a sensações táteis e olfativas que ficaram registradas e reagem quando esse estímulo reaparece. Os que se deleitam com esses materiais os têm habitualmente em roupas íntimas, camisetas, calças, saias... Ou, quando o jogo apresenta outras conotações, também colocam máscaras e brincam com chicotes e chibatas.

Algo similar ocorre com as peles e o couro, materiais que se encontram no ranking dos preferidos por muitos amantes de objetos. O desejo de apalpar peles associa-se à cócega agradável de acariciar ou esfregar animais domésticos, casacos de pele, bichinhos de pelúcia ou mesmo cadeiras ou sofás de veludo. Transferido o jogo para o terreno sexual, utilizam-se boas de plumas ou peles de coelho, por exemplo, para se conseguir uma suave e deliciosa estimulação com o roçar da pele.

Porém entre todos os objetos de desejo, as roupas íntimas talvez sejam as que apresentam as maiores variantes. Olhar o amante usando uma roupa íntima diferente, sugestiva e com determinadas formas e cores é um estímulo tão freqüente que é possível dizer que tanto os lenços como as roupas íntimas

masculinas ultrapassaram a barreira do inconfessável para "sair do armário" e mostrar-se como uma atração viva. Um bom exemplo é a moda jovem que deixa à mostra calcinhas, tangas e cuecas por cima das calças ou das saias. Independentemente do grau de inocência dessa atitude, existe um jogo sexual implícito, que funciona com duas práticas abordadas neste livro: o olhar furtivo da prenda estimulante e o fetiche que esta representa. Algo parecido acontece com os decotes profundos de blusas ou camisetas de tecidos leves e semitransparentes. Não só as formas que se adivinham sob as roupas são estimulantes, mas também as partes do sutiã que se deixam ver.

É tarde de sábado e Roberto sai do ginásio apressado; a camiseta e a calça de moletom estão suadas pelo esforço. Chega em casa pensando em tomar uma ducha. Gabriela está lendo um livro, deitada no sofá da sala. Ele entra, joga a bolsa debaixo da mesa... e quando ela abaixa o livro para protestar por esse descuido, o vê com a roupa esportiva suada e sente esse aroma forte e penetrante tão característico. O cheiro de suor muda o humor dela. Ela se vê tomada por um choque que percorre todo o seu corpo e a estimula como uma corrente de energia. Ela o vê parado a dois metros de onde está, com os músculos do peito e dos braços bem definidos, o traseiro firme e as coxas duras, e isso é algo a que ela não consegue resistir. Deixa a leitura de lado e se concentra nesse vertiginoso atrativo. Pede para que Roberto se aproxime, mas ele reluta. Não quer porque sabe que cheira a suor. Por fim, assente. Aproxima-se de Gabriela, dá um beijo nela e faz menção de sair, mas ela o abraça e sente aquele corpo forte que apalpa, ao mesmo tempo em que o odor de transpiração e de homem agitado a trespassa. Ele faz um esforço para desprender-se do abraço, mas não consegue. Ela aproveita para dizer no ouvido dele, com uma voz que imita um gato ronronando, que está encantada e excitada com aquele cheiro. Passa a língua pela camiseta de Roberto, e depois desce até a calça úmida de moletom. Ele se rende e a deixa seguir em frente. Ela se abandona ao prazer e mete a cara na axila dele para começar uma dança voluptuosa, que leva o desejo dos dois por um longo e gozoso caminho até o clímax.

Peitos, bundas e outras fixações

"A preferência pelas axilas leva alguns homens a fazer sexo nessas partes. Colocam o pênis na axila da amante, ela abaixa o braço para apertá-lo junto a seu corpo e deixa um buraco estreito onde a fricção torna-se prazerosa. Essa posição também dá liberdade de ação para que ambos os amantes possam se estimular mutuamente por todo o corpo".

Além de alimentara libido com objetos inanimados, os amantes também idealizam algumas partes do corpo dos seus parceiros. Durante o jogo erótico, dedicam um tempo especial em acariciar e beijar com esmero a parte eleita, um mecanismo fetichista muitas vezes inconsciente que pode ser muito estimulante para ambos os parceiros sexuais.

Quando os meios de comunicação falam de sexo, o jogo mais freqüente que estabelecem é uma entrevista onde se pergunta a uma pessoa qual é a primeira coisa que chama a atenção dela quando olha um homem ou uma mulher. É um jogo, porque a intenção real da pergunta é averiguar que parte do corpo provoca excitação, desperta o desejo sexual. Nas respostas dos homens, quase sempre se destacam primeiro os seios e, depois, a bunda. Já as mulheres preferem a bunda, depois alguma outra parte do corpo (as predileções são variadas) e, por fim, o falo. Nas livrarias e na Internet não é difícil encontrar revistas, livros e *sites* dedicados apenas a "garotas peitudas" ou às "melhores

bundas masculinas". Essa fixação sobre uma parte determinada do corpo, que aparece como um requisito importante na hora de procurar amantes, é um comportamento freqüente.

Em geral, todos se sentem atraídos por determinadas cores ou tamanhos de cabelo, por mãos de dedos compridos e finos ou curtos e grossos, mas dificilmente se aceita que muitas vezes tais preferências ativem a libido. Entretanto, trata-se de um mecanismo fetichista absolutamente natural — talvez utilizado de maneira inconsciente — desde que não se converta em obsessão.

Seus comentários são motivo de piada no trabalho. Quando olha uma mulher, seus olhos sempre acabam no mesmo lugar: os peitos. Luis os classifica como peitões, peitos avantajados, peitos normais, superpeitos, peitinhos... Ele não pára de falar dos seios, como se eles fossem a única atração sexual existente. Entre as colegas de trabalho, esse perfil fetichista parece divertido e elas chegam até a rir, sobretudo as mais autoconfiantes. Mas já faz alguns dias que uma nova secretária da administração tem ido trabalhar com decotes pronunciados que deixam à mostra o canal entre os peitos e parte deles, firmes e de tamanho considerável. Ela está ciente das preferências de Luis e não faz mais que provocá-lo, pois gosta que admirem seus seios. Cada dia, ela avança um pouco. Quando vão tomar café, ela se aproveita do corredor estreito e passa por trás de Luis com alguma desculpa para roçar os mamilos nas costas dele. Agora, ele está na fase de fazer contato. Quando tem de justificar as notas fiscais de suas viagens, ele fica mais tempo que o habitual, se aproxima para que ela possa ver os comprovantes e roça nos seios dela com o cotovelo ou o braço. Ela também gosta desse jogo, tanto que está resolvida a provocá-lo ainda mais. Quando a hora de almoço de ambos coincide e ninguém está olhando, ela finge que não o vê e ajeita os seios no sutiã, acariciando-os e deixando aparecer furtivamente um mamilo. Ele, por sua vez, observa em silêncio de sua mesa de trabalho. Luis está à espera de uma oportunidade. Sonha cm fazer hora-extra, encontrar-se com ela e, como um bom companheiro, oferecer uma massagem para relaxar a tensão dos ombros, alcançando com as mãos aqueles seios tão desejados. Ela também espera por uma oportunidade para sentir aqueles dedos sobre seus peitos, e só imaginar a possibilidade a faz se masturbar todos os dias.

O discreto encanto dos pés

"Além dos populares, peitos e bundas existe uma outra parte do corpo que também é um objeto de desejo inconfessável: os pés".

Além dos populares peitos e bundas, existe uma outra parte do corpo que também é um objeto de desejo inconfessável: os pés. Ao seu redor, criou-se inclusive uma espécie de mitologia de adoração silenciosa, que só se manifesta em espaços íntimos e privados, pois os pés não têm uma boa imagem social como depositários de poder erótico.

A podolatria (do grego *podo,* pés; *latria,* adoração) refere-se àqueles que sentem uma atração especial pelos pés, com os quais despertam desejos e fantasias sexuais. China, Japão e Tailândia, entre outros países do Extremo Oriente, são a origem de muitas dessas práticas. No Japão, por exemplo, muitos amantes iniciam as preliminares a partir dos pés, com carícias, massagens, beijos e chupões nos dedos, uma influência da reflexologia. Essa ciência compreende os pés como uma representação de outros órgãos do corpo humano, inclusive os genitais. Desse modo, estimulando-os em pontos específicos, é possível despertar o desejo sexual no casal. E o fato é que esse exercício não só consegue excitar quem recebe a estimulação manual e oral, como também quem a realiza.

"Para os casais de amantes que sentem um desejo mútuo pelos pés, existe uma posição parecida com a do 69 que também agrega o sexo oral. Nessa posição, cada um pode chupar e lamber os dedos dos pés do outro e, simultaneamente, usufruir a estimulação do roçar de ambos os corpos".

Em outra cultura oriental, a chinesa, construiu-se o mito a partir de uma lenda cuja narração remonta ao século XI. Dizia-se, à época, que a imperatriz Taki havia nascido com uma má formação congênita que a deixou com os pés muito pequenos. Para evitar que ela se sentisse diferente e discriminada, seu pai decretou que toda mulher aristocrata do império que quisesse se sentir bela e atraente teria de apresentar pés diminutos. A partir de então, começaram a prender os pés das meninas desde o nascimento para que não se desenvolvessem, para que quando chegassem aos treze anos estivessem

totalmente atrofiados e não medissem mais que oito centímetros. Assim, os pés pequenos e delicados passaram a ter uma consideração especial.

No Ocidente, a explicação gira em torno da psicologia. Tal como em outros casos de fetichismo, os pés acabam sendo um centro de atenção especial para os pais da criança na primeira infância, e isso os leva a acariciá-los e beijá-los assiduamente como demonstração de afeto. A criança, por sua vez, também brinca com seus pés quando os descobre aos poucos meses de vida, e graças a uma flexibilidade extraordinária os põe na boca e se entretém, chupando-os como se fossem substitutos dos mamilos maternos. Eis porque o adulto também se sente muito estranho quando regride às lembranças do prazer e do afeto que seus pés receberam, passando por cima das proibições morais que lhe foram impostas com mensagens repressivas: os pés são sujos e não é agradável tocá-los. A realidade é bem outra: eles podem proporcionar prazer. O que pode haver de mal nisso?

"Finalmente, ele se anima e diz que os pés dela o excitam muito".

Rubens vai tomar o café-da-manhã num bar próximo do trabalho. Enquanto toma um expresso com dois croissants, ele olha para o balcão, onde está sentada uma garota morena. Ela brinca com suas sandálias, tirando-as e pondo-as novamente, uma e outra vez, como se fosse um tique nervoso. Rubens repara nisso e crava o olhar nos pés da desconhecida. Está tão abstraído que não percebe que ela girou a cabeça e nota como ele olha. Quando se vê pego em flagrante, Rubens tenta desviar o olhar, mas a garota sorri e pergunta se ele gostou de como ela pintou as unhas dos pés. Balbuciante, ele diz que sim, que gostou da cor do esmalte e que o pé dela é muito bonito. Ela desce do banco, vai até a mesa dele e se senta para continuar essa conversa um tanto incomum. Ester se sente atraída por ele e segue falando sobre assuntos triviais, até que a curiosidade torna-se mais forte e ela volta ao assunto que desencadeara aquele encontro casual: seus pés. Isso sobretudo porque Rubens não parou de olhá-los, assim como a suas pernas, toda vez que teve uma chance. Mas ele também continua falando de outras coisas. Depois de alguns minutos, agora sem pudor, ela diz que não entende por que ele não olha seu decote e suas pernas, e só se sente atraído por seus pés. Finalmente, ele se anima e diz que os pés dela o

excitam muito. Ester rompe em gargalhadas, mas continua pelo caminho tórrido da conversa. Rubens pergunta se alguém já lambeu os pés e chupou os dedos dela durante uma relação sexual. Ela responde que não, mas que seria bom provar. Ele se candidata abertamente e ela o convida para ir à sua casa ao anoitecer.

Após uma jornada de trabalho pensando em Ester, principalmente nos pés dela, às sete da noite ele toca a campainha do apartamento. Ester o recebe com uma combinação de seda entreaberta, sandálias de tiras finas com pulseira e salto alto. Não trocam muitas palavras. Beijam-se no meio da sala com uma paixão acumulada durante horas. Tiram bruscamente a roupa enquanto se lambem simultaneamente, até que Rubens se estira na almofada e pede para que Ester se sente no sofá e estique um pé na cara dele. Ele começa a beijar e a lamber a planta dos pés com muita delicadeza; depois, lambe o espaço entre os dedos, devorando-os com paixão. Ela é tomada por uma corrente elétrica que vai dos pés aos genitais. Não consegue conter o desejo e, enquanto ele chupa um por um os dedos dos seus pés, ela começa a se masturbar com massagens lentas sobre o clitóris, acompanhando o ritmo da língua do seu amante. Ela goza como jamais gozou. Tem dois centros de prazer simultâneos. Quando ele pede para ela abrir as pernas, é para que acaricie o pênis com o outro pé. Ela sente a ereção na planta do pé e o faz rodar lentamente. Pela primeira vez seus pés acompanham suas mãos num êxtase múltiplo, que anuncia a chegada do orgasmo como a erupção de um vulcão.

Sexo anal

C*ontra natura.* É assim que, ainda no século XXI, a Igreja Católica e importantes setores conservadores da opinião pública classificam o sexo anal. A qualificação de antinatural é aplicável, segundo essas correntes ideológicas, a todo ato sexual que não seja para a reprodução, único fim considerado natural. Dentro dessa negação explícita do prazer, o ânus é provavelmente a zona do corpo que mais se tem como tabu.

A influência da linguagem, das idéias e do imaginário católico na vida civil fez com que o sexo anal fosse taxado como sodomia, em referência a Sodoma, a mítica cidade apontada no livro do Gênesis da Bíblia. Essa cidade, que encarnava as piores perversões, foi castigada por Jeová com a destruição. É uma lenda que mescla ficção e exagero premeditado; atualmente, no entanto, essas mesmas idéias perduram na sociedade de alguns países não apenas católicos mas também e, principalmente, islâmicos, e fundamentam leis proibitivas do sexo anal: praticantes são perseguidos em suas vidas privadas e os cidadãos acabam por ter tolhida sua liberdade individual mais íntima.

Não se trata de reivindicar o sexo anal, mas simplesmente de o deixar livre, pela seguinte razão: se o que se busca é prazer, o ânus é uma fonte riquíssima e absolutamente natural de satisfação sexual, tanto para a penetração como para brincadeiras que complementem outros atos prazerosos.

Contra os medos, delicadeza e informação

"Embora seja uma prática das mais prazerosas, a desinformação levanta uma barreira inibitória".

Não só a forte influência cultural colaborou para que as práticas de sexo anal se mantivessem por trás de uma cortina de silêncio. Muitas pessoas, tanto nas relações heterossexuais como homossexuais, temem e resistem por conta dos possíveis problemas higiênicos ou da suposta dor na penetração por essa via. Embora seja uma prática das mais prazerosas, a desinformação levanta uma

barreira inibitória: na dúvida, melhor não fazê-lo. Contudo, incluir o ânus nos jogos sexuais como qualquer outra zona do corpo, e explorá-lo para conhecer suas possibilidades de gozo, pode favorecer a eliminação desses preconceitos.

"As pessoas que têm hemorróidas, fissuras no reto ou qualquer outra patologia anal devem evitar a penetração até resolver o problema. Outro aspecto que se deve levar em conta é o uso de preservativo em todos os casos em que haja penetração, para prevenir a possível transmissão de doenças e também como proteção higiênica".

Nos músculos que rodeiam o orifício anal concentram-se mais terminações nervosas que em qualquer outra parte do corpo, de modo que as possibilidades de o ânus converter-se em emissor de prazer são bem amplas. É importante, então, aprender a brincar com o ânus, incorporá-lo aos jogos eróticos através de carícias com a ponta dos dedos: umedecê-los com a língua e penetrá-los apenas com meia falange, sem pressa nem temor, para experimentar as sensações... até que o desejo peça mais.

Trata-se também de obter informações adequadas que suplantem os medos e as tensões — saber, por exemplo, que a higiene não é um problema, porque se pode limpar o ânus como qualquer outra parte do corpo incorporada nos jogos eróticos, como os pés. Também é preciso compreender que é necessário ir com cuidado e bem devagar, porque a abordagem brusca provoca rechaço e não prazer.

Para gozar o sexo anal com naturalidade, também é vital que se supere o escrúpulo de negação do ânus por fazer parte do aparelho excretor. Não obstante as duas barreiras íntimas ligadas à psicologia do homem e da mulher estão em outro caminho. Os homens heterossexuais acham que o ânus só serve para fins homossexuais. Quando brincam com seu ânus, tocando-o, acariciando-o, penetrando-o com os dedos, e acabam por gozar, é porque são potencialmente homossexuais ou estão a caminho de "transformar-se". Não entendem que o prazer desconhece a orientação sexual e se produz simplesmente como conseqüência de uma estimulação das terminações nervosas. Por outro lado, muitas mulheres rechaçam as carícias anais, sobretudo a penetração, porque são feitas de forma apressada, rude e sem lubrificação. Tais práticas malfeitas

causam uma dor intensa, em vez de prazer.

Sabendo-se que os dois esfíncteres que formam as válvulas de abertura e fechamento do ânus são músculos que se contraem e dilatam como qualquer outro do corpo, é simples entender suas múltiplas possibilidades: estirando-os pouco a pouco com os dedos, como quem amassa e modela, pode-se conseguir uma abertura ampla. Sabendo-se também que o ânus não se autolubrifica como a vagina, fica fácil entender a necessidade de lubrificá-lo com diferentes tipos de creme, para que os dedos, o falo ou o acessório que se queira introduzir possa deslizar sem atritos bruscos ou fricções irritantes e dolorosas.

O quarto 307 é o terreno neutro escolhido. Já faz alguns meses que se conhecem via chat; eles se viram em fotos, e as webcams permitiram que trocassem algumas imagens mais audaciosas. Por fim, eles resolveram se encontrar, sem medo de perder a magia, para verificar se o cibersexo dizia a verdade e se eles são feitos um para o outro. Renata chega primeiro ao hotel e prepara o ambiente como se fosse seu quarto; abaixa a luz, fecha as cortinas para deixar o lugar em penumbras e põe uma música suave. Depois, tira a roupa e veste um penhoar de seda branca que deixa aberto, sem dar nós. Ricardo chega em seguida e a encontra encostada na cama com o penhoar entreaberto e um seio que escapa da proteção do tecido. Enquanto esperava, a imaginação presenteou-a com uma excitação considerável. Ela não quer muitos preâmbulos. Com seu melhor sorriso entre suspiros, ela diz para ele tirar logo a roupa e encostar-se ao lado dela. Ricardo não se faz esperar. Na cama, ela fica completamente nua e toma o controle. Pede para que ele se ponha de barriga para baixo, pois ela vai realizar aquela fantasia que ele havia lhe contado. Ricardo desfruta a situação e obedece sem delongas. Renata beija e lambe a orelha dele e depois o pescoço, com infinita paciência e lentidão. Logo a ponta de sua língua desenha o caminho descendente da coluna vertebral, sem pressa. Ela se detém quando chega ao seu objetivo: aquela bunda tão firme e branca. Acaricia, aperta e percorre, dando voluptuosas lambidas. Ele está passivo, mas sua respiração tem um ritmo cada vez mais acelerado. Embora não seja vista, sua ereção crescente se aprisiona entre os lençóis. Renata abre as nádegas dele e molha o ânus com a ponta da língua. Ele treme com um calafrio fugaz. Ela saliva o orifício e, com um dedo molhado, faz círculos na entrada. De repente,

mete e empurra uma falange e a ponta da língua ao mesmo tempo. Os gemidos de Ricardo substituem a música e se transformam no som de fundo da cena. Ela pega o vibrador, que já está debaixo da almofada, chupa-o bastante para lubrificá-lo e pressiona para começar a introduzi-lo no ânus. Ele se deleita, põe-se de quatro e oferece a bunda. Ela aproveita a ocasião e, ao mesmo tempo em que faz pressão para penetrá-lo mais profundamente, desliza a outra mão entre as pernas para masturbá-lo no mesmo ritmo da penetração.

A chave: limpo por fora e limpo por dentro

"A carga erótica do sexo anal depende da naturalidade com que se tomem suas singularidades. Durante a penetração pelo ânus ou mesmo depois, muitas vezes se produzem ruídos característicos ou o pênis se apresenta um pouco manchado. São situações habituais que devem ser aceitas sem pudor e que são amplamente compensadas pelo gozo ilimitado que se recebe. O fisting anal consiste em introduzir o punho e parte do braço no ânus do amante. Requer uma preparação especial: um clister para esvaziar os intestinos; não ter anéis nos dedos nem unhas compridas; recomenda-se também o uso de luvas de látex. É necessário lubrificar o punho com óleo vegetal e o ânus com lubrificante em abundância, além de

fazer massagens prolongadas para dilatar o ânus. O fisting pode provocar lesões sérias quando realizado de maneira inadequada, e por isso não é tido como uma prática sexual segura".

Se em matéria sexual é permitido desvendar as possibilidades oferecidas por distintas partes do corpo, como as axilas, o peito ou os dedos dos pés, questionados em muitos casos por razões de higiene, por que deixar o ânus, a área mais erógena, a que promete momentos de grande satisfação, fora do jogo? A resposta é simples: é preciso cuidar de sua higiene como de qualquer outra parte do corpo, ainda mais quando os amantes não sentem uma especial atração pelos odores fortes.

A higiene tem uma função destacada no desfrute do ânus, porque pode desimpedir o caminho das inseguranças e vacilações que impedem a entrega decidida e livre a essa prática.

Se a previsão é de um encontro no qual deve haver sexo anal, podem-se tomar medidas higiênicas para que a relação seja mais cômoda. Após defecar e esvaziar os intestinos, recomenda-se lavar a zona anal com cuidado. A parte externa, basta lavar no bidê, mas para que não se conservem restos de matéria fecal no reto, o que se recomenda é utilizar a mangueira da ducha diretamente na área, ou um clister de água morna. Essa água não deve conter nem gel nem outras substâncias; trata-se apenas de enxaguar a parte interna. A higiene cuidadosa dá mais segurança na hora da prática anal e, sobretudo, maior confiança para desfrutar sem problemas.

Mesmo assim, para quem brinca com os dedos no ânus, seja os próprios ou os do amante, é conveniente que se mantenha as mãos e os dedos limpos e que se cortem e lixem as unhas, para que a pele do reto não seja arranhada ou ferida. É a melhor receita para evitar infecções.

A delicada questão da penetração

Sem pausas, mas com calma, as carícias preliminares destinadas à excitação da zona anal devem ter sempre como objetivo relaxar e dilatar os esfíncteres externo e interno. São músculos potentes, de forma circular e de grande elasticidade, cujas possibilidades de estirar-se e abrir o orifício são

notáveis.

"Na mulher, o medo da dor aparece como a barreira inicial que é necessário ultrapassar".

Quando alguém vai ser penetrado pelo pênis ou pelo vibrador, é normal que ocorra uma reação instintiva que faz os esfíncteres anais se fecharem. Assim, para obter uma abertura do ânus de modo a poder penetrá-lo, é preciso fazer o movimento contrário: relaxar os músculos e movê-los como se os preparasse para a defecação. O reflexo inicial gerado por esses movimentos pode transmitir uma sensação de insegurança, mas quando os intestinos são previamente esvaziados e limpou-se o reto, não ocorre nada de imprevisto ou desagradável.

Quando os esfíncteres se abrem, a penetração se produz com naturalidade, mas é preferível fazer isso passo a passo. Primeiro, convém introduzir a ponta de um dedo com saliva e fazer movimentos circulares. Depois, salivar o ânus com a língua e dar beijos prolongados: além de facilitar o relaxamento dos músculos, isso eleva a excitação. Seguramente, quanto mais carícias se fazem no ânus e a libido do receptor aumente, mais ele irá se descontraindo.

O ânus masculino apresenta a particularidade de que é possível estimular a próstata com uma penetração leve, e isso proporciona uma sensação de prazer tão intensa que, além de facilitar a penetração, eleva o desejo a tal ponto que muitos homens ejaculam nesse momento.

Na mulher, o medo da dor aparece como a barreira inicial que é necessário ultrapassar. Para que a excitação suplante tais temores, é recomendável que as carícias no ânus sejam acompanhadas simultaneamente de uma suave masturbação. A sensação crescente de orgasmo que se apodera da mulher favorece a descontração tanto da vagina quanto do ânus, de modo que a penetração se faz sem dificuldade; a transmissão do gozo do orgasmo ao reto ajuda evitar a dor.

O sol caribenho desperta a excitação. Estirada na espreguiçadeira à beira da piscina, Glória espia dissimuladamente por cima dos óculos escuros a bunda arrebitada e firme de um mulato que passeia com seu corpo de ébano

brilhante. Encostado ao lado de sua amante, Raul sorri e observa a maneira hipnotizada com que ela acompanha aquele eu magnífico; faz uma piada para quebrar o clima. Ela se sente flagrada e responde que a bunda daquele homem imponente lhe desperta uma ótima fantasia. O efeito disso é tão forte que Raul também segue no mesmo tom; ele concorda que aqueles músculos redondos e morenos que recheiam a sunga são bastante atraentes. Uma suave brisa sopra no terceiro pavimento do cruzeiro que os leva a Saint Thomas, e várias turistas se põem a dançar com sensualidade. Mas nem por isso eles se distraem. Aquela visão do mulato apodera-se do cérebro de ambos. Uma imagem que muda suas vidas, pelo menos durante esse dia. Da posição privilegiada em que se encontram, Glória e Raul passam a fazer comentários e a qualificar as dezenas de bundas com formas e tamanhos distintos que surgem na cena como frutas apetecíveis. O clima vai se tornando tórrido. Durante a refeição, o diálogo é de um tema só, e desavergonhado: de que eu você gosta, que parte lhe parece mais sensível, quantas experiências você teve e de que tipo... Não esperam pela sobremesa. Estão famintos... mas de sexo, e não de qualquer sexo. Eles se encaminham para o camarote, um com a mão na bunda do outro. Ao chegar, tiram rapidamente as roupas e seus corpos incendiados pelo sol e pelo desejo se unem em abraços e carícias urgentes até cair na cama. Suas mãos ansiosas se cruzam para tocar as pernas, os peitos, as nádegas... De repente, em meio ao frenesi, ela se vira de lado, apoiada no ombro, de costas para ele. É um convite silencioso. Ela encolhe um pouco as pernas e levanta a bunda. Ele se agarra nela e a faz sentir sua ereção em brasa no rego da bunda. Abre as nádegas com as mãos e, depois de salivar o dedo, começa uma massagem circular, prelúdio daquilo que ela deseja. Glória fecha os olhos, apóia a cabeça na almofada e se deixa levar. Ele mete o dedo até o fundo para averiguar a dilatação e, segundos depois, comprime a virilha naquele orifício estreito que dará aos dois um imenso prazer. Ao sentir o pênis na porta do seu ânus, ela geme, crispa a mão no colchão e lambe os lábios de prazer. Agora vem o melhor...

Alicia Gallotti é a autora de livros sobre sexualidade mais lida na América Latina. Articulista da *Playboy* durante mais de dez anos, é argentina, mas mora na Espanha desde 1979. Jornalista, ela se especializou em temas vinculados a relacionamentos de casais, tendo escrito versões mais modernas do clássico e mais famoso livro de sexo do mundo, o *Kama Sutra.* Alicia assina onze títulos, dos quais a Planeta editou no Brasil *Novo Kama Sutra ilustrado, Kama Sutra para homens, Kama Sutra para mulheres, Kama Sutra gay, Kama Sutra para lésbicas, Kama Sutra do sexo oral, Prazer sem limites, Kama Sutra e outras técnicas orientais* e *Guia sexual para adolescentes.* Além do Brasil, outros dez países da América Latina e Europa publicam suas obras.